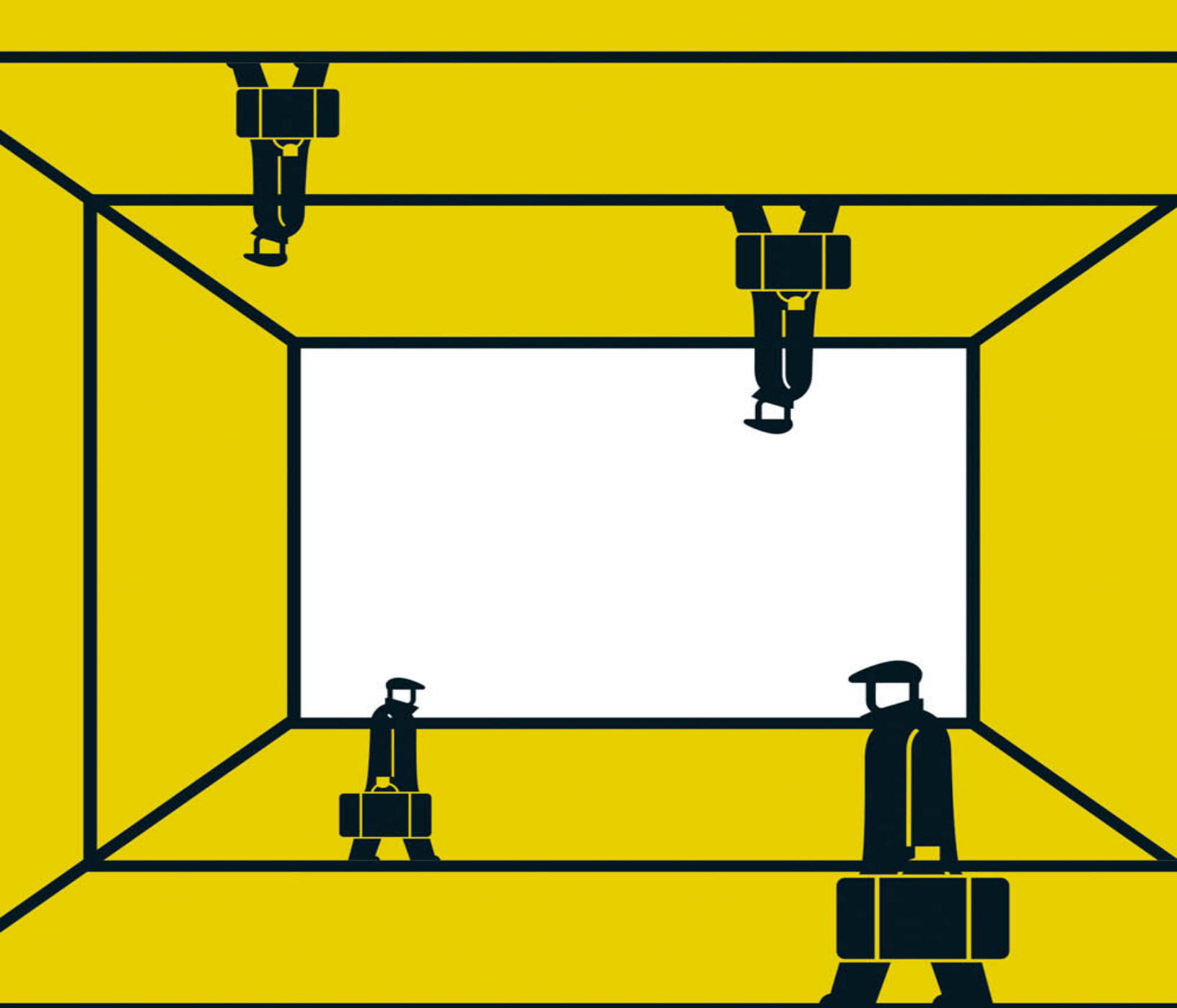




P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

VOLTAIRE

Cândido, ou o Otimismo

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



CÂNDIDO, OU O OTIMISMO

FRANÇOIS-MARIE AROUET (1694-1778), que assumiu posteriormente o nome de VOLTAIRE, foi filho de notário e estudou em uma escola jesuíta de Paris. O pai queria que ele se formasse em direito, mas o jovem já tinha decidido seguir uma carreira literária. Ao ser apresentado ao meio intelectual parisiense, não demorou a se notabilizar como autor de sátiras e odes — reputação não muito invejável, pois a suspeita de ser o autor de uma sátira sobre o regente o levou a cumprir pena na Bastilha. Sua libertação, em 1718, coincidiu com a representação em Paris de sua primeira tragédia, *Édipo*, com grande sucesso, seguida da publicação do poema que escrevera na prisão, o épico nacionalista *La Henriade* (1723), que, aos olhos de seus contemporâneos, colocava-o ao lado de Homero e Virgílio. Após uma segunda temporada na Bastilha, Voltaire passa dois anos e meio (1726-28) na Inglaterra, retornando à França entusiasmado com a cena intelectual e com o sistema de governo mais tolerante que ali encontrara. Esse entusiasmo e sua denúncia do sistema francês de governo são apresentados em suas *Letters concerning the English nation* (1733), que chegaram a ser publicadas em francês no ano seguinte como *Lettres philosophiques*, com sua venda sendo no entanto totalmente proibida na França.

Os quinze anos seguintes Voltaire passou no sítio de sua amiga Madame du Châtelet, onde escreveu suas mais populares tragédias, o *Zadig*, uma espirituosa novela oriental, e começou a trabalhar em *Le siècle de Louis XIV*. Com a morte de Madame du Châtelet, em 1749, Voltaire se viu forçado a passar uma longa temporada na corte de Frederico, o Grande, com quem vinha se correspondendo já havia muitos anos. Ali, pôde completar sua mais importante obra histórica, os *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations* [*Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*] e começar o seu *Dictionnaire philosophique*. Os desentendimentos com Frederico levaram Voltaire a deixar a Prússia em 1753. Mas ele não estava seguro na França. Após vagar por dois anos, estabelece-se próximo a Genebra, conseguindo por fim um lar em Ferney. Foi em seus últimos e mais brilhantes vinte anos de sua vida que ele escreveu *Cândido*, seus diálogos e novos contos, além de publicar seu muito lido *Dicionário filosófico* (1764) em “edição de bolso”, ao mesmo tempo em que conduzia seus incessantes e vigorosos ataques contra o que denominava a “infâmia” — todas as manifestações de tirania e perseguição empreendidas por uma privilegiada ortodoxia na Igreja e no Estado. Morre aos 84 anos, após uma visita triunfal a Paris, de onde estivera exilado por tanto tempo.

MÁRIO LARANJEIRA é professor aposentado da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e tradutor de obras de filosofia, literatura e ensaística francesa. Em 1997, ganhou o prêmio Jabuti pela tradução de *Poetas de França hoje*. Atuou como professor visitante em Toulouse, Rennes e Bordeaux, na França, e vive em São Paulo.

MICHAEL WOOD nasceu em Lincoln, em 1936, onde se formou em gramática. Estudou francês e alemão no St. John's College, em Cambridge, e deu aulas de inglês e literatura comparada na Columbia University, em Nova York, e na Exeter University. Atualmente, é professor de inglês na cadeira Straut, em Princeton. Entre os seus livros, figuram: *Stendhal*, *America in the movies*, *The magician's doubts*, *Franz Kafka* e *The road to Delphi*. É membro da Royal Society of Literature e da American Academy of Arts and Sciences.

THEO CUFFE estudou em Dublin e na Sorbonne. De Saint-Exupéry, traduziu *The little prince* e *Letter to a hostage*, e de Voltaire, *Micromégas and other short fictions*, todos para a Penguin.

VOLTAIRE

Cândido,
ou o Otimismo

Introdução de
MICHAEL WOOD

Notas de
THEO CUFFE

Tradução de
MÁRIO LARANJEIRA



Sumário

Introdução — Michael Wood
CÂNDIDO, OU O OTIMISMO
Notas
Cronologia

Introdução

MICHAEL WOOD

Avisamos aos novos leitores que esta introdução deixa explícitos os detalhes do enredo.

O MELHOR DOS MUNDOS POSSÍVEIS

A palavra “otimismo”, usada pela primeira vez em forma impressa em 1737, representa uma posição filosófica, a afirmação de que, apesar dos erros e das aparências, a criação divina é tão boa quanto pode ser, e o subtítulo de Voltaire visa justamente a essa doutrina. Mas o jovem herói do livro é um otimista também no sentido moderno. Cândido olha para o lado ensolarado quando pode, e nenhum momento de desânimo é capaz de impedir que sua alegria inata retorne. Voltaire não lhe facilita a vida. Cândido habita um mundo estranhamente repleto de desastre, guerra e terremoto, estupro reiterado e a persistente exploração do fraco e do inocente pelo rábido e forte. Ele sofre muito e, atencioso e bom, nota as catástrofes alheias. Desespera-se ao ver em Suriname um escravo que perdeu um braço num acidente num engenho de açúcar e uma perna como castigo por ter tentado fugir. O escravo é muito franco — “É a esse preço que vós comeis açúcar na Europa” (capítulo 19) — e apresenta uma das condenações mais impressionantes e inventivas do livro das práticas desumanas. Os missionários holandeses ensinaram aos escravos africanos convertidos que todos nós, negros e brancos, somos filhos de Adão e, portanto, membros da mesma família. “Ora, haveis de concordar”, diz o escravo, “que não se pode tratar os parentes de maneira mais horrível.” É nesse ponto — o único lugar no livro, à parte o subtítulo — que se emprega a palavra “otimismo”. A abominação da escravidão, exclama Cândido, levaria até mesmo seu mestre Pangloss a renunciar à doutrina do otimismo. Cacambo, o criado de Cândido, não conhece a palavra. “O que é otimismo?”, pergunta. Cândido responde que “é a fúria de sustentar que tudo está bem quando se está mal”. Olha para o negro e chora.

A famosa ridicularização voltairiana da doutrina segundo a qual tudo está ótimo no melhor dos mundos possíveis ataca mais sutilmente (pelo menos) três outras hipóteses mais insidiosas: a de que

podemos transcender totalmente o nosso egoísmo ou provincianismo; a de que é viável um saldo final do equilíbrio do bem e do mal no mundo; a de que as filosofias humanas têm relevância no comportamento humano. O otimismo está comprometido com todos esses empreendimentos, e, embora o nosso sentido moderno seja anacrônico e a amarga definição de *Cândido* não passe de um reflexo de seu desespero, esses significados diferentes não deixam de se relacionar, como diria o escravo mutilado; e o que nos interessa é a sua relação mútua e com o significado mais antigo e oficial da palavra. De fato, quase não vemos otimismo em *Cândido*, a não ser na forma de uma vasta e mordaz farsa dele, e é preciso esforço de imaginação para enxergar que a doutrina não é, ou não tem de ser, pura maluquice provinciana.

Theodore Besterman define o otimismo como a teoria “de que tudo quanto existe e acontece é para o bem”.¹ “Para o bem” já enviesa ligeiramente o argumento. Um significado de “tudo está bem” é simplesmente que tudo é como deve ser, que as coisas não podiam ser diferentes, e, nesse sentido, Voltaire não tem nenhuma discrepância significativa com o otimismo. Simplesmente o considera tautológico e redundante. Pensando nos otimistas ingleses como Henry St. John Bolingbroke, o conde de Shaftesbury e Alexander Pope, ele escreveu no *Dicionário filosófico* (1764): “seu *Tudo está bem* significa tão somente que tudo é controlado por leis imutáveis. Quem não sabe disso?”.² O melhor dos mundos possíveis reduz-se ao único mundo possível, nunca houve outra opção. O livre-arbítrio não se subordina ao destino, mas decerto acaba conspirando com ele.

Mas essa não é a afirmação mais interessante do otimismo. A ideia de que tudo está bem implica uma perspectiva — bem para quem? — e pode oferecer um corretivo útil para as limitações de visão. O mundo não é necessariamente um lugar ruim porque as coisas para mim vão mal. O próprio Voltaire aceitou essa opinião no começo de sua carreira. “O que é ruim em relação a você é bom no arranjo geral”,³ escreveu em *Elementos da filosofia de Newton* (1738). E, naturalmente, as ideias cristãs de um Deus benevolente e de uma queda afortunada são otimistas neste sentido: em última instância, tudo é para o bem mesmo que exista unicamente um vale de labor e

lágrimas por onde prosseguir. Podemos pensar nos versos de Alexander Pope no *Ensaio sobre o homem* (1734):

All Nature is but art, unknown to thee
All chance, direction, which thou canst not see;
All discord, harmony not understood;
All partial evil, universal good^{*4}

Quando Cândido cita Pangloss dizendo que os males do mundo são sombras numa bela pintura, também cita o filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz, um importante defensor do otimismo do século XVIII, que asseverava que “as sombras realçam as cores”.⁵ Esse não é um argumento desprezível, ainda que tenhamos mais afinidade com a proposição de Martinho, o severo companheiro de Cândido, que acha que tais sombras são “manchas horríveis” (capítulo 22). O que afastou Voltaire dessa forma mais complexa de otimismo não foi a recusa de sua lógica nem a convicção de sua falsidade, mas a percepção de sua crueldade potencial e a certeza de que a afirmação, mesmo que verdadeira, não podia ser testada e, pior, era impossível articulá-la sem incorrer numa espécie de cumplicidade com o inaceitável, na adesão excessivamente entusiasta à ideia de que certos horrores, além de inevitáveis, são necessários. “Eu respeito o meu Deus”, escreveu Voltaire no “Poema sobre o desastre de Lisboa”, “mas amo o universo.” E escreveu em outra parte, pensando em Pope: “Um esquisito bem geral! composto de pedra, gota, todos os crimes, todo sofrimento, morte e danação”.⁶ Em *Voltaire's politics* [A política de Voltaire], Peter Gay chega a dizer que “a objeção de Voltaire ao ‘qualquer coisa que é está certa’ não era ao seu otimismo complacente, e sim ao seu pessimismo semicomplacente, semidesesperado [...]. O ataque de Voltaire ao ‘otimismo’ era um ataque ao pessimismo em nome de uma filosofia da atividade”.⁷ Em outras palavras, Voltaire considerava o pessimismo simplesmente fácil demais. A palavra “pessimismo”, convém acrescentar, só passou a ser usada em 1794 e parece ter sido cunhada por Coleridge, posto que o arcabouço mental já existisse claramente desde muito antes, e Voltaire sabia que não gostava dele.

A primeira arremetida do livro contra o otimismo atinge a doutrina em sua forma mais crassa e cômoda: uma combinação de ignorância

com complacência que afirma que tudo vai bem em toda parte porque eu estou ótimo no cantinho de mundo que por acaso conheço. Aqui, boa parte da graça depende das paródias de Voltaire da argumentação desleixada, das conexões deliberadamente frouxas entre as cláusulas e de um senso extravagantemente restritivo do que é o mundo. O barão de Thunder-ten-tronckh é “um dos senhores mais poderosos da Westfália, pois o seu castelo tinha uma porta e janelas” (capítulo 1). A sofisticação relativa da residência do barão — para Voltaire, a Westfália é o modelo consumado do atraso — é o resultado, não a causa, de sua grandeza, mas a linguagem de Voltaire insinua maliciosamente o contrário. E, naturalmente, uma vez que a Westfália é o mundo, esse há de ser o melhor castelo do mundo. Cândido também se pauta por tal estilo lamentável de inferência quando pensa que Pangloss é o maior filósofo da província “e, conseqüentemente, de toda a terra”. Voltaire tomou uma frase grandiosa de Pope e a reduziu à trivialidade. “Tudo que é está certo” passa a ser em *Cândido* “gosto das coisas tal como são porque elas me convêm e porque eu não conheço nada melhor”.

Essa posição é não só egoísta como dependente de condições que escapam ao controle, e se torna rapidamente insustentável com a expulsão de Cândido do castelo, com a ruína moral e física de Pangloss e com a invasão do castelo pelos búlgaros. Irredutível, Pangloss desenvolve argumentos mais complicados, ainda que profundamente confusos, quando começa suas viagens com Cândido: se Colombo não tivesse trazido a sífilis do Novo Mundo, não teríamos chocolate no Velho; se as doenças particulares constituem o bem geral, quanto mais doenças particulares houver, tanto mais tudo estará bem. Nas afirmações absurdas de Pangloss, temos a primeira alusão àquilo que só no fim do livro fica totalmente claro: Pangloss faz questão do seu sistema não por acreditar nele, mas porque é o seu sistema. Não lhe interessa abjurar, diz, e nessa declaração Voltaire nos oferece uma astuciosa definição de filosofia: nunca ter de dizer que você está errado. “Continuo sendo da minha primeira opinião”, diz Pangloss nas últimas páginas (capítulo 28), “pois afinal sou filósofo.” E Voltaire, num momento inusitadamente informativo, conta-nos que Pangloss mantém suas opiniões, embora não acredite nelas (capítulo 30).

Cândido também é filósofo no sentido de que gosta de conversar sobre ideias filosóficas, mas é acima de tudo jovem, e sua juventude lhe permite atitudes não muito distantes do provincianismo inicial de sua Westfália natal. Ele não é complacente e não pode permanecer ignorante, mas acha difícil acreditar que o mundo seja um lugar ruim quando sua vida vai bem. Voltaire insiste implacavelmente nesse ponto, tão rigoroso com seu simpático herói quanto com qualquer outro personagem, mas também interessado na *energia* do egoísmo, desde que combinado com a curiosidade e a compaixão. Ficamos sabendo que a vantagem de Cândido sobre Martinho é ter esperança, “é que ele continuava esperando ver a srta. Cunegunda, e Martinho não tinha nada a esperar” (capítulo 20). No entanto, assim como esperança, Cândido possui ouro e diamantes e também tem bom apetite. Na furtiva frase seguinte, a srta. Cunegunda fica espremida entre o dinheiro e a comida como apenas uma parte daquilo que constitui o melhor dos mundos possíveis: “quando pensava no que lhe restava nos bolsos e quando falava de Cunegunda, principalmente no fim da refeição, inclinava-se então para o sistema de Pangloss”. E quando Cândido diz “mais uma vez, Pangloss tinha razão: tudo está bem” (capítulo 27), significa apenas que ele acredita que o almejado fim de sua viagem está próximo. Voltaire raciocina de modo ligeiramente diferente quando faz Cândido afirmar, recusando um prato delicioso, que está muito infeliz para comer, mas todas as piadas têm o mesmo tema: a felicidade e a infelicidade são contingentes, locais e materiais; o otimismo filosófico e a melancolia convencional são posturas. Decerto há egoísmo no reiterado recurso de Cândido ao sistema de Pangloss; mas há uma saúde moral fundamental em sua incapacidade de ficar muito tempo infeliz, mesmo quando sua inteligência diz que deve ficar.

O PIOR DOS MUNDOS POSSÍVEIS

Falar no melhor dos mundos possíveis, como fazem repetidamente Pangloss e Cândido, é não só esposar o otimismo que venho descrevendo como comparar mundos explicitamente e dizer implicitamente que um mundo existe. “Se é aqui o melhor dos mundos possíveis”, diz Cândido depois do auto de fé em que foi açoitado e Pangloss, enforcado, “o que serão os outros então?”

(capítulo 6). É provável que esteja pensando na Terra inteira, mas também é possível pensar mais modestamente, como vimos. Se a Westfália é um mundo, o são igualmente outras regiões e países. Se a Europa é um mundo, também o são as Américas, e o próprio Cândido o diz: “Nós vamos para outro universo. É nesse, por certo, que tudo está bem” (capítulo 10). Como veremos, está certo e errado quanto a isso.

Mas em *Cândido* as pessoas também são mundos, cada qual confinada num círculo de necessidade e experiência individual, e cada qual convencida precisamente do oposto à proposição de Pangloss, ou seja, de que não há mundo pior que o seu. Esse é um dos temas prediletos de Voltaire, e ele o elabora com grande entusiasmo. Cândido fica sabendo por intermédio de Pangloss do destino terrível de Cunegunda: foi estuprada e estripada por soldados búlgaros. Resulta que houve certo exagero no que se refere à estripação, já que ela sobreviveu, e mais adiante Voltaire dedica um capítulo inteiro à sua história, a qual ela conta a Cândido. Tornou-se amante do oficial superior dos estupradores, depois foi vendida a um mercador judeu que divide seus favores, ou quase favores, com um grão-inquisidor português. Cunegunda, Cândido e a velha que a acompanha acabam de jantar quando o mercador judeu chega para exercer seu direito de propriedade. Enfurecido ao ver Cândido, ele saca um punhal, mas acaba descobrindo que Cândido é ainda mais veloz com a espada e, “embora tivesse hábitos muito gentis, [...] estende o israelita teso e morto no chão, aos pés da bela Cunegunda” (capítulo 9). Minutos depois, chega o inquisidor português, e Cândido, pensando rapidamente no lugar onde se encontra, entende que o melhor é matá-lo também. A situação dá ensejo a uma das cenas mais espetaculares de Voltaire, uma ótima sequência de réplicas absurdas. “Como fizestes isso”, pergunta Cunegunda, “vós que sois tão gentil, matar em dois minutos um judeu e um prelado?” (capítulo 9). É difícil imaginar uma boa resposta a essa pergunta, mas Cândido a encontra: “Minha bela moça, quando se está apaixonado, com ciúmes e fustigado pela Inquisição, a gente não se reconhece mais”. O gracejo sobre a natureza amável de Cândido não é um sarcasmo, e sim uma sugestão de que ninguém é gentil o tempo todo, e também aponta mais

genericamente para a possibilidade de a natureza de qualquer um ser radicalmente modificada pelas circunstâncias. Voltaire retoma essa ideia e esse tom quando Cândido, em outro arroubo de autodefesa, mata (ou pensa que matou) o irmão de Cunegunda. Dessa vez, ele próprio é que proclama ingenuamente sua surpresa: “Sou o melhor homem do mundo, e eis aí já três homens que eu mato; e, entre esses três, há dois padres” (capítulo 15). Cândido ainda é um homem manso? Quantos assassinatos são necessários para alterar tal atributo?

O mundo pessoal de Cunegunda mostra-se bastante ruim, mas ela não está livre de concorrentes, e faz algum tempo que sua companheira, a velha, vem dando a entender que também tem uma história a contar. Quando Cunegunda frisa que tem sido “tão infeliz” (capítulo 10) em seu mundo, a velha diz que já sofreu infortúnios muito piores. Cunegunda quase ri e, resvalando comicamente na vanglória do sofrimento que tanto marca o livro, se põe a multiplicar tudo por dois, em parte em prol da argumentação, e em parte, sem dúvida, porque sente que sofreu tudo duas vezes.

“Ah!”, disse ela, “minha boa senhora, a menos que a senhora tenha sido violada por dois búlgaros, que tenha recebido duas facadas na barriga, que tenham demolido dois dos seus castelos, que se tenham degolado diante dos seus olhos dois pais e duas mães, e que tenha visto dois de seus amados chicoteados num auto de fé, não vejo como a senhora possa me superar.” (Capítulo 10)

O número de búlgaros parece correto, o resto é contabilidade competitiva.

Agora, naturalmente, a velha alega que sua história e suas consideráveis agruras ofuscam as de Cunegunda. Ela é italiana, filha de um papa com uma princesa, e os cenários de suas provas abrangem boa parte do mundo então conhecido: Túnis, Trípoli, Alexandria, Esmirna, Constantinopla, Moscou, Riga, Rostock, Wismar, Leipzig, Kassel, Utrecht, Leiden, Haia, Roterdã. A velha também gosta de se vangloriar, tanto de sua beleza e fortuna de outrora quanto de seus posteriores tormentos, e também se entrega a comparações disparatadas, enfatizando que a peste é pior que o terremoto, como se houvesse o que dizer a favor de um ou de outro. Mas ela dispõe de uma forma própria de sabedoria — “Eu tenho

experiência, conheço o mundo”, diz (capítulo 12) — e propõe uma aposta que sabe que não pode perder. Desafia Cunegunda a pedir aos passageiros que contem sua história, “e se houver um só que não tenha amaldiçoado a vida com frequência, que não tenha dito muitas vezes a si mesmo que era o mais infeliz dos homens, atirai-me ao mar de cabeça”. Insinua, pois, que todo mundo, numa frase usada por Voltaire no conto *Zadig*, se considera “o modelo do infortúnio”. Posteriormente, Cândido recorda a proposição da velha e organiza uma competição. Dispõe-se a levar consigo na viagem de volta à Europa o homem que for “o mais desgostoso de seu estado e o mais infeliz da província”. No fim, sem poder decidir qual é o candidato mais desgraçado, escolhe um que por certo é desditado, porém mais divertido que a maioria, o maniqueu Martinho. A ideia de supremacia na dor ou na aflição é por si só adversa para todos, com exceção dos misantropos mais rigorosos, e é a velha quem tem a visão mais persuasiva daquilo que se pode chamar de teoria do pior dos mundos pessoais possíveis. Conta que quis se matar cem vezes, mas “ainda amava a vida”. Prossegue chamando esse amor de “fraqueza ridícula” (capítulo 12), mas é simplesmente de uma forma de heroísmo radical, um amor que não só não precisa de razões como persiste apesar das hostes de contrarrazões. Detecta-se aqui um eco da incapacidade de Cândido de manter o desespero, por plausíveis que sejam seus motivos. A velha conta que viu “um número prodigioso de pessoas que execravam a sua existência; mas vi apenas doze que tinham posto voluntariamente fim à própria miséria: três negros, quatro ingleses, quatro genebreses e um professor alemão chamado Robeck”. A lista é concebida com cuidado. Os negros são presumivelmente escravos; o inglês, tão melancólico quanto o pinta o mito francês; os genebreses, por certo, demasiado sérios e calvinistas para viver; e Robeck, um personagem histórico que alegava que amar a vida era ridículo e, para provar sua tese, afogou-se deliberadamente em 1739.

Quanto ao Novo Mundo, Cândido está redondamente enganado em acreditar que seja o lugar em que tudo está bem, pois a crueldade, o conflito e a ambição não se restringem ao Velho Mundo, e Cacambo assinala que “este hemisfério não vale mais do que o outro” (capítulo 17). Mas Cândido tem razão em outro sentido, porque acaba

encontrando Eldorado, um mundo em que tudo realmente vai bem, uma versão da utopia esboçada no ensaio sobre os canibais de Michel de Montaigne⁸ e repetida e debochada na *Tempestade* de Shakespeare. Em Eldorado não há tribunais, prisões nem advogados, e ninguém se interessa por ouro ou prata. Os nativos acreditam em Deus, mas não rezam, no sentido de rogar auxílio, graça ou cura, porque já têm tudo de que necessitam. Sua forma de oração é mera adoração e agradecimento.

No entanto, a felicidade e a inocência dos cidadãos de Eldorado permanecem em isolamento total, garantido por um edito com o qual todos consentiram e que a todos proíbe de deixar o reino. E, naturalmente, nenhum estrangeiro pode nele entrar, a não ser pelo tipo de acidente que levou Cândido e Cacambo para lá. Voltaire parece dizer que é possível encontrar e fruir o melhor dos mundos, mas só ao preço da separação total do mundo turbulento e cambiante em que os humanos têm o hábito de viver e morrer, e, nesse contexto, a observação feita por Cândido e Cacambo, ambos igualmente perplexos e desconcertados com Eldorado mesmo sem nele ter visto muita coisa, é excepcionalmente reveladora. Eles dizem que aquele é “provavelmente um país onde tudo vai bem; pois é absolutamente necessário que haja algum desta espécie” (capítulo 17). Absolutamente necessário? O lugar não precisa existir na realidade material e, pelo que sabemos, nunca existiu. Mas, ao que parece, deve existir como uma expressão de necessidade e desejo, pois nós não podemos viver sem o sonho de perfeição que ele encarna. É justamente por isso que Voltaire o inclui no livro. Eldorado é a ilusão ficcional que representa a esperança histórica.

Ora, nem tanto. Eldorado é perfeito, mas a própria perfeição é um problema na ótica de Voltaire, como também sugerem suas alusões recorrentes ao Jardim do Éden. Por certo, podemos desejar que as pessoas sejam menos infelizes do que tantas delas o são, menos atormentadas pela doença, a pobreza e a violência furiosa de seus semelhantes, mas devemos esperar uma felicidade ideal para todos? Esse objetivo pode ser não só inatingível como indesejável, porque sua realização não deixaria espaço para a inquietude humana e para a intensidade do nosso interesse pelas opiniões alheias. “Nada é mais

desagradável”, escreve secamente Voltaire num ensaio intitulado “Elogio histórico da razão”, “que ser enforcado na obscuridade”⁹ — ou seja, sem atenção pública ao nosso martírio. E, acerca do tema da felicidade, oferece uma das afirmações mais lacônicas e complexas em *Cândido*. Depois de um mês em Eldorado, Cândido decide que o lugar não serve para ele porque Cunegunda não está lá, e também porque ele não quer ser igual a todos os outros. Se levar para a Europa algumas cargas de ouro e joias, será mais rico que todos os reis somados. Cacambo concorda: é bom estar em movimento, nós todos gostamos de voltar para casa e contar a história das nossas viagens. O comentário de Voltaire é: “os dois felizes resolveram não mais sê-lo”. Por que alguém decidiria abandonar a felicidade? Porque não era felicidade? Ou porque era? O paradoxo com certeza contém um elemento de crítica, uma medida de loucura: essas duas pessoas (genuinamente) felizes não sabem viver com a felicidade. Porém, outra leitura talvez mais forte insistirá no elogio ambíguo: os dois fazem bem em partir, a felicidade não é tudo, e uma vida plena deve incluir o risco e a aventura e até um pouco de mesquinhez.

E se Cacambo está disposto a abandonar Eldorado e a felicidade com seu amo, ele também é um modelo de bondade e lealdade e, por esse motivo, uma figura significativa no texto. A leitura de *Cândido* nos transforma em especialistas em desconfiança, sintonizados com a obliquidade da linguagem do livro. A pessoa “honesta” é alguém prestes a fazer algo desonesto; “bom” ou “digno” significa ingênuo ou tolo. E assim, quando Cândido dá a Cacambo a metade da sua fortuna e lhe pede que cuide de Cunegunda, com Voltaire a acrescentar que “era um homem muito bom esse Cacambo” (capítulo 19), nós sabemos o que esperar. E quando Cândido diz que conta com Cacambo como consigo próprio, que “Tudo está bem, tudo vai bem, tudo vai o melhor que é possível” (capítulo 23), simplesmente nos perguntamos que forma terá sua terrível decepção quando chegar. Martinho reforça essa ideia ao chamar Cândido de “simplório” por esperar que “um criado mestiço” se conserve leal tendo uma tão providencial oportunidade de desertar. Dez páginas mais adiante, ficamos sabendo que ainda não há sinal de Cacambo. Mas eis que ele aparece. Esteve o tempo todo a serviço de Cândido, encontrou

Cunegunda. Resulta que “o fiel Cacambo” é justamente o que diz o epíteto: fiel. A regra interpretativa desse texto profundamente irônico parece ser que a leitura desconfiada de palavras, pessoas e fatos é sempre correta — salvo quando não o é. Por certo não podemos contar com a bondade humana, diz Voltaire; mas tampouco podemos contar absolutamente com a traição humana.

O JARDIM DO SATIRISTA

Italo Calvino chama a atenção para o “ritmo” e a “velocidade” da escrita de Voltaire em *Cândido*,¹⁰ e Jean Sareil, no estudo crítico do livro que continua sendo o mais sutil e abrangente, faz um punhado de perguntas-chave.¹¹ Se Voltaire nos está apresentando uma visão de mundo tão desencantada, por que há tanta alegria na escrita? Por que o relato de tantas catástrofes tem um final feliz? Por que o conto filosófico não contém nenhuma discussão filosófica real? Por que Cunegunda é a única personagem que envelhece e fica feia?

O próprio Sareil dá uma série de respostas interessantes. *Cândido* é uma sátira, não uma confissão. Voltaire não nos dá sua opinião sobre o universo; examina problemas persistentes cujas soluções, inclusive a proposta por ele, não o satisfazem. Deseja representar um mundo que não é absurdo nem inútil, e sim misterioso, eternamente inexplicável; um mundo “simultaneamente habitável e ruim”.¹² E, muito explicitamente, as “lições” de Voltaire dizem tanto que a vida não vale muito a pena quanto que esse “não muito” tem um valor inestimável. São respostas excelentes. A alegria de Voltaire é uma questão de estilo, não de filosofia; o final feliz é irônico e, ao mesmo tempo, um convite a não exagerar o nosso senso de sofrimento. Sua filosofia não requer discussão filosófica; aliás, requer a sua ausência. Não falta confirmação dessas afirmações em outras obras de Voltaire. O herói de *Zadig* recorre à filosofia quando tem um problema, mas só obtém “conhecimento”, não alívio. No *Dicionário filosófico*, finge indagar por que discutimos tanto a ideia de bem supremo ou extremo. “Você também podia perguntar o que é o azul supremo ou o ensopado supremo ou o modo de andar supremo [...]. Não há prazeres extremos nem sofrimentos extremos que durem a vida inteira: o bem supremo e o mal supremo são quimeras.”¹³ E uma vez mais (acerca do tema destino): “Só se pode ter certa quantidade de dentes, cabelos e

ideias. Chega o tempo em que se perdem necessariamente os dentes, os cabelos e as ideias”.¹⁴ Mas é possível dizer mais, e não só a respeito da perda da beleza de Cunegunda.

Talvez seja útil desacelerar Voltaire um pouco, examinar os detalhes de sua velocidade. Muitos críticos comentam seu uso estratégico da palavrinha “mas”. Em *Zadig*, ela representa uma discussão inacabada. Um anjo explica ao herói que as coisas são o que são e, se fossem diferentes, este seria um mundo diferente. Querendo discutir e filosofar, Zadig diz: “Mas...”. O anjo não o ouve, já está a caminho de outra esfera. Em *Cândido*, porém, o uso do “mas” geralmente indica não o desejo de continuar conversando, e sim a existência de um fato material que exige atenção imediata, algo que suplanta a conversa. Acaso Cândido acredita que o papa seja o Anticristo? Cândido responde que nunca ouviu dizer tal coisa, “mas quer ele o seja, quer não, está me faltando pão” (capítulo 3). Tendo reencontrado Pangloss infestado de sífilis, Cândido escuta com paciência uma longa discussão sobre o melhor dos mundos e muitas argumentações; então diz: “Eis aí algo admirável [...] mas é preciso curá-lo” (capítulo 4). Colhido pelo terremoto de Lisboa, Pangloss procura um vínculo científico entre esse tremor e um ocorrido anteriormente no Peru. “Existe certamente uma corrente de enxofre por baixo da terra, desde Lima até Lisboa” (capítulo 5). Estirado na rua e coberto de escombros, acreditando-se à beira da morte, Cândido diz: “Nada é mais provável [...] mas, por Deus, um pouco de óleo e de vinho”. Pangloss diz: “Como, provável?”, e Cândido perde os sentidos. Em tom mais brando, ainda que preservando o mesmo padrão corretivo, Voltaire faz Cândido dizer que nada há de garantido no mundo (o francês diz literalmente que nada há de sólido no mundo), a não ser a virtude e a felicidade de rever a srta. Cunegunda. Cacambo retruca: “Concordo [...] mas ainda nos restam dois carneiros com mais tesouros do que jamais terá o rei da Espanha” (capítulo 19). A palavra “mas” é usada de outros modos em *Cândido*, momentos de briga ou discussão convencionais, porém a tendência geral é óbvia e nos prepara para o “mas” mais famoso de todos. Correta, mas trivialmente, Pangloss sintetiza todas as suas aventuras como um encadeamento de causa e efeito. Cândido responde nas últimas palavras do livro: “Isso está bem

falado [...] mas é preciso cultivar o nosso jardim” (capítulo 30). O jardim é o que existe por baixo e além das nossas palavras; e até a filosofia é bem-vinda no jardim, contanto que não queira ter consequências nem estorvar o trabalho, o cultivo ativo da terra.

Cultivar o jardim não é simplesmente cuidar da própria vida, uma versão mais sábia e sofisticada do egoísmo que o livro atacou no início. É decidir não procurar respostas a perguntas que não as têm; recordar as “metas” concretas que espreitam cada grande abstração. Todavia, é difícil não sentir que há certa insipidez nessa filosofia que recusa a filosofia, uma traição aos melhores e mais inflamados momentos do próprio Voltaire, e Roland Barthes, sem intenção de elogiar, chamou-o de “o último escritor feliz”, ou talvez, dada a fluidez do significado da palavra francesa, “o último escritor felizardo”. Voltaire era felizardo, escreveu Barthes, por ter a história do seu lado, um mundo de atrocidades e vilões visíveis, idiotas, abrindo caminho para a grande onda de progresso que culminou nas revoluções francesa e americana. E felizardo por ter sido capaz de ignorar outro tipo de história, já que ele nada podia saber de Hegel ou Marx ou da evolução. “Para Voltaire, não há história no sentido moderno da palavra, apenas cronologias. Ele escreve obras históricas expressamente para dizer que não acredita na história.”¹⁵ A história, para Barthes, não é simplesmente o que acontece aos seres humanos no tempo, mas um projeto pós-iluminista particular de dar sentido ao progresso e aos seus descontentes. O terceiro aspecto da sorte ou felicidade de Voltaire, diz Barthes, foi a acolhida que seus contemporâneos deram a sua recusa de todos os sistemas. E não só os contemporâneos de Voltaire como também os de Barthes. Voltaire “dissociava incessantemente inteligência de intelectualidade, afirmando que o mundo é uma ordem desde que não tentemos excessivamente ordená-lo, que ele só é um sistema se nós renunciarmos a sistematizá-lo: essa conduta mental teve uma grande carreira subsequente: hoje a chamamos de anti-intelectualismo”.¹⁶

“Hoje” para Barthes era 1964, e podemos sentir que a ideia de história como mudança e evolução recebeu alguns golpes de lá para cá. Mas me parece que a mudança da complacência intelectual conserva sua força somente à medida que tentamos captar o

pensamento de Voltaire, ou, mais precisamente, à medida que tentamos separar o seu pensamento do movimento da sua prosa. Ao procurar entender Voltaire, esquecemos o que é lê-lo. No nível das palavras, aquilo que Barthes denomina sorte transforma-se no que Calvino chama de velocidade, e a alegria da escrita, longe de minimizar os horrores descritos ou fornecer um argumento para menosprezá-los, os realça. Eles estão além da mera condenação sentimental e além da filosofia também, em outro sentido: a filosofia é não só impotente como insossa, uma forma de crueldade. Aqui, por exemplo, é Cândido que “tremia como um filósofo” ao fugir da versão voltairiana da Guerra dos Sete Anos:

Passou por cima de montes de mortos e de moribundos, e chegou primeiro a uma aldeia vizinha; ela estava em cinzas: era uma aldeia abar que os búlgaros haviam queimado, segundo as leis do direito público. Aqui, anciãos crivados de tiros olhavam morrer as suas mulheres degoladas, que mantinham os filhos nas mamas ensanguentadas; ali, moças estripadas depois de terem saciado as necessidades naturais de alguns heróis exalavam o último suspiro; outras, meio queimadas, gritavam que terminassem de matá-las. Cérebros estavam espalhados pela terra, ao lado de braços e pernas amputados. (Capítulo 3)

Um pouco mais tarde, numa aldeia pertencente ao outro lado na guerra, Cândido “continua pisando membros palpitantes”. “Mortos e moribundos”, que parece um clichê, acaba sendo o anúncio exato de uma perversidade extrema: é isso que significa ainda não ter sido morto, só baleado, esfaqueado, queimado e esquartejado. A raiva se dirige àqueles que levam as pessoas à guerra (é o que ouvimos especialmente no sarcasmo acerca dos heróis, que não passa de um sinônimo de estupradores), mas também convém lembrar que Cândido, exhaustivamente descrito em todo o livro como uma boa pessoa, não para para ajudar ninguém, ou nem se mostra chocado.

Mais adiante, Cândido, uma vez mais chamado de “o bom Cândido”, encontra-se com Paquette, a camareira do castelo westfaliano, a que passou sífilis a Pangloss. Continua bonita e agora se prostitui em Veneza e, tendo passado pelas mãos de um monge, de um

médico e de um juiz, parece ser uma espécie de especialista nas profissões:

Ah, monsieur, se o senhor pudesse imaginar o que é ser obrigada a acariciar com o mesmo entusiasmo um velho mercador, um advogado, um monge, um gondoleiro e um abade; ficar exposta a todos os insultos, a todas as afrontas; ser muitas vezes reduzida a vestir uma anágua emprestada para ir e deixar um homem repugnante levantá-la; ser roubada por um daquilo que ganhei de outro; ser extorquida pelos oficiais de justiça, e não esperar senão uma velhice horrenda, um asilo e um monturo; o senhor concluiria que eu sou uma das criaturas mais infelizes do mundo. (Capítulo 24)

Esta é outra história do pior dos mundos possíveis, é claro, mas é difícil discutir com ela, e Voltaire acrescenta um volteio cruel e sutil. Cândido expressa sua surpresa com o fato de Paquette se mostrar tão feliz, e ela explica que parecer feliz faz parte da sua profissão e não é o menor dos seus horrores: “Ah, meu senhor [...] aí está mais uma das misérias do ofício. Ontem fui roubada e espancada por um oficial, e tenho de parecer hoje de bom humor para agradar a um monge”.

Num conto intitulado “Aventuras da memória”, Voltaire diz que as Musas não compõem sátiras porque “as sátiras não corrigem ninguém, irritam os tolos e os tornam ainda mais malvados”.¹⁷ Ele acredita nisso? Provavelmente sim, pelo menos em parte. Voltaire compõe sátiras não porque elas funcionem, mas porque ele é escritor, felizado ou não. Guerras inúteis, estupro onipresente, prostituição sem fim, morte miserável, vida miserável, o egoísmo mesmo dos melhores homens, o bom humor como máscara profissional da dor — estes são apenas alguns aspectos do mundo que Voltaire evoca para nós, e nem chego a mencionar os desastres naturais e a ganância e desonestidade humanas. Em tal universo, cultivar o próprio jardim não é complacência nem sabedoria, e sim uma terapia do esquecimento, um modo de conjugar a nossa boa sorte com o sofrimento alheio. No entanto, se acaso o seu jardim for o mundo da escrita, cultivá-lo não é um trabalho de esquecimento. É um trabalho de inexorável lembrança, um recorrente agrupamento de palavras que nos recorda como é o mundo e nos convida a indagar quais partes dele podemos mudar. As sátiras não corrigem ninguém, mas pode ser

que alguns leitores achem que sua mescla de horror e riso lhes sugere o trabalho a fazer. Esse seria o seu jardim.

Resta a questão do envelhecimento e afeamento de Cunegunda. Ela não é rigorosamente a única personagem a quem isso acontece — a velha foi outrora uma bela princesa —, mas é a única a quem isso acontece no tempo da narrativa imediata, e o contraste com Paquette é importante. Esta precisa manter a boa feição para que a brecha entre a aparência de felicidade e a dureza do labor sexual finalmente fique clara, e, na economia da escrita de Voltaire, a situação alude ao abismo entre muitas outras aparências luminosas e sombrias realidades. E Cunegunda precisa perder a beleza para que... As possibilidades são realmente muitíssimas.

Talvez o envelhecimento de Cunegunda ocorra simplesmente para que Voltaire possa zombar da amarga reviravolta neste que Cândido, e talvez não só ele, continua enxergando como um conto de fadas: o herói se casa não com a princesa de seus sonhos, mas com o sapo velho em que a princesa se transformou. Voltaire trabalha esse tema com muito empenho. Ao saber que Cunegunda se tornou “horrivelmente feia” (capítulo 27), Cândido assume rapidamente a postura correta: “sou um homem de bem, e meu dever é amá-la sempre”. Mas, no fim do mesmo parágrafo, ele continua pensando na mudança: “É mesmo pena que ela tenha se tornado tão feia”. E, como acrescenta Voltaire com debochada gratuidade, Cândido se dispõe a ir buscá-la “por mais feia que ela pudesse estar”. Quando enfim revê Cunegunda, ele é “tomado de horror” e recua antes de se recompor e avançar apenas “por bom procedimento” (capítulo 29). Sua surpresa não é muito surpreendente, já que Voltaire acaba de descrever Cunegunda assim: “amorenada, de olhos rajados, com o colo ressecado, as faces enrugadas, os braços vermelhos e escamados”. Evidentemente, ela é vítima de mais que o envelhecimento comum; é vítima do autor, pode-se dizer. Não só não envelheceu bem como se transformou numa antibeldade.

O conto de fadas azedou, mas o azedume tem seus motivos. Para começar, o conto era uma ilusão, um sonho incômodo ou fantasia retardada. Cunegunda é o murcho objeto do desejo de Cândido; na verdade, é o que acontece a todo desejo que só persegue a ideia de

uma pessoa ou uma paixão. Ela tem de mudar não para decepcionar Cândido ou permitir-lhe fazer enfim a coisa certa, mas para nos lembrar que os objetos do nosso desejo têm história própria, da qual podemos não gostar. Cunegunda é a encarnação do mais cruel “mas” do livro. Cândido reencontra seu grande amor, mas ela é a personificação da feiura e, além disso, desagradável. Resulta que a desafortunada Cunegunda perde a beleza exatamente pelo mesmo motivo pelo qual Paquette conserva a dela: as aparências podem mudar ou não, mas nunca passam disso, de aparências, um lugar onde começar, mas não onde acabar.

NOTAS

- 1 Theodore Besterman, *Voltaire*, Londres, 1969, p. 31.
 - 2 Voltaire, *Philosophical dictionary* [Dicionário filosófico], trad. Theodore Besterman, Londres, 1971, p. 72.
 - 3 Voltaire, *Candide et autres contes* [Candido e outros contos], Paris, 1979, p. 414.
 - 4 Alexander Pope, *Poems*, ed. John Butt, New Haven, 1963, p. 515.
 - 5 Da *Teodiceia* de Leibniz, apud notas a *Candide et autres contes*, p. 420.
 - 6 *Philosophical dictionary*, p. 72
 - 7 Peter Gay, *Voltaire's politics*, Princeton, 1959, p. 21.
 - 8 Michel de Montaigne, “Des cannibales”, *Essais*, livro 1, capítulo 30.
 - 9 Voltaire, “Éloge historique de la raison” (1775), in *Candide et autres contes*, p. 279.
 - 10 Italo Calvino, “Candide: an essay in velocity”, in *The literature machine*, trad. Patrich Creagh, Londres, 1987.
 - 11 Jean Sarrailh, *Essai sur “Candide”*, Genebra, 1967.
 - 12 Ibid., p. 31.
 - 13 *Philosophical dictionary* [Dicionário filosófico], p. 67, verbete “Bien (Souverain Bien): Good (Sovereign Good)”.
 - 14 Ibid., p. 173.
 - 15 Roland Barthes, *Barthes: selected writings*, ed. Susan Sontag, trad. Richard Howard, Londres, 1983, p. 154.
 - 16 Ibid., p. 156.
 - 17 Voltaire, “Aventure de la mémoire” (1775), in *Candide et autres contes*, p. 275.
- * “Toda a natureza é apenas arte por ti desconhecida;/ Todo o acaso, direção que não podes ver;/ Toda discórdia, harmonia incompreendida;/ Todo mal parcial, bem universal.” (N. T.)

Cândido, ou o Otimismo¹

TRADUZIDO DO ALEMÃO DO SR. DR. RALPH²
COM AS ADIÇÕES³ QUE FORAM ENCONTRADAS
NO BOLSO DO DOUTOR QUANDO ESTE MORREU
EM MINDEN,⁴ NO ANO DA GRAÇA DE 1759

CAPÍTULO I

Como Cândido foi criado num lindo castelo, e como foi expulso dele

Havia na Westfália, no castelo do senhor barão de Thunder-ten-tronckh, um jovem a quem a natureza tinha dado os mais suaves costumes. Sua fisionomia anunciava a sua alma. Tinha o juízo bastante reto, com a mente mais simples; era, creio, por essa razão que o chamavam de Cândido. Os antigos criados da casa suspeitavam que ele fosse filho da irmã do senhor barão e de um bom e honesto fidalgo da vizinhança, a quem essa senhorita nunca quis desposar porque ele só conseguiu comprovar setenta e um quartos,¹ e porque o resto de sua árvore genealógica tinha se perdido pela injúria do tempo.

O barão era um dos senhores mais poderosos da Westfália, pois o seu castelo tinha uma porta e janelas. Sua grande sala era até ornamentada com tapeçarias. Todos os cães de seu terreiro compunham uma matilha, se necessário; os seus palafreiros eram os adestradores; o pároco da cidade era seu capelão-mor. Todos o chamavam de “meu senhor” e riam quando ele pilheriava.

A senhora baronesa, que pesava cerca de trezentas e cinquenta libras, angariava com isso uma grande consideração, e fazia as honras da casa com uma dignidade que a tornava ainda mais respeitável. Sua filha Cunegunda, de dezessete anos, era corada, fresca, gorda, apetitosa. O filho do barão parecia em tudo digno do pai. O preceptor Pangloss² era o oráculo da casa, e o pequeno Cândido escutava as suas lições com toda a boa-fé de sua idade e de seu caráter.

Pangloss ensinava a metafísico-teológico-cosmolonigologia.³ Ele provava admiravelmente que não há efeito sem causa,⁴ e que, no melhor dos mundos possíveis, o castelo do senhor barão era o mais belo dos castelos e a senhora, a melhor das baronesas possíveis.

“Está demonstrado”, dizia ele, “que as coisas não podem ser de outro jeito: pois tudo sendo feito para um fim, tudo é necessariamente para o melhor fim. Notem que os narizes foram feitos para carregar óculos. As pernas foram visivelmente instituídas para usar calças, e nós temos calças. As pedras foram formadas para ser talhadas e para fazer castelos; assim meu senhor tem um belíssimo castelo; o maior

barão da província deve ser o mais bem alojado; e os porcos sendo feitos para serem comidos, comemos porcos durante o ano todo; por conseguinte, aqueles que afirmaram que tudo está bem disseram uma bobagem; era preciso dizer que tudo está o melhor.”⁵

Cândido escutava atentamente, e acreditava inocentemente, pois ele achava a srta. Cunegunda extremamente bela, embora nunca tivesse tido a ousadia de dizer isso a ela. Concluía que, depois da felicidade de ter nascido barão de Thunder-ten-tronckh, o segundo grau de felicidade era ser a srta. Cunegunda; o terceiro, vê-la todos os dias; e o quarto, ouvir mestre Pangloss, o maior filósofo da província e, consequentemente, de toda a Terra.

Um dia, Cunegunda, passeando perto do castelo, no bosquezinho a que chamavam *parque*, viu por entre o matagal o dr. Pangloss dando uma aula de física experimental à camareira de sua mãe, moreninha muito bonita e muito dócil. Como a srta. Cunegunda tivesse muita disposição para as ciências, observou, sem sofrer, as experiências reiteradas de que foi testemunha; ela viu claramente a razão suficiente⁶ do doutor, os efeitos e as causas, e voltou muito agitada, toda pensativa, toda cheia do desejo de ser sábia, imaginando que ela bem que podia ser a razão suficiente do jovem Cândido, que também ele podia ser a dela.

Ela encontrou Cândido ao voltar para o castelo, e corou; Cândido também corou; ela lhe disse bom-dia com voz entrecortada, e Cândido falou com ela sem saber o que dizia. No dia seguinte, depois do jantar, ao saírem da mesa, Cunegunda e Cândido encontraram-se atrás de um biombo; Cunegunda deixou cair o lenço; Cândido recolheu-o, ela tomou-lhe inocentemente a mão, o rapaz beijou inocentemente a mão da moça com uma vivacidade, uma sensibilidade, uma graça toda particular; as suas bocas se encontraram, os olhos se inflamaram, os joelhos tremeram, as mãos se apertaram. O senhor barão de Thunder-ten-tronckh passou perto do biombo e, vendo aquela causa e aquele efeito, expulsou Cândido do castelo com grandes pontapés no traseiro; Cunegunda desmaiou; foi esbofeteada pela senhora baronesa logo que voltou a si; e tudo ficou consternado no mais belo e mais agradável dos castelos possíveis.

O que se tornou Cândido entre os búlgaros

Cândido, expulso do paraíso terrestre, caminhou por muito tempo sem saber por onde, chorando, erguendo os olhos para o céu, voltando-os com frequência para o mais belo dos castelos que encerrava a mais bela das baronesinhas; dormiu sem jantar no meio dos campos, entre dois sulcos; a neve caía em grandes flocos. Cândido, transido de frio, arrastou-se no dia seguinte rumo à cidade vizinha, que se chama Valdberghoff-trarbk-dikdorff,¹ sem dinheiro, morrendo de fome e de lassidão. Parou tristemente à porta de um cabaré. Dois homens vestidos de azul² o notaram: “Camarada”, disse um deles, “aí está um jovem muito bem-apessoado e que tem o porte exigido”. Avançaram em direção a Cândido e lhe pediram que jantasse, com muita civilidade. “Meus senhores”, disse-lhes Cândido com uma modéstia encantadora, “fico muito honrado, mas não tenho com que pagar a minha parte.” “Ah! Meu senhor”, disse-lhe um dos azuis, “as pessoas de vosso porte e mérito nunca pagam nada: não tendes cinco pés e cinco polegadas de altura?” “Sim, senhores, é o meu porte”, disse ele, fazendo uma reverência. “Ah! Meu senhor, ponde-vos à mesa; não somente assumimos a despesa, mas nunca aceitaríamos que um homem como vós esteja sem dinheiro; os homens só são feitos para socorrer uns aos outros.” “Tendes razão”, disse Cândido, “é o que o senhor Pangloss sempre me disse, e bem vejo que tudo está pelo melhor.” Pedem-lhe que aceite alguns *écus*,³ ele aceita e quer fazer-lhes um comprovante da dívida; não querem nada disso, sentam-se à mesa: “Vós não amais com ternura?...”. “Oh! Sim”, respondeu ele, “amo com ternura a senhorita Cunegunda.” “Não”, disse um daqueles senhores, “estamos vos perguntando se não amais com ternura o rei dos búlgaros.”⁴ “Não, mesmo”, disse ele, “pois nunca o vi.” “Como! É o mais encantador de todos os reis, e temos de beber à sua saúde.” “Ah! Com muito gosto, meus senhores.” E ele bebe. “Basta”, dizem-lhe. “Eis que sois o apoio, o sustentáculo, o defensor, o herói dos búlgaros; vossa fortuna está feita e vossa glória está garantida.”⁵ Colocam-lhe imediatamente ferros nos pés e levam-no para o regimento. Fazem-no virar à direita, à esquerda, levantar a vareta,⁶ recolocar a vareta, mirar, atirar, dobrar o passo, e dão-lhe trinta bastonadas; no dia seguinte ele faz o exercício um pouco menos mal, e

recebe apenas vinte pancadas; dois dias depois só lhe deram dez, e ele passa a ser visto por seus camaradas como um prodígio.

Cândido, completamente estupefato, não distinguia muito bem ainda como é que ele era um herói. Um belo dia de primavera ele teve a ideia de ir passear, caminhando direto para a frente, achando que era um privilégio da espécie humana, como da espécie animal, servir-se das pernas a seu bel-prazer. Mal andou duas léguas quando quatro outros heróis de seis pés o alcançam, amarram-no, levam-no para uma masmorra. Perguntaram-lhe juridicamente o que preferia: ser fustigado trinta e seis vezes por todo o regimento, ou receber ao mesmo tempo doze balas de chumbo no cérebro. Por mais que ele dissesse que as vontades são livres⁷ e que não queria nem uma coisa nem outra, foi preciso fazer uma escolha; ele decidiu-se, em virtude do dom de Deus a que se chama *liberdade*, a passar trinta e seis vezes⁸ pelas varas; aguentou dois passeios. O regimento era composto de dois mil homens: isso lhe valeu quatro mil varadas que, desde a nuca até o cu, puseram-lhe à mostra os músculos e os nervos. Como iam proceder à terceira rodada, Cândido, não aguentando mais, pediu como graça que aceitassem ter a bondade de quebrar-lhe a cabeça; ele obteve tal favor; vedam-lhe os olhos, fazem-no ajoelhar-se. O rei dos búlgaros passa nesse momento, informa-se sobre o crime do paciente; e, como esse rei tinha um grande gênio, compreendeu, por tudo o que ouviu de Cândido, que se tratava de um jovem metafísico, completamente ignorante das coisas deste mundo, e concedeu-lhe a sua graça com uma clemência que será louvada em todos os jornais e em todos os séculos.⁹ Um bom cirurgião curou Cândido em três semanas com os emolientes ensinados por Dioscórides.¹⁰ Já tinha um pouco de pele e podia andar quando o rei dos búlgaros travou batalha com o rei dos abares.

CAPÍTULO 3

Como Cândido fugiu de entre os búlgaros, e o que se tornou

Nada era tão belo, tão lesto, tão brilhante, tão bem-ordenado quanto os dois exércitos. Os clarins, os pífaros, os oboés, os tambores, os canhões, formavam uma harmonia tal como nunca houve no inferno.¹⁶ Os canhões derrubaram de início cerca de seis mil homens

de cada lado; em seguida a rajada de mosquetes tirou do melhor dos mundos por volta de dez mil malandros que lhe infectavam a superfície.² A baioneta também foi a razão suficiente da morte de alguns milhares de homens.³ O total bem podia chegar a umas trinta mil almas. Cândido, que tremia como um filósofo, escondeu-se o melhor que pôde durante aquela carnificina heroica.

Finalmente, enquanto ambos os reis faziam cantar o *Te Deum*⁴ cada um em seu campo, ele tomou o partido de ir arrazoar em outro lugar sobre efeitos e causas. Passou por cima de montes de mortos e de moribundos e chegou primeiro a uma aldeia vizinha; ela estava em cinzas: era uma aldeia abar que os búlgaros haviam queimado, segundo as leis do direito público.⁵ Aqui, anciãos crivados de tiros olhavam morrer as suas mulheres degoladas, que mantinham os filhos nas mamas ensanguentadas; ali, moças estripadas depois de terem saciado as necessidades naturais de alguns heróis exalavam o último suspiro; outras, meio queimadas, gritavam que terminassem de matá-las. Cérebros estavam espalhados pela terra, ao lado de braços e pernas amputados.⁶

Cândido fugiu o mais depressa que pôde para outra aldeia; ela pertencia aos búlgaros, e heróis abares haviam-na tratado da mesma forma.⁷ Cândido, sempre caminhando sobre membros palpitantes ou através de ruínas, deixou enfim o teatro da guerra, carregando umas provisõezinhas em seu embornal e não esquecendo nunca a srta. Cunegunda. Faltaram-lhe provisões quando chegou à Holanda; mas tendo ouvido dizer que todo mundo era rico nesse país, e que o povo dali era cristão, não teve dúvidas de que o tratariam tão bem quanto o fora no castelo do senhor barão antes que de lá fosse expulso pelos belos olhos da srta. Cunegunda.

Pediu esmola a várias personagens sisudas, que lhe responderam todas que, se ele continuasse a exercer esse ofício, iriam trancafiá-lo numa casa de correção para que aprendesse a viver.⁸

Dirigiu-se depois a um homem que acabara de falar uma hora seguida sobre a caridade numa grande assembleia. Esse orador,⁹ olhando-o de atravessado, disse-lhe: “O que é que o senhor veio fazer aqui? Está aqui pela boa causa?”. “Não existe efeito sem causa”, respondeu modestamente Cândido, “tudo está encadeado

necessariamente¹⁰ e arranjado em função do melhor. Foi preciso que eu fosse expulso de junto da senhorita Cunegunda, que tivesse passado pelo açoite, e é preciso que eu peça o meu pão até que possa ganhá-lo; tudo isso não podia ser de outra maneira.” “Meu amigo”, disse o orador, “o senhor acredita que o papa seja o Anticristo?”¹¹ “Eu ainda não tinha ouvido dizer isso”, respondeu Cândido; “mas quer ele o seja, quer não, está me faltando pão.” “Não mereces comê-lo”, disse o outro; “vá, malandrinho, vá, miserável, não chegues perto de mim pelo resto de tua vida.” A mulher do orador, tendo posto a cabeça na janela e avistando um homem que duvidava que o papa fosse o Anticristo, derramou-lhe na cabeça um... cheio. Ó céu! A que excesso chega o zelo da religião nas mulheres!

Um homem que não tinha sido batizado, um bom anabatista¹² chamado Tiago, viu a maneira cruel e ignominiosa com que assim se tratava um de seus irmãos, um ser de dois pés sem penas, que tinha uma alma;¹³ ele o levou à sua casa, limpou-o, deu-lhe pão e cerveja, presenteou-o com dois florins, e até quis ensinar-lhe a trabalhar nas suas manufaturas de tecidos da Pérsia que se fabricam na Holanda. Cândido, quase se prosternando diante dele, exclamou: “Mestre Pangloss bem que me dissera que tudo está pelo melhor no mundo, pois estou infinitamente mais comovido com a vossa extrema generosidade do que com a severidade daquele senhor de sobretudo preto e da senhora sua esposa”.

No dia seguinte, enquanto passeava, encontrou um mendigo coberto de pústulas, de olhos mortiços, com a ponta do nariz roída, a boca torta, dentes pretos e falando com uma voz estrangulada, atormentado por uma tosse violenta e cuspiendo um dente a cada esforço.

CAPÍTULO 4

Como Cândido encontrou o seu antigo mestre de filosofia, o dr. Pangloss, e o que disse adveio

Cândido, mais movido pela compaixão do que pelo horror, deu a esse espantoso mendigo os dois florins que recebera de seu honesto anabatista Tiago. O fantasma olhou para ele fixamente, verteu lágrimas e saltou-lhe ao pescoço. Cândido, apavorado, recuou. “Ah!”, disse o miserável ao outro miserável, “não estais mais reconhecendo o

vosso querido Pangloss?” “Que ouço eu? O senhor, meu querido mestre! O senhor, nesse estado horrível! Que desgraça vos aconteceu? Por que não estais mais no mais belo dos castelos? O que aconteceu com a senhorita Cunegunda, a pérola das mocinhas, a obra-prima da natureza?” “Não aguento mais”, disse Pangloss. Imediatamente Cândido levou-o ao estábulo do anabatista, onde o fez comer um pouco de pão; e quando Pangloss já estava reffeito: “E então”, disse-lhe ele, “Cunegunda?” “Morreu”, retomou o outro. Cândido desmaiou; o amigo o fez recobrar os sentidos com um pouco de vinagre ruim que se encontrava por acaso no estábulo.¹ Cândido reabre os olhos. “Cunegunda está morta! Ah! Melhor dos mundos, onde estás? Mas de que doença ela morreu? Não seria por me ver expulso do castelo do senhor seu pai a grandes pontapés?” “Não”, disse Pangloss. “Ela foi estripada por soldados búlgaros, depois de ter sido violada tanto quanto se pode sê-lo; eles quebraram a cabeça do senhor barão, que queria defendê-la; a senhora baronesa foi cortada em pedaços; meu pobre pupilo, tratado exatamente como a irmã; e quanto ao castelo, não ficou pedra sobre pedra,² nem uma cocheira, nem um carneiro, nem um pato, nem uma árvore; mas fomos bem vingados, pois os abares fizeram o mesmo num baronato vizinho que pertencia a um senhor búlgaro.”

Ao ouvir isso, Cândido desmaiou de novo; mas, voltando a si e tendo dito o que devia dizer, indagou-se sobre a causa e o efeito, e sobre a causa suficiente que tinha colocado Pangloss num estado tão lamentável. “Ah!”, disse o outro, “foi o amor; o amor, o consolador do gênero humano, o conservador do universo, a alma de todos os seres sensíveis, o terno amor.” “Pena!”, disse Cândido, “eu o conheci, esse amor, esse soberano dos corações, essa alma de nossa alma; ele nunca me trouxe nada além de um beijo e vinte pontapés na bunda. Como essa bela causa pôde produzir em vós um efeito tão abominável?”

Pangloss respondeu nestes termos: “Ó meu caro Cândido! Conheceste Paquette, aquela bela acompanhante de nossa augusta baronesa; degustei em seus braços as delícias do paraíso, que produziram estes tormentos infernais pelos quais me vedes devorado. Ela estava infectada. Talvez já tenha morrido disso. Paquette tinha

recebido essa dádiva de um franciscano³ muito sábio, que fora buscar sua fonte; pois ele a pegara de uma velha condessa, que a recebera de um capitão de cavalaria, que a devia a uma marquesa, que a pegara de um pajem, que a recebera de um jesuíta,⁴ que, sendo noviço, a havia contraído em linha direta de um dos companheiros de Cristóvão Colombo. Quanto a mim, não a passarei a ninguém, pois estou morrendo”.

“Ó Pangloss!”, exclamou Cândido, “aí está uma estranha genealogia!⁵ Não foi o diabo que esteve na origem disso?” “Não mesmo!”, replicou aquele grande homem. “Era uma coisa indispensável no melhor dos mundos, um ingrediente necessário;⁶ pois se Colombo não tivesse pegado, numa ilha da América, essa doença que envenena a fonte da geração, que muitas vezes até impede a geração, e que é evidentemente o oposto do grande escopo da natureza, não teríamos nem o chocolate nem a cochonilha.⁷ Há que se observar ainda que, até hoje, em nosso continente, essa doença nos é particular,⁸ como a controvérsia. Os turcos, os indianos, os persas, os chineses, os siameses, os japoneses não a conhecem ainda; mas há uma razão suficiente para que a conheçam, por sua vez, dentro de alguns séculos. Enquanto isso, ela fez um maravilhoso progresso entre nós, e principalmente nos grandes exércitos compostos de honestos estipendiários, bem-educados, que decidem do destino dos Estados; pode-se garantir que, quando trinta mil homens combatem em ordem de batalha enfileirados contra tropas de igual número, há cerca de vinte mil sifilíticos de cada lado.”

“Eis aí algo admirável”, disse Cândido, “mas é preciso curá-lo.” “E como posso fazê-lo?”, disse Pangloss. “Eu não tenho um tostão, meu amigo; e em toda a extensão deste globo, não se pode nem fazer uma sangria, nem tomar uma lavagem sem pagar, ou sem que haja alguém que pague por nós.”

Este último discurso determinou Cândido; ele foi lançar-se aos pés de seu caridoso anabatista Tiago e fez-lhe uma pintura tão comovente do estado a que seu amigo estava reduzido, que o bom homem não hesitou em recolher o dr. Pangloss; fê-lo tratar-se às suas expensas. Pangloss, no tratamento, só perdeu um olho e uma orelha. Ele escrevia bem e sabia perfeitamente a aritmética. O anabatista Tiago fez dele o

seu guarda-livros. Ao cabo de dois meses, sendo obrigado a ir a Lisboa para cuidar dos negócios de seu comércio, levou em seu navio os dois filósofos; Pangloss explicou-lhe como tudo era o melhor possível. Tiago não era de sua opinião. “É preciso”, dizia ele, “que os homens tenham corrompido um pouco a natureza, pois não nasceram lobos e tornaram-se lobos.”⁹ Deus não lhes deu canhões de vinte e quatro polegadas nem baionetas,¹⁰ e eles fizeram baionetas e canhões para se destruir. Eu poderia listar as bancarrotas, e a justiça que se apossa dos bens dos falidos para frustrar os credores.”¹¹ “Tudo isso era indispensável”, repetia o doutor caolho, “e as desgraças particulares fazem o bem geral,¹² de modo que quanto mais houver desgraça particular, mais tudo ficará bem.” Enquanto ele arrazoava, o céu escureceu, os ventos sopraram dos quatro cantos do mundo e o navio foi assaltado pela mais horrível tempestade, à vista do porto de Lisboa.

CAPÍTULO 5

Tempestade, naufrágio, terremoto, e o que adveio ao dr. Pangloss e a Cândido e ao anabatista Tiago

A metade dos passageiros, enfraquecidos, expirantes por aquelas angústias inconcebíveis que o balanço de um navio provoca nos nervos e em todos os humores do corpo agitados em sentido contrário, não tinha nem de se preocupar com o perigo. A outra metade soltava gritos e fazia orações; as velas estavam rasgadas, os mastros quebrados, o casco entreaberto. Trabalhava quem podia, ninguém se entendia, ninguém comandava. O anabatista ajudava um pouco na manobra; ele estava no tombadilho; um marujo furioso bate nele com rudeza e o estende no assoalho; mas, com o golpe que deu, sofreu ele próprio uma tão grande sacudidela que caiu para fora do barco de ponta-cabeça. Ficou suspenso e dependurado a uma parte do mastro rompido. O bom Tiago corre em socorro dele, ajuda-o a subir de volta e, com o esforço que fez, é precipitado no mar à vista do marujo, que o deixou perecer sem sequer olhar para ele. Cândido aproxima-se, vê o seu benfeitor, que reaparece um momento e é engolido para sempre. Quer lançar-se atrás dele no mar; o filósofo Pangloss o impede, provando-lhe que a baía de Lisboa tinha sido feita de propósito para que o anabatista nela se afogasse.¹ Enquanto ele

provava *a priori*,² o navio se entreabre, tudo perece, com exceção de Pangloss, de Cândido e desse desalmado marinheiro que tinha afogado o virtuoso anabatista; o malandro nadou com sucesso até a praia aonde Pangloss e Cândido foram levados em uma tábua.

Quando voltaram um pouco a si, caminharam rumo a Lisboa; ainda tinham algum dinheiro, com o qual esperavam salvar-se da fome depois de terem escapado da tempestade.

Mal colocaram os pés na cidade, chorando a morte de seu benfeitor, sentem a terra tremer sob os seus passos;³ o mar se ergue a ferver no porto e destroça os navios que estão ancorados. Turbilhões de chamas e de cinzas cobrem as ruas e as praças públicas; as casas desmoronam, os telhados são derrubados sobre as fundações, e as fundações se dispersam; trinta mil habitantes de qualquer idade e sexo são esmagados debaixo das ruínas. O marinheiro dizia, vaiando e blasfemando: “Haverá alguma coisa para se ganhar aqui”. “Qual poderá ser a causa suficiente deste fenômeno?”, dizia Pangloss. “Eis o último dia do mundo!”, exclamava Cândido. O marujo corre incontinente para o meio dos escombros, enfrenta a morte para procurar dinheiro, encontra, apossa-se dele, embriaga-se, e, tendo curtido o seu vinho, compra os favores da primeira mulher de boa vontade que encontra sobre as ruínas das casas destruídas e em meio a moribundos e mortos. Pangloss, entretanto, puxava-o pela manga. “Meu amigo”, dizia-lhe, “isso não fica bem; estais faltando com a razão universal, estais usando mal o seu tempo.” “Cabeça e sangue!”, respondeu o outro. “Sou marinheiro e nascido na Batávia;⁴ pisei quatro vezes sobre o crucifixo⁵ em quatro viagens ao Japão; achaste mesmo teu homem com tua razão universal!”

Alguns fragmentos de pedra tinham ferido Cândido; ele estava estendido na rua e coberto de escombros. Dizia a Pangloss: “Ai! Arranja-me um pouco de vinho e óleo;⁶ estou morrendo!”. “Este terremoto não é algo novo”, respondeu Pangloss; “a cidade de Lima sofreu os mesmos abalos na América no ano passado; mesmas causas, mesmos efeitos: existe certamente uma corrente de enxofre por baixo da terra, desde Lima até Lisboa.”⁷ “Nada é mais provável”, diz Cândido, “mas, por Deus, um pouco de óleo e de vinho.” “Como, provável?”, replicou o filósofo. “Sustento que a coisa está

demonstrada.” Cândido perdeu os sentidos, e Pangloss lhe trouxe um pouco de água de um chafariz próximo.

No dia seguinte, tendo encontrado algumas provisões esgueirando-se através dos escombros, eles recuperaram um pouco as forças. Em seguida, trabalharam como os demais para aliviar os habitantes que tinham escapado da morte. Alguns cidadãos socorridos por eles deram-lhes um jantar tão bom quanto se podia após tamanho desastre. É verdade que, na refeição, os convivas regavam o pão com suas lágrimas. Mas Pangloss os consolou garantindo-lhes que as coisas não podiam ser de outra maneira:⁸ “Porque”, disse ele, “tudo isto é o que há de melhor. Pois, se há um vulcão em Lisboa, ele não podia estar noutro lugar.⁹ Porque é impossível que as coisas não estejam onde estão. Pois tudo está bem.”

Um homenzinho de negro, familiar da Inquisição, que estava ao seu lado, tomou polidamente a palavra e disse: “Aparentemente o senhor não acredita no pecado original; pois, se tudo está o melhor, não há, então, nem queda nem punição”.¹⁰

“Peço muito humildemente perdão a Vossa Excelência”, respondeu Pangloss ainda mais polidamente, “pois a queda do homem e a maldição entravam necessariamente no melhor dos mundos possíveis.” “Então o senhor não crê na liberdade?”, disse o familiar. “Vossa Excelência irá me desculpar”, disse Pangloss; “a liberdade pode subsistir com a necessidade absoluta, pois era necessário que fôssemos livres; pois enfim a liberdade determinada...”¹¹ Pangloss estava no meio da frase quando o familiar fez um sinal com a cabeça ao seu capanga que lhe servia vinho do Porto, ou d’Oporto.¹²

CAPÍTULO 6

Como se fez um belo auto de fé para impedir os terremotos, e como Cândido levou uma surra no traseiro

Depois do terremoto que havia destruído três quartos de Lisboa, os sábios do país não tinham encontrado um meio mais eficaz para prevenir uma ruína total senão dar ao povo um belo auto de fé;¹ fora decidido pela universidade de Coimbra² que o espetáculo de algumas pessoas queimadas em fogo brando, em grande cerimônia, é um segredo infalível para impedir a terra de tremer.

Tinha-se, em consequência, prendido um biscainho³ convencido de ter desposado a sua comadre, e dois portugueses que, comendo frango, tinham-lhe retirado o toucinho;⁴ vieram prender depois do jantar o dr. Pangloss e o seu discípulo Cândido, um por ter falado e o outro por ter escutado com ar de aprovação: ambos foram levados separadamente para cômodos de extremo frescor, nos quais nunca se era incomodado pelo sol; oito dias depois foram ambos vestidos com um sambenito,⁵ e ornaram-lhes a cabeça com mitras de papel: a mitra e o sambenito de Cândido eram cheios de chamas invertidas e diabos que não tinham nem rabos nem garras; mas os diabos de Pangloss tinham garras e rabos, e as chamas eram direitas;⁶ caminharam em procissão vestidos assim, e ouviram um sermão muito comovente, seguido de uma bela música em falso bordão.⁷ Cândido foi surrado em cadência, enquanto se cantava; o biscainho e os dois homens que não quiseram comer toucinho foram queimados, e Pangloss foi enforcado, embora não fosse o costume.⁸ No mesmo dia a terra tremeu com um estrépito espantoso.⁹

Cândido, assustado, estupefato, perdido, sangrando todo, todo palpitante, dizia-se a si mesmo: “Se é aqui o melhor dos mundos possíveis, o que serão os outros então? Vá lá se eu fosse apenas surrado, já o fui entre os búlgaros. Mas, ó meu caro Pangloss!, o maior dos filósofos, era preciso ter visto vos enforcarem sem que eu saiba por quê?! Ó meu caro anabatista, o melhor dos homens, era preciso que tivésseis sido afogado no porto?! Ó senhorita Cunegunda!, a pérola das moças, era preciso que lhe rasgassem a barriga?!”.

Ele voltava, mal se mantendo, admoestado, surrado, absolvido e abençoado, quando uma velha o abordou e lhe disse:

“Meu filho, tomai coragem, segui-me.”

CAPÍTULO 7

Como uma velha cuidou de Cândido, e como ele reencontrou aquilo de que gostava

Cândido não tomou coragem, mas seguiu a velha em seu casebre; ela lhe deu um pote de pomada para se esfregar, deixou-lhe o que comer e beber; mostrou-lhe uma caminha bastante aseada; havia ao pé da cama um traje completo. “Comei, bebei e dormi”, disse-lhe ela, “e que Nossa Senhora de Atocha, monsenhor santo Antônio de Pádua e

monsenhor são Tiago de Compostela cuidem de vós:¹ voltarei amanhã.” Cândido, ainda atônito com tudo o que havia visto, com tudo o que havia sofrido, e ainda mais com a caridade da velha, quis beijar-lhe a mão. “Não é a minha mão que tendes de beijar”, disse a velha. “Eu voltarei amanhã. Esfregai a pomada, comi e dormi.”

Cândido, apesar de tantas desgraças, comeu e dormiu. No dia seguinte, a velha lhe traz o almoço, examina-lhe as costas, esfrega-as ela mesma com outra pomada; traz-lhe em seguida o jantar; volta ao anoitecer e traz a ceia. No outro dia, fez de novo as mesmas cerimônias. “Quem é a senhora?”, perguntava-lhe sempre Cândido. “Quem lhe inspirou tanta bondade? Que graças posso dar-lhe?” A boa senhora nunca respondia nada; voltou ao cair da noite e não lhe trouxe a ceia. “Vinde comigo”, disse ela, “e não dissei nada.” Ela o toma pelo braço e caminha com ele pelo campo por cerca de um quarto de milha; chegam a uma casa isolada, cercada de jardins e canais. A velha bate a uma portinha. Alguém abre; ela leva Cândido, por uma escada camuflada, a um gabinete dourado, deixa-o num sofá de brocado, fecha a porta e se vai. Cândido acreditava estar sonhando, e olhava toda a sua vida como um sonho funesto, e o momento presente como um sonho agradável.

A velha logo reapareceu: sustentava com dificuldade uma mulher trêmula, de porte majestoso, brilhante de pedrarias e coberta com um véu. “Tire esse véu”, disse a velha a Cândido. O rapaz aproxima-se; ergue o véu com mão tímida. Que momento! Que surpresa! Acredita estar vendo a srta. Cunegunda; via-a de fato, era ela mesma. Faltam-lhe as forças. Não pode proferir palavra, cai aos seus pés. Cunegunda cai no sofá. A velha cumula-os de aguardentes; eles retomam os sentidos, falam entre si: são de início palavras entrecortadas, perguntas e respostas que se cruzam, suspiros, lágrimas, gritos. A velha recomenda-lhes que façam menos barulho e deixa-os à vontade. “Quê?! Sois vós”, diz-lhe Cândido, “estais viva! Eu vos reencontro em Portugal! Então não vos violaram? Não vos romperam a barriga, como o filósofo Pangloss me havia garantido?” “Assim foi feito”, disse a bela Cunegunda; “mas nem sempre se morre desses dois acidentes.” “Mas vosso pai e vossa mãe foram mortos?” “É a pura verdade”, disse Cunegunda a chorar. “E vosso irmão?” “Meu irmão

também foi morto.” “E por que estais em Portugal? E como soubestes que eu estava aqui? E por que estranha aventura me fizestes conduzir a esta casa?” “Eu vos direi tudo isso”, replicou a senhora; “mas antes é preciso que me conteis tudo o que vos aconteceu desde o beijo inocente que me destes e os pontapés que recebestes.”

Cândido obedeceu com profundo respeito; e, embora estivesse estupefato, embora a sua voz estivesse fraca e trêmula, embora ainda lhe doesse um pouco a espinha, contou-lhe da maneira mais espontânea tudo o que havia experimentado desde o momento da separação de ambos. Cunegunda erguia os olhos para o céu; verteu lágrimas pela morte do bom anabatista e de Pangloss; depois do que, falou nestes termos a Cândido, que não perdia uma palavra e a devorava com os olhos.

CAPÍTULO 8

História de Cunegunda

“Eu estava na cama e dormia profundamente, quando aprouve aos céus enviar os búlgaros a nosso belo castelo de Thunder-ten-tronckh; degolaram o meu pai e o meu irmão e cortaram a minha mãe em pedaços. Um búlgaro grande, com seis pés de altura, vendo que diante desse espetáculo eu havia perdido os sentidos, pôs-se a violar-me; isso fez-me voltar a mim, recobrar os sentidos, gritei, debati-me, mordi, arranhei, queria arrancar os olhos desse búlgaro grande, não sabendo que tudo que estava acontecendo no castelo de meu pai era algo de costumeiro: o bruto me deu uma facada no flanco esquerdo de que ainda carrego a marca.” “Ah! Tenho a esperança de vê-la”, disse o ingênuo Cândido. “Vós a vereis”, disse Cunegunda, “mas continuemos.” “Continuai”, disse Cândido.

Ela retomou, assim, o fio de sua história: “Um capitão búlgaro entrou, viu-me toda ensanguentada, e o soldado não se perturbava. O capitão encolerizou-se pelo pouco respeito que lhe testemunhava aquele bruto e o matou sobre o meu corpo. Em seguida, mandou fazer-me curativos e levou-me como prisioneira de guerra para o seu quartel. Eu lavava as poucas camisas que ele tinha, cozinhava para ele; ele achava-me muito bonita, há que confessar; e eu não vou negar que ele tinha um belo porte e a pele branca e suave; aliás, pouco espírito, pouca filosofia: bem se via que não fora educado pelo doutor

Pangloss. Ao cabo de três meses, tendo perdido todo o dinheiro e estando enjoado de mim, vendeu-me a um judeu chamado Issacar, que traficava na Holanda e em Portugal, e que gostava apaixonadamente de mulheres. Esse judeu apegou-se muito à minha pessoa, mas não podia triunfar sobre ela; resisti melhor a ele do que ao soldado búlgaro. Uma pessoa de honra pode ser violada uma vez, mas a sua virtude fortifica-se com isso. O judeu, para me amansar, trouxe-me para esta casa de campo que estais vendo. Eu tinha acreditado até então que não havia na terra nada tão belo quanto o castelo de Thunder-ten-tronckh; fui desiludida.

“O grande inquisidor viu-me um dia na missa, olhou-me demoradamente de soslaio e mandou dizer-me que precisava falar comigo sobre assuntos secretos. Fui conduzida ao seu palácio; informei-o sobre o meu nascimento; ele observou quanto estava abaixo da minha estirpe pertencer a um israelita. Foi proposto de sua parte a dom Issacar ceder-me a monsenhor. Dom Issacar, que é o banqueiro da corte e homem de crédito, nada quis fazer a respeito. O inquisidor ameaçou-o com um auto de fé. Finalmente o meu judeu, intimidado, fechou um negócio pelo qual a casa e eu pertenceríamos a ambos em comum; que o judeu teria para ele as segundas-feiras, as quartas e o dia do sabá. E que o inquisidor teria os outros dias da semana. Há seis meses que essa convenção se mantém. Não foi sem querelas; pois muitas vezes ficou indeciso se a noite do sábado para o domingo pertencia à antiga ou à nova lei.¹ Quanto a mim, resisti até agora a ambas, e creio que é por essa razão que sempre fui amada.

“Enfim, para afastar o flagelo dos terremotos, e para intimidar dom Issacar, aprouve ao senhor inquisidor celebrar um auto de fé. Ele fez-me a honra de convidar-me para assistir. Fiquei muito bem colocada; foram servidos refrescos às senhoras entre a missa e a execução. Fui, na verdade, tomada de horror ao ver queimar aqueles dois judeus e aquele honesto biscainho que havia desposado a sua comadre; mas qual não foi a minha surpresa, o meu espanto, minha perturbação, quando vi, dentro de um sambenito e debaixo de uma mitra, uma figura que parecia ser a de Pangloss! Esfreguei os olhos, olhei atentamente, vi enforcarem-no; caí desfalecida. Mal recuperei os sentidos, vi o senhor despojado, todo nu: foi o cúmulo do horror, da

consternação, da dor, do desespero. Dir-lhe-ei com verdade que sua pele é ainda mais branca e de um encarnado mais perfeito que a do meu capitão dos búlgaros. Essa visão redobrou todos os sentimentos que me acabrunhavam, que me devoravam. Bradei, quis dizer: ‘Parem, bárbaros!’, mas faltou-me a voz, e os meus brados teriam sido inúteis. Quando o senhor foi bem surrado: ‘Como pode acontecer’, dizia eu, ‘que o amável Cândido e o sábio Pangloss se encontrem em Lisboa, um para receber cem chibatadas e o outro para ser enforcado por ordem do senhor inquisidor de quem sou a bem-amada? Pangloss então me enganou muito cruelmente quando me disse que tudo vai pelo melhor do mundo’.

“Agitada, desorientada, ora fora de mim, ora prestes a morrer de fraqueza, eu estava com a cabeça plena do massacre de meu pai, de minha mãe, de meu irmão, da insolência do meu feio soldado búlgaro, da facada que ele me deu, da minha servidão, do meu serviço de cozinha, do meu capitão búlgaro, do meu feio dom Issacar, do meu abominável inquisidor, do enforcamento do doutor Pangloss, daquele grande *miserere*² em falso bordão durante o qual vos espancavam e principalmente do beijo que eu vos dera atrás de um biombo, no dia em que tinha visto o senhor pela última vez. Louvei a Deus, que o trazia de volta para mim por tantas provações. Recomendei à minha velha que cuidasse de vós e que trouxesse o senhor aqui logo que pudesse. Ela executou bem o meu pedido; experimentei o prazer inestimável de revê-lo, de ouvi-lo, de falar-lhe. Deveis estar com uma fome devoradora; eu estou com muito apetite; comecemos a jantar.”

Eis que se põem ambos à mesa; e depois do jantar, voltam para o belo sofá de que já se falou; estavam ali quando o senhor dom Issacar, um dos donos da casa, chegou. Era dia de sábado. Ele vinha desfrutar de seus direitos e explicar o seu terno amor.

CAPÍTULO 9

O que aconteceu com Cunegunda, com Cândido, com o grande inquisidor e com um judeu

Esse Issacar era o mais colérico hebreu que já se tinha visto em Israel desde o cativeiro de Babilônia.¹ “O quê!”, disse ele. “Cadela da Galileia, não basta o senhor inquisidor? É preciso que esse malandro partilhe também comigo?!” Dizendo isso, saca de um longo punhal

que sempre trazia consigo e, não acreditando que seu adversário estivesse armado, lança-se sobre Cândido; mas o nosso bom westfaliano tinha recebido uma bela espada da velha, com o traje completo. Ele saca da espada, embora tivesse hábitos muito gentis, e estende o israelita teso e morto no chão, aos pés da bela Cunegunda.

“Santíssima Virgem!”, bradou ela. “O que será de nós? Um homem assassinado em minha casa! Se a justiça vier, estamos perdidos.” “Se Pangloss não tivesse sido enforcado”, disse Cândido, “ele nos daria um bom conselho nesta situação extrema, pois era um grande filósofo. Na falta dele, consultemos a velha.” Ela era muito prudente e começava a partilhar sua opinião quando outra portinha se abriu. Era uma hora depois da meia-noite, era o começo do domingo. Esse dia pertencia ao senhor inquisidor. Ele entra e vê o surrado Cândido de espada na mão, um morto estendido no chão, Cunegunda apavorada, e a velha dando conselhos.

Eis o que se passou nesse momento na alma de Cândido e como ele raciocinou: “Se esse santo homem pedir socorro, fará infalivelmente com que eu seja queimado; poderá fazer o mesmo com Cunegunda; ele mandou chicotear-me impiedosamente; é meu rival; estou matando; não há como titubear”. Esse raciocínio foi claro e rápido; e sem dar tempo ao inquisidor para recuperar-se da surpresa, ele o trespassa de lado a lado e joga-o ao lado do judeu. “Só faltava isso”, disse Cunegunda; “não há mais remissão; estamos excomungados, chegou a nossa hora derradeira. Como fizestes isso, vós que sois tão gentil, matar em dois minutos um judeu e um prelado?” “Minha bela moça”, respondeu Cândido, “quando se está apaixonado, com ciúmes e fustigado pela Inquisição, a gente não se reconhece mais.”

A velha tomou então a palavra e disse: “Há três cavalos andaluzes na cocheira, com as selas e as rédeas: que o bravo Cândido os prepare; a madame tem moidores² e diamantes: montemos rápido a cavalo, embora eu só possa me apoiar numa das nádegas, e vamos para Cádiz; está fazendo um belíssimo tempo, e é um prazer viajar com o frescor da noite”.

Imediatamente Cândido sela os três cavalos. Cunegunda, a velha e ele fazem trinta milhas numa tirada só. Enquanto se afastam, a Santa

Irmandade³ chega à casa; enterra monsenhor numa bela igreja e joga Issacar no depósito de lixo.

Cândido, Cunegunda e a velha estavam já na cidadezinha de Abacera,⁴ no meio das montanhas da serra Morena, e falavam assim numa tasca.

CAPÍTULO 10

Em que penúria Cândido, Cunegunda e a velha chegam a Cádiz e de seu embarque

“Quem é que pode ter roubado as minhas pistolas e os meus diamantes?”, dizia Cunegunda a chorar. “Com que vamos viver?! Como faremos? Onde encontrar inquisidores e judeus que me deem outras?” “Ai!”, disse a velha, “suspeito muito de um reverendo padre franciscano que pousou ontem no mesmo albergue que nós em Badajoz. Deus me livre de fazer um juízo temerário! Mas ele entrou duas vezes em nosso quarto e foi-se embora bem antes de nós.” “Pena!”, disse Cândido. “O bom Pangloss tinha me provado muitas vezes que os bens da terra são comuns a todos os homens, que cada um tem sobre eles igual direito.¹ Esse franciscano devia, segundo esses princípios, deixar-nos algo com que terminar a nossa viagem. Então não lhe resta mais absolutamente nada, minha bela Cunegunda?” “Nem um *maravedi*”,² disse ela. “Que decisão tomar?”, disse Cândido. “Vamos vender um dos cavalos”, disse a velha. “Eu montarei na garupa com a senhorita, embora só possa me manter com um lado das nádegas, e chegaremos a Cádiz.”

Havia na mesma hospedaria um prior beneditino;³ ele comprou barato o cavalo. Cândido, Cunegunda e a velha passaram por Lucena, por Chillas, por Lebrija e chegaram finalmente a Cádiz.⁴ Aí estavam equipando uma frota e se recrutavam tropas para submeter os reverendos padres jesuítas do Paraguai, que eram acusados de insuflar uma de suas hordas contra o rei da Espanha, perto da cidade do Santo Sacramento.⁵ Cândido, tendo servido sob os búlgaros, fez o exercício búlgaro diante do general do pequeno exército com tanta graça, celeridade, mestria, garbo, agilidade, que lhe deram uma companhia de infantaria para comandar. Ei-lo capitão; embarcou com a srta. Cunegunda, a velha, dois valetes e dois cavalos andaluzes que tinham pertencido ao senhor grande inquisidor de Portugal.

Durante toda a travessia arrazoavam muito sobre a filosofia do pobre Pangloss. “Nós vamos para outro universo”,⁶ dizia Cândido. “É nesse, por certo, que tudo está bem. Pois é preciso confessar que se poderia gemer um pouco pelo que se passa no nosso em física e em moral.” “Amo o senhor de todo o coração”, dizia Cunegunda, “mas ainda estou com a alma toda apavorada com o que vi, com aquilo por que passei.” “Tudo irá bem”, replicava Cândido, “o mar desse novo mundo vale já mais do que os mares da nossa Europa; ele é mais calmo, os ventos mais constantes. É certamente o novo mundo que é o melhor dos mundos possíveis.” “Deus o queira!”, dizia Cunegunda. “Mas fui tão infeliz no meu que o meu coração está quase fechado para a esperança.” “A senhorita se queixa”, disse a velha, “ah!, não provastes infortúnios tais como os meus.” Cunegunda quase se pôs a rir, e achou a boa senhora muito engraçada por pretender ser mais infeliz do que ela. “Ah!”, disse ela, “minha boa senhora, a menos que a senhora tenha sido violada por dois búlgaros, que tenha recebido duas facadas na barriga, que tenham demolido dois dos seus castelos, que se tenham degolado diante dos seus olhos dois pais e duas mães, e que tenha visto dois de seus amados chicoteados num auto de fé, não vejo como a senhora possa me superar; acrescente-se que nasci baronesa com setenta e dois quartos⁷ e que fui cozinheira.” “Senhorita”, respondeu a velha, “não sabeis qual é o meu nascimento; e se eu vos mostrasse o meu traseiro, não falaria comigo como está fazendo e suspenderia vosso julgamento.” Esse discurso fez nascer uma extrema curiosidade no espírito de Cunegunda e de Cândido. A velha lhes falou nestes termos.

CAPÍTULO II

História da velha

“Nem sempre tive os olhos rajados e cercados de escarlata; o meu nariz nem sempre tocou o queixo, e nem sempre fui serva. Sou filha do papa Urbano x e da princesa de Palestrina.¹ Educaram-me até os catorze anos num palácio em que todos os castelos de seus barões alemães não teriam servido nem de estrebaria; e um dos meus vestidos valia mais do que todas as magnificências da Westfália. Eu crescia em beleza, em graças, em talentos, no meio dos prazeres, das deferências e das esperanças. Inspirava já amor; os meus seios se formavam; e que

seios! Brancos, firmes, talhados como os da Vênus de Médici; e que olhos! Que pálpebras! Que sobancelhas negras! Que chamadas brilhavam nas minhas duas pupilas e apagavam a cintilação das estrelas, como me diziam os poetas do bairro. As mulheres que me vestiam e que me despiam caíam em êxtase ao olhar-me de frente e de costas, e todos os homens gostariam de estar no lugar delas.

“Fui noiva de um príncipe soberano de Massa-Carrara.² Que príncipe! Tão belo quanto eu, feito de doçura e de dotes, brilhante de espírito e ardente de amor. Eu o amava como se ama pela primeira vez, com idolatria, com enlevo. As bodas foram preparadas. Era uma pompa, uma magnificência inaudita; eram festas, carrosséis, óperas-bufas incessantes. E toda a Itália fez para mim sonetos, dos quais nenhum era apenas passável. Estava atingindo o momento da minha felicidade quando uma velha marquesa, que fora amante do meu príncipe, convidou-o para tomar um chocolate em sua casa. Ele morreu em menos de duas horas, com convulsões horrorosas. Mas isso é apenas uma bagatela. Minha mãe, em desespero, e bem menos aflita do que eu, quis retirar-se por algum tempo de uma estada tão funesta. Ela possuía uma belíssima terra perto de Gaeta.³ Embarcamos numa galera do país, dourada como o altar de São Pedro em Roma. Eis que um corsário de Salé⁴ precipita-se sobre nós e nos aborda. Nossos soldados se defenderam como soldados do papa: puseram-se de joelhos jogando no chão as suas armas e pedindo ao corsário uma absolvição *in articulo mortis*.⁵

“Logo os despiram nus como macacos, e à minha mãe, às nossas damas de honra e a mim também. É uma coisa admirável a diligência com que aqueles senhores despem as pessoas. Mas o que mais me surpreendeu foi que eles nos colocaram o dedo num lugar onde nós, as mulheres, em geral só deixamos colocar cânulas de seringas de lavagem. Essa cerimônia parecia-me muito estranha: aí está como se julga tudo quando nunca se saiu de sua terra. Fiquei logo sabendo que era para verificar se não tínhamos escondido ali alguns diamantes: é uma prática usual desde tempos imemoriais entre as nações politizadas que correm pelos mares. Soube que os senhores religiosos Cavaleiros de Malta⁶ nunca deixam de fazê-lo quando prendem turcos e turcas; é uma lei do direito das gentes que nunca se derogou.

“Não vos direi como é duro para uma jovem princesa ser levada com sua mãe para o Marrocos. Concebereis bastante bem tudo o que tivemos de sofrer no barco corsário. A minha mãe ainda era muito bela; as nossas damas de honra, as nossas simples camareiras, tinham mais encantos do que se pode encontrar em toda a África. Quanto a mim, eu estava arrebatadora, eu era a beleza, a própria graça, e era donzela; não o fui por muito tempo: essa flor que havia sido reservada para o belo príncipe de Massa-Carrara foi-me arrebatada pelo capitão corsário; era um negro abominável, que acreditava ainda estar me fazendo uma grande honra. Por certo, era preciso que a senhorita princesa de Palestrina e eu fôssemos bem fortes para resistir a tudo que experimentamos até a chegada ao Marrocos. Mas passemos adiante; são coisas tão comuns que não vale a pena falar delas.

“O Marrocos nadava em sangue quando chegamos. Cinquenta filhos do imperador Muley-Ismael⁷ tinham cada um o seu partido, o que produzia de fato cinquenta guerras civis de negros contra negros, de negros contra tisnados, de mulatos contra mulatos. Era uma carnificina contínua em toda a extensão do império.

“Mal desembarcamos, alguns negros da facção inimiga da do meu corsário apresentaram-se para apossar-se de seu saque. Éramos, depois dos diamantes e do ouro, o que havia de mais precioso. Fui testemunha de um combate que nunca vedes em vosso clima da Europa. Os povos setentrionais não têm o sangue bastante ardente. Eles não têm a fúria pelas mulheres ao ponto em que ela é comum na África. Parece que os vossos europeus têm leite nas veias; é vitríolo, é fogo que corre nas dos habitantes do monte Atlas e das regiões vizinhas. Combateu-se com o furor dos leões, dos tigres e das serpentes da região para saber quem nos teria. Um mouro agarrou a minha mãe pelo braço direito, o lugar-tenente do meu capitão segurou-a pelo braço esquerdo; um soldado mouro pegou-a por uma perna, um de nossos piratas a segurava pela outra. As nossas jovens também se viram num momento puxadas assim pelos soldados. O meu capitão me mantinha escondida atrás de si. Ele tinha uma cimitarra em punho, e matava tudo que se opunha à sua fúria. Finalmente, vi todas as nossas italianas e a minha mãe rasgadas, cortadas, massacradas pelos monstros que as disputavam entre si. Os

cativos, meus companheiros, aqueles que os haviam pegado, soldados, marinheiros, negros, tismados, brancos, mulatos, e enfim o meu capitão, todos foram mortos; e eu fiquei moribunda sobre um monte de cadáveres. Cenas semelhantes passavam-se, como se sabe, na extensão de mais de trezentas léguas, sem que se faltasse às cinco orações por dia ordenadas por Maomé.⁸

“Desvencilhei-me com bastante dificuldade da multidão de tantos cadáveres sangrentos amontoados e arrastei-me para debaixo de uma grande laranjeira à beira de um riacho próximo; caí ali de pavor, de cansaço, de horror, de desespero e de fome. Logo depois, os meus sentidos oprimidos entregaram-se a um sono que tinha mais de desmaio que de repouso. Estava nesse estado de fraqueza e insensibilidade, entre a morte e a vida, quando me senti pressionada por algo que se agitava sobre o meu corpo. Abri os olhos, vi um homem branco e de bom aspecto que suspirava e que dizia entre os dentes: “*O che sciagura d’essere senza coglioni...!*”.⁹

CAPÍTULO 12

Continuação das desgraças da velha

“Espantada e arrebatada por ouvir a língua de minha pátria, e não menos surpresa com as palavras que aquele homem proferia, respondi-lhe que havia maiores desgraças do que aquela de que ele se queixava. Instruí-o em poucas palavras sobre os horrores que eu havia suportado e recaí em fraqueza. Ele carregou-me para uma casa vizinha, mandou colocar-me na cama, dar-me de comer, serviu-me, consolou-me, elogiou-me, disse-me que nunca tinha visto nada de tão belo quanto eu, e que nunca tinha lamentado tanto a perda daquilo que ninguém podia devolver-lhe. ‘Eu nasci em Nápoles’, disse-me ele, ‘lá se castram dois ou três mil meninos todos os anos; alguns morrem por causa disso, os outros adquirem uma voz mais bela que a das mulheres, outros vão governar os Estados.’¹ Fizem-me essa operação com grande sucesso e tornei-me cantor da capela da senhora princesa de Palestrina.’ ‘De minha mãe!’, exclamei. ‘De vossa mãe!’, exclamou ele a chorar. ‘O quê! Seríeis aquela jovem princesa que eduquei até a idade de seis anos, que prometia já ser tão bela quanto sois?’ ‘Sou eu mesma; minha mãe está a quatro passos daqui, cortada em quartos debaixo de um monte de cadáveres...’

“Contei-lhe tudo o que me havia acontecido; ele também me contou as suas aventuras, e me informou como tinha sido enviado ao rei do Marrocos por uma potência cristã, para concluir com esse monarca um tratado pelo qual lhe seriam fornecidos pólvora, canhões e navios, para ajudá-lo a exterminar o comércio dos outros cristãos.² ‘A minha missão está cumprida’, disse-me aquele honesto eunuco. ‘Vou embarcar em Ceuta,³ e vos levarei de volta para a Itália. *Ma che sciagura d’essere senza coglioni...!*’

“Agradei-lhe com lágrimas de enternecimento; e, em vez de levar-me para a Itália, conduziu-me para a Argélia e vendeu-me ao dei daquela província.⁴ Mal tinha eu sido vendida, aquela peste que deu voltas na África, na Ásia e na Europa declarou-se com furor na Argélia. Vistes terremotos, mas, senhorita, nunca vistes a peste?” “Nunca”, respondeu a baronesa.

“Se a tivésseis tido”, retomou a velha, “confessaríeis que ela está bem acima de um terremoto. Ela é muito comum na África;⁵ eu fui atacada por ela. Imaginai que situação para a filha de um papa, com quinze anos de idade, que no espaço de três meses experimentou a pobreza, a escravatura, tinha sido violada quase todos os dias, vira cortar a mãe em quatro pedaços, aguentara a fome e a guerra, e morria de peste na Argélia. Não morri disso, entretanto. Mas o meu eunuco e o dei, e quase todo o serralho da Argélia, pereceram.

“Quando os primeiros estragos dessa espantosa peste passaram, venderam os escravos do dei. Um mercador comprou-me e levou-me para Túnis; vendeu-me a um grande mercador, que me revendeu em Trípoli; de Trípoli fui revendida em Alexandria, de Alexandria revendida em Esmirna, de Esmirna em Constantinopla. Pertenci enfim a um agá dos janízaros,⁶ que foi logo mandado para ir defender Azov contra os russos que a sediavam.⁷

“O agá, que era um homem muito galante, levou consigo todo o seu harém, e alojou-nos num pequeno forte nos Paúis Meótidos,⁸ guardado por dois eunucos negros e vinte soldados. Mataram-se prodigiosamente russos, mas eles responderam à altura. Azov foi posta a fogo e a sangue, e não se perdoou nem sexo nem idade; só restou o nosso fortim; os inimigos quiseram tomar-nos pela fome. Os vinte janízaros haviam jurado nunca se render. Os extremos de fome a

que foram reduzidos os constrangeram a comer os nossos dois eunucos, com medo de violar seu juramento. Ao cabo de alguns dias, resolveram devorar as mulheres.

“Tínhamos um imame⁹ muito piedoso e muito complacente que lhes fez um belo sermão pelo qual realmente os persuadiu de que não nos matasse. ‘Cortai’, disse ele, ‘uma nádega de cada uma dessas senhoras, fareis muito boa refeição; se for preciso voltar a isso, tereis ainda outro tanto dentro de alguns dias; o céu vos ficará grato por uma ação caridosa e sereis socorridos.’¹⁰

“Ele tinha grande eloquência; persuadiu-os. Fizeram-nos essa horrível operação. O imame aplicou-nos o mesmo bálsamo que se coloca nas crianças que acabam de ser circuncidadas. Estávamos todas à beira da morte.

“Mal os janízaros tinham feito a refeição que lhes havíamos fornecido, os russos chegaram em barcos de fundo chato; não escapou nenhum janízaro. Os russos não deram nenhuma atenção ao estado em que estávamos. Existem por toda parte cirurgiões franceses: um deles, que era muito jeitoso, tratou de nós; ele nos curou, e lembrarei a vida toda que, quando as feridas já estavam bem fechadas, me fez propostas. De resto, ele disse a todas que nos consolássemos; afirmou-nos que, em vários cercos, semelhante coisa havia acontecido e que era a lei da guerra.

“Logo que as minhas companheiras puderam caminhar, fizeram-nas ir a Moscou. Eu coube na distribuição a um boiardo,¹¹ que me fez sua jardineira e que me dava vinte chicotadas por dia. Mas, tendo esse senhor sofrido o suplício da roda ao cabo de dois anos, junto com uns trinta boiardos, por alguma confusão da corte, aproveitei-me dessa aventura e fugi; atravessei toda a Rússia; fui durante um bom tempo garçoneiro de um cabaré em Riga, depois em Rostock, em Wismar, em Leipzig, em Kassel, em Utrecht, em Leiden, em Haia, em Roterdã: envelheci na miséria e no opróbrio, tendo apenas uma nádega, lembrando-me sempre de que era filha de um papa; quis cem vezes matar-me, mas ainda amava a vida. Essa fraqueza ridícula é talvez uma de nossas inclinações mais funestas; pois existe algo mais tolo do que querer carregar continuamente um fardo¹² que se quer sempre

jogar no chão? Ter horror ao seu próprio ser? Enfim, acariciar a serpente que nos devora, até que ela nos tenha comido o coração?

“Eu vi nos países que o fardo me fez percorrer, e nos cabarés onde servi, um número prodigioso de pessoas que execravam a sua existência; mas vi apenas doze que tinham posto voluntariamente fim à própria miséria: três negros, quatro ingleses, quatro genebreses e um professor alemão chamado Robeck.¹³ Acabei por servir na casa do judeu dom Issacar; ele colocou-me perto de vós, minha bela senhorita; apeguei-me ao vosso destino e ocupei-me mais com as vossas aventuras que com as minhas. Eu nem mesmo teria jamais falado convosco sobre as minhas desgraças se não me tivésseis provocado; e se não fosse de uso, num navio, contar histórias para não se entediar. Enfim, senhorita, eu tenho experiência, conheço o mundo; dai a vós mesma um prazer, levai cada passageiro a contar-vos a sua história; e se houver um só que não tenha amaldiçoado a vida com frequência, que não tenha dito muitas vezes a si mesmo que era o mais infeliz dos homens, atirai-me ao mar de cabeça.”

CAPÍTULO 13

Como Cândido foi obrigado a separar-se da bela Cunegunda e da velha

A bela Cunegunda, tendo ouvido a história da velha, fez-lhe todas as gentilezas que se devia a uma pessoa de sua estirpe e de seu mérito. Aceitou a proposta; levou todos os passageiros, um depois do outro, a contar-lhe as suas aventuras. Cândido e ela confessaram que a velha tinha razão. “É mesmo uma pena”, dizia Cândido, “que o sábio Pangloss tenha sido enforcado contra o costume em um auto de fé; ele nos diria coisas admiráveis sobre o mal físico e sobre o mal moral que cobrem a terra e o mar, e eu me sentiria com bastante força para fazer-lhe respeitosamente algumas objeções.”

À medida que cada um contava a sua história, o navio avançava. Aportaram em Buenos Aires. Cunegunda, o capitão Cândido e a velha foram à casa do governador, d. Fernando de Ibaraa y Figueora y Mascarenes y Lampourdos y Souza. Esse senhor tinha um garbo condizente com um homem que trazia tantos nomes. Falava aos homens com o mais nobre desdém, de nariz levantado, erguendo tão impiedosamente a voz, assumindo um tom tão imponente, afetando

um andar tão altivo, que todos aqueles que o saudavam eram tentados a bater nele. Gostava com furor de mulheres. Cunegunda pareceu-lhe o que tinha visto de mais belo. A primeira coisa que fez foi perguntar se ela era a mulher do capitão. O jeito como ele fez essa pergunta deixou Cândido alarmado: este não ousou dizer que ela era a sua mulher, porque de fato ela não era; não ousava dizer que era sua irmã, porque tampouco não o era; e embora essa mentira oficiosa tivesse estado outrora muito na moda entre os antigos e pudesse ser útil aos modernos,¹ a sua alma era pura demais para trair a verdade. “A senhorita Cunegunda”, disse ele, “deve dar-me a honra de me desposar, e suplicamos a Vossa Excelência que se digne a realizar o nosso casamento.”

D. Fernando de Ibarra y Figueira y Mascarenes y Lampourdos y Souza, levantando os bigodes, sorriu amargamente e ordenou ao capitão Cândido que fosse passar em revista a sua companhia. Cândido obedeceu; o governador ficou com a srta. Cunegunda. Ele declarou-lhe a sua paixão, protestou-lhe que no dia seguinte a desposaria diante da Igreja, ou de outro modo, como aprouvesse aos encantos dela. Cunegunda pediu-lhe um quarto de hora para recolher-se, para consultar a velha e para decidir-se.

A velha disse a Cunegunda: “Senhorita, tendes setenta e dois quartos de nobreza e nenhum óbolo; só depende de vós serdes a mulher do maior senhor da América Meridional, que tem um belíssimo bigode; seria o caso de vos apegardes a uma fidelidade a qualquer prova? Fostes violada pelos búlgaros; um judeu e um inquisidor tiveram as vossas boas graças;² as infelicidades dão direitos. Confesso que, se eu estivesse em vosso lugar, não teria nenhum escrúpulo em desposar o senhor governador e fazer a fortuna do senhor capitão Cândido”. Enquanto a velha falava com toda a prudência que a idade e a experiência proporcionam, viu-se entrar no porto um naviozinho; ele trazia um alcaide e alguns aguazis,³ e eis o que aconteceu.

A velha tinha adivinhado muito bem que foi um franciscano com grandes mangas que roubara o dinheiro e as joias de Cunegunda na cidade de Badajoz, quando ela fugia às pressas com Cândido. Esse monge quis vender algumas pedrarias a um joalheiro. O comerciante as reconheceu como sendo as do grande inquisidor. O franciscano,

antes de ser enforcado, confessou que as tinha roubado; indicou as pessoas e a rota que tomavam. A fuga de Cunegunda e Cândido já era conhecida. Foram seguidos até Cádiz; sem perda de tempo, foi enviado um navio em sua perseguição. O barco já estava no porto de Buenos Aires. Espalhou-se a notícia de que um alcaide ia desembarcar e que se perseguiam os assassinos do senhor grande inquisidor. A prudente velha viu no mesmo instante tudo que se devia fazer. “Não podeis fugir”, disse ela a Cunegunda, “e nada tendes a temer; não fostes vós que matastes monsenhor; e, aliás, o governador, que vos ama, não permitirá que vos maltratem; ficai.” Ela corre imediatamente para junto de Cândido: “Fugi, ou dentro de meia hora sereis queimado”. Não havia mais nenhum momento a perder; mas como se separar de Cunegunda e onde se refugiar?

CAPÍTULO 14

Como Cândido e Cacambo foram recebidos pelos jesuítas do Paraguai

Cândido havia trazido de Cádiz um criado como se encontram muitos na costa da Espanha e nas colônias. Era um quarto espanhol,¹ nascido de um mestiço em Tucumã;² ele tinha sido acólito e sacristão, marinheiro, monge, representante comercial, soldado, lacaio. Chamava-se Cacambo e gostava bastante de seu patrão porque este era um homem muito bom. Selou o mais rápido que pôde os dois cavalos andaluzes. “Vamos, patrão, sigamos o conselho da velha; partamos e corramos sem olhar para trás.” Cândido derramou lágrimas. “Ó minha querida Cunegunda! Será preciso abandoná-la no tempo em que o senhor governador vai celebrar as nossas núpcias! Cunegunda trazida de tão longe o que vireis a ser?” “Ela virá a ser o que puder”, disse Cacambo. “As mulheres nunca ficam embaraçadas consigo mesmas; Deus provê a isso; corramos.” “Aonde estás me levando? Aonde vamos? O que faremos sem Cunegunda?”, dizia Cândido. “Por são Tiago de Compostela”, disse Cacambo, “íeis guerrear contra os jesuítas; vamos guerrear a favor deles; sei bastante bem os caminhos, eu vos levarei ao seu reino,³ ficarão encantados de ter um capitão que faça os exercícios à moda búlgara; fareis uma fortuna prodigiosa; quando não se tem o que se procura num mundo,

pode-se encontrá-lo em outro. É um grande prazer ver e fazer coisas novas.”

“Então já estive no Paraguai?”, disse Cândido. “Eh! Na verdade, sim”, disse Cacambo, “fui cozinheiro no colégio de Assunção,⁴ e conheço o governo de Los Padres⁵ como conheço as ruas de Cádiz. É uma coisa admirável esse governo. O reino já tem mais de trezentas léguas de diâmetro;⁶ é dividido em trinta províncias. Los Padres aí têm tudo, e os povos nada; é a obra-prima da razão e da justiça.⁷ Para mim, não vejo nada tão divino como Los Padres, que aqui fazem guerra contra o rei da Espanha e contra o rei de Portugal, e que na Europa confessam esses reis; que aqui matam espanhóis e que em Madri os enviam ao céu: isso me encanta; avancemos, ides ser o mais feliz de todos os homens. Que prazer terão Los Padres quando souberem que vem a eles um capitão que conhece o exercício búlgaro!”

Logo que chegaram à primeira barreira, Cacambo disse à guarda avançada que um capitão pedia para falar com o senhor comandante. Foram avisar a guarda-mor. Um oficial paraguaio correu aos pés do comandante para dar-lhe a notícia. Cândido e Cacambo foram primeiro desarmados; tomaram-lhes seus dois cavalos andaluzes. Os dois estrangeiros são introduzidos no meio de duas fileiras de soldados; o comandante estava na ponta, com o chapéu de três pontas na cabeça, com a roupa arregaçada, a espada ao lado, o espontão⁸ na mão. Fez um sinal; logo vinte e quatro soldados envolvem os dois recém-chegados. Um sargento lhes diz que é preciso esperar, que o comandante não pode falar com eles, que o reverendo padre provincial não permite que nenhum espanhol abra a boca, a não ser em sua presença, e permaneça mais de três horas no país.⁹ “E onde está o reverendo padre provincial?”, perguntou Cacambo. “Ele está na parada, depois de ter rezado a missa”, respondeu o sargento, “e só podereis beijar as suas esporas¹⁰ dentro de três horas.” “Mas”, disse Cacambo, “o senhor capitão, que está morrendo de fome como eu, não é espanhol, é alemão; não poderíamos almoçar enquanto esperamos Sua Reverendíssima?”

O sargento foi de imediato prestar contas desse relato ao comandante. “Deus seja louvado!”, disse esse senhor. “Visto ser ele

alemão, posso falar com ele; que o tragam ao meu caramanchão.”¹¹ Logo conduziram Cândido a um gabinete de verdura ornado com uma colunata de mármore verde e dourada muito bonita, e com um entrelaçado de plantas que abrigava papagaios, colibris, beija-flores, galinhas-d’angola e todos os mais raros pássaros. Um excelente desjejum estava preparado em vasos de ouro;¹² e enquanto os paraguaios comeram milho em cuias de madeira, em pleno campo, ao ardor do sol, o reverendo padre comandante entrou no caramanchão.

Era um belíssimo jovem, de rosto pleno, bastante branco, corado, sobancelha levantada, olhar vivo, orelha vermelha, lábios encarnados, porte altivo, mas de uma altivez que não era nem a de um espanhol, nem a de um jesuíta. Devolveram-se a Cândido e a Cacambo as suas armas, que lhes tinham sido tomadas, assim como os dois cavalos andaluzes; Cacambo deu-lhes de comer aveia perto do caramanchão, mantendo sempre o olhar neles, por receio de surpresa.

Cândido beijou primeiro a fímbria da roupa do comandante, depois puseram-se à mesa. “Os senhores são, pois, alemães?”, disse-lhes o jesuíta nessa língua. “Sim, reverendo padre”, disse Cândido. Um e outro, ao pronunciar essas palavras, olhavam-se com extrema surpresa e com uma emoção que não conseguiam dominar. “E de que região da Alemanha sois?”, disse o jesuíta. “Da suja província da Westfália”, disse Cândido. “Nasci no castelo de Thunder-ten-tronckh.” “Ó céus! Seria possível?”, exclamou o comandante. “Que milagre!”, exclamou Cândido. “Seria o senhor?”, disse o comandante. “Isso não é possível!”, disse Cândido. Ambos deixam-se cair para trás, abraçam-se, derramam rios de lágrimas. “Quê! Seríeis vós, meu reverendo padre? Vós, o irmão da bela Cunegunda, que fostes morto pelos búlgaros! Vós, o filho do senhor barão! Vós, jesuíta no Paraguai! Há que se confessar que este mundo é uma estranha coisa. Ó Pangloss! Pangloss! Como estaríeis contente se não estivésseis perdido!”

O comandante mandou retirar-se os escravos negros¹³ e os paraguaios que serviam de beber em canecas de cristal de rocha. Agradeceu a Deus e a santo Inácio mil vezes; apertava Cândido entre os braços; o rosto deles estava banhado de pranto. “Ficaríeis bem mais admirado, mais enternecido, mais fora de vós mesmo”, disse

Cândido, “se eu vos dissesse que a senhorita Cunegunda, vossa irmã, que acreditastes ter sido estripada, está cheia de saúde.” “Onde?” “Em vossa vizinhança, com o senhor governador de Buenos Aires; e eu estava vindo para fazer guerra contra vós.” Cada palavra que pronunciaram nessa longa conversa acumulava prodígio sobre prodígio. Toda a alma deles voava sobre a sua língua, estava atenta em seus ouvidos e faiscante em seus olhos. Como eles eram alemães, ficaram à mesa por longo tempo, esperando o reverendo padre provincial; e o comandante assim falou ao seu caro Cândido.

CAPÍTULO 15

*Como Cândido matou o irmão
de sua querida Cunegunda*

“Terei por toda a minha vida presente na memória o dia em que vi matarem o meu pai e a minha mãe e violarem a minha irmã.¹ Quando os búlgaros se retiraram, não se encontrou essa irmã adorável, e puseram numa carroça minha mãe e eu, duas criadas e três garotinhos com as gargantas cortadas, para nos irem enterrar numa capela de jesuítas, a duas léguas do castelo de meus pais. Um jesuíta lançou água benta sobre nós; ela estava horivelmente salgada; entraram algumas gotas nos meus olhos; o padre percebeu que a minha pálpebra fazia pequenos movimentos; colocou a mão sobre o meu coração e sentiu-o palpitar; fui socorrido e, ao cabo de três semanas, estava bem. Sabeis, meu caro Cândido, que eu era muito bonito; passei a ser ainda mais; assim, o reverendo padre Croust,² superior da casa, adquiriu por mim a mais terna amizade; deu-me o hábito de noviço; algum tempo depois, fui enviado a Roma. O padre superior geral precisava de um reforço de jovens jesuítas alemães. Os soberanos do Paraguai recebem o menor número que podem de jesuítas espanhóis; preferem os estrangeiros, sobre os quais julgam ter maior domínio. Fui julgado apropriado pelo reverendo padre geral para ir trabalhar nessa vinha. Partimos, um polonês, um tirolês e eu. Fui honrado, ao chegar, com o subdiaconato e um posto de lugar-tenente; sou hoje coronel e padre.³ Receberemos vigorosamente as tropas do rei da Espanha; respondo-vos que elas serão excomungadas e batidas. A Providência vos envia aqui para nos secundar. Mas seria verdade que a minha querida irmã Cunegunda está nas redondezas, na casa do governador de Buenos

Aires?” Cândido garantiu-lhe mediante juramento que nada era tão verdade. Suas lágrimas voltaram a derramar-se.

O barão não se cansava de abraçar Cândido; chamava-o de seu irmão, de seu salvador. “Ah! Talvez”, disse-lhe ele, “possamos juntos, meu caro Cândido, entrar como vencedores na cidade e reaver a minha irmã Cunegunda.” “É tudo o que desejo”, disse Cândido, “pois eu pretendia desposá-la, e ainda espero que isso aconteça.” “Vós, insolente!”, respondeu o barão, “vós teríeis o despudor de desposar a minha irmã que tem setenta e dois quartos de nobreza! Acho-vos bem descarado por ousar falar-me de um desígnio tão temerário!” Cândido, petrificado com semelhante discurso, respondeu-lhe: “Reverendo padre, todos os quartos do mundo não estão aí para nada; tirei vossa irmã dos braços de um judeu e de um inquisidor; ela tem bastantes obrigações para comigo, ela quer desposar-me. Mestre Pangloss sempre me disse que os homens são iguais,⁴ e eu seguramente vou desposá-la.” “É o que veremos, malandro!”, disse o jesuíta barão de Thunder-ten-tronckh, e ao mesmo tempo deu-lhe um grande golpe no rosto com a parte chata da lâmina da espada. Cândido de imediato tira a sua e a enfia até a guarda na barriga do barão jesuíta; mas, ao retirá-la toda fumegante, ele pôs-se a chorar: “Que tristeza! Meu Deus”, disse ele, “matei o meu antigo mestre, o meu amigo, o meu cunhado; sou o melhor homem do mundo, e eis aí já três homens que eu mato; e, entre esses três, há dois padres”.

Cacambo, que estava de sentinela na porta do caramanchão, veio correndo. “Só vos resta vender caro a vossa vida”, disse-lhe o mestre. “Vamos sem dúvida entrar no caramanchão, há que se morrer de armas na mão.” Cacambo, que tinha visto muitas outras situações parecidas, não perdeu a cabeça; pegou a batina de jesuíta que o barão estava usando, vestiu-a no corpo de Cândido, deu-lhe o barrete do morto e o fez montar a cavalo. Tudo isso num piscar de olhos. “Galopemos, meu senhor; toda gente o tomará por um jesuíta que vai dar ordens; e teremos passado a fronteira antes que se possa correr atrás de nós.” Ele já voava ao pronunciar essas palavras e gritando em espanhol: “Abram espaço, espaço para o reverendo padre coronel”.

*O que acontece com os dois viajantes, com duas moças, dois macacos
e os selvagens chamados Oreillon*

Cândido e seu criado foram além das barreiras, e ninguém ainda sabia no acampamento da morte do jesuíta alemão. O vigilante Cacambo tivera o cuidado de encher a sua mala com pão, chocolate, presunto, frutas e algumas medidas de vinho. Afundaram-se, com seus cavalos andaluzes, num lugar desconhecido, onde não descobriram nenhuma estrada. Finalmente um belo prado entrecortado de riachos apresentou-se diante deles. Nossos dois viajantes dão de comer às montarias. Cacambo propõe ao patrão que comam e dá-lhe exemplo. “Como queres”, dizia Cândido, “que eu coma presunto, quando matei o filho do senhor barão, e me vejo condenado a não voltar a ver a bela Cunegunda da minha vida? De que me adianta prolongar os dias de minha miserável existência, pois que devo arrastá-los longe dela nos remorsos e no desespero? E o que irá dizer o jornal de Trévoux?”¹

Assim falando, ele não deixava de comer. O sol se deitava. Os dois extraviados ouviram alguns gritinhos que pareciam emitidos por mulheres. Eles não sabiam se esses gritos eram de dor ou de alegria; mas levantaram-se precipitadamente com aquela inquietação e aquele susto que tudo inspira numa região desconhecida. Aqueles clamores partiam de duas moças inteiramente nuas que corriam rápidas pela borda do campo, enquanto dois macacos as seguiam mordendo-lhes as nádegas. Cândido apiedou-se delas: havia aprendido a atirar com os búlgaros, e poderia abater uma avelã numa moita sem tocar nas folhas. Pega a sua espingarda espanhola de dois canos, atira e mata os dois macacos. “Deus seja louvado, meu caro Cacambo! Livrei de um grande perigo aquelas duas pobres criaturas; se cometi um grande pecado ao matar um inquisidor e um jesuíta, reparei-o agora salvando a vida de duas moças. Talvez sejam duas senhoritas de boa condição social, e essa aventura pode trazer-nos enormes vantagens no país.”

Ia continuar, mas sua língua ficou paralisada quando viu aquelas duas jovens, abraçando com ternura os macacos, debulharem-se em lágrimas sobre os corpos e encherem o ar com os mais dolorosos gritos. “Eu não esperava tanta bondade de alma”, disse ele finalmente a Cacambo; o qual lhe replicou: “O senhor fez aí uma bela obra-

prima, meu amo; matou os dois amantes daquelas mocinhas”. “Os amantes delas? Seria possível? Estás zombando de mim, Cacambo; como posso acreditar no que dizes?” “Meu caro amo”, retomou Cacambo, “estais sempre espantado com tudo; por que achais tão estranho que, em alguns países, existam macacos que conseguem as boas graças das damas? Eles são um quarto humanos, como eu sou um quarto espanhol.”² “Lamentável!”, replica Cândido. “Lembro-me de ter ouvido de mestre Pangloss que outrora tais acidentes tinham acontecido, e que tais misturas tinham produzido egipãs,³ faunos, sátiros; que várias grandes personagens da Antiguidade tinham visto; mas eu tomava isso como fábulas.”⁴ “O senhor deve estar convencido agora”, disse Cacambo, “que é uma verdade, e está vendo como se servem deles as pessoas que não receberam certa educação; tudo o que eu temo é que essas senhoras nos preguem alguma peça.”

Essas reflexões sólidas levaram Cândido a deixar o prado e meter-se num bosque. Ali ele jantou com Cacambo; e ambos, após terem amaldiçoado o inquisidor de Portugal, o governador de Buenos Aires e o barão, adormeceram sobre o musgo. Ao despertarem, sentiram que não podiam se mexer; o motivo era que, durante a noite, os Orelhinhas,⁵ ou Oreillons, habitantes da região, a quem as duas senhoras os haviam denunciado, os tinham amarrado com cordas de cascas de árvore.⁶ Eles estavam cercados por uns cinquenta Orelhinhas completamente nus, armados de flechas, tacapes e machados de pedra; alguns faziam ferver um grande caldeirão; outros preparavam espetos, e todos gritavam: “É um jesuíta, é um jesuíta! Nós seremos vingados, faremos um banquete! Comemos jesuíta! Comemos jesuíta!”.⁷

“Eu bem que vos disse, caro amo”, exclamou tristemente Cacambo, “que aquelas duas moças nos pregariam uma peça.” Cândido, vendo os caldeirões e os espetos, exclamou: “Nós vamos, com certeza, ser assados ou cozidos. Ah! Que diria o mestre Pangloss se visse como a pura natureza⁸ é feita? Tudo está bem; seja, mas confesso que é bem cruel ter perdido a senhorita Cunegunda e ser posto no espeto por Orelhinhas”. Cacambo nunca perdia a cabeça: “Não desespere de nada”, disse ele ao desolado Cândido, “entendo um pouco o jargão desses povos; vou falar com eles.” “Não deixe de lhes informar que

desumanidade horrorosa é cozinhar homens, e quanto isso é pouco cristão.”

“Senhores”, disse Cacambo, “vós contaís comer hoje um jesuíta: muito bem-feito; nada mais justo do que tratar assim os inimigos. Com efeito, o direito natural nos ensina a matar o nosso próximo, e é assim que se age em toda a terra. Se não nos servimos do direito de comê-lo é porque temos, aliás, com o que comer bem; mas não tendes os mesmos recursos que nós; por certo é melhor comer os inimigos do que abandonar aos corvos e aos gaviões⁹ o fruto da vitória. Mas, senhores, não vão querer comer os vossos amigos. Acreditaís estar colocando um jesuíta no espeto, e é o vosso defensor, é o inimigo de vossos inimigos¹⁰ que ides assar. Quanto a mim, nasci no vosso país; o senhor que estais vendo é o meu mestre, e, bem longe de ser jesuíta, ele veio matar um jesuíta, está carregando os seus despojos: aí está o ponto de vosso engano. Para verificar o que vos digo, pegai a sua roupa, levai-a à primeira barreira do reino de Los Padres; informai-vos se o meu amo não matou um oficial jesuíta. Precisareis de pouco tempo; podereis sempre comer-nos se verificardes que vos menti. Mas se vos disse a verdade, conheceis muito bem os princípios do direito público, os costumes e as leis, para não nos conceder graças.”

Os Orelhinhas acharam esse discurso muito razoável; elegeram dois notáveis para ir em diligência informar-se sobre a verdade; os dois emissários desempenharam a missão como pessoas inteligentes e voltaram logo trazendo boas notícias. Os Orelhinhas desamarraram os dois prisioneiros, fizeram-lhes toda sorte de civilidades, ofereceram-lhes donzelas, deram-lhes refrescos e os conduziram até os confins de seus estados, gritando com alegria: “Ele não é jesuíta, ele não é jesuíta!”.

Cândido não deixava de admirar a razão de sua libertação. “Que povo!”, dizia ele. “Que homens! Que costumes! Se eu não tivesse tido a felicidade de dar um golpe de espada através do corpo do irmão da senhorita Cunegunda, seria comido sem remissão. Mas, depois de tudo, a pura natureza é boa, pois esta gente aqui, em vez de me comer, fez-me mil honras logo que soube que eu não era jesuíta.”

*Chegada de Cândido e de seu criado ao país
do Eldorado¹ e o que eles aí viram*

Quando chegaram às fronteiras dos Orelhinhas: “O senhor está vendo”, disse Cacambo a Cândido, “que este hemisfério não vale mais do que o outro: acredite-me, voltemos à Europa o mais breve possível”. “Como voltar para lá”, disse Cândido, “e aonde ir? Se for para o meu país, os búlgaros e os abares lá degolam tudo; se voltar para Portugal, serei queimado; se ficarmos neste país, corremos o risco, a todo momento, de sermos assados num espeto. Mas como resolver deixar a parte do mundo em que a senhorita Cunegunda mora?”

“Voltemos para Caiena”,² disse Cacambo; “lá encontraremos franceses, que vão por todo o mundo; eles poderão ajudar-nos. Deus talvez tenha piedade de nós.”

Não era fácil ir para Caiena: eles sabiam mais ou menos para que lado era preciso caminhar; mas montanhas, rios, precipícios, salteadores, selvagens, eram por toda parte obstáculos terríveis. Os cavalos morreram de cansaço; as provisões foram consumidas; durante todo um mês, alimentaram-se com frutas do mato e encontraram-se finalmente diante de um rio ladeado de coqueiros que sustentaram suas vidas e esperanças.

Cacambo, que sempre dava tão bons conselhos quanto os da velha, disse a Cândido: “Não aguentamos mais; já caminhamos bastante; estou vendo uma canoa vazia ali na margem; vamos enchê-la de cocos, lancemo-nos nessa barquinha, deixemo-nos levar pela correnteza; um rio leva sempre a algum lugar habitado. Se não encontrarmos coisas agradáveis, encontraremos pelo menos coisas novas”. “Vamos”, disse Cândido, “recomendemo-nos à Providência.”

Vogaram algumas léguas entre margens ora floridas, ora áridas, ora planas, ora escarpadas. O rio ia se alargando sempre; finalmente, perdia-se sob uma abóbada de rochedos amedrontadores que se erguiam até o céu. Os dois viajantes tiveram a ousadia de se abandonar às ondas, sob essa abóbada. O rio, apertado nesse lugar, levou-os com uma rapidez e um barulho horríveis. Ao cabo de vinte e quatro horas, eles voltaram a ver a luz; mas a canoa arrebitou-se nos escolhos; foi preciso arrastar-se de rochedo em rochedo durante uma

légua inteira; finalmente descobriram um horizonte imenso, bordejado de montanhas inacessíveis. A região era cultivada tanto pelo prazer como pela necessidade; por toda parte o útil era agradável.³ Os caminhos estavam cobertos, ou melhor, ornamentados com carros de uma forma e de uma matéria brilhante, carregando homens e mulheres de singular beleza, puxados por grandes carneiros vermelhos⁴ que ultrapassavam em velocidade os mais belos cavalos da Andaluzia, de Tetuán e de Mequinez.

“Aí está, entretanto”, diz Cândido, “um país que é melhor que a Westfália.” Desembarcou com Cacambo na primeira aldeia que encontrou. Algumas crianças da aldeia, cobertas de brocados de ouro rasgados, jogavam malha na entrada do burgo; os nossos dois homens do outro mundo divertiram-se em olhá-las; suas malhas eram placas redondas bastante grandes, amarelas, vermelhas, verdes, que lançavam um brilho singular. Os viajantes tiveram vontade de recolher algumas; eram ouro, eram esmeraldas, rubis, dos quais o menor teria sido o maior ornamento do trono do mongol. “Sem dúvida”, disse Cacambo, “essas crianças são filhas do rei do país que estão jogando malha.” O magíster da aldeia apareceu nesse momento para conduzi-los para dentro da escola. “Eis”, disse Cândido, “o preceptor da família real.”

Os pequenos maltrapilhos abandonaram imediatamente o jogo, deixando no chão as malhas e tudo o que lhes servira para a diversão. Cândido as recolhe, corre para o preceptor e as apresenta a ele humildemente, dando-lhe a entender mediante sinais que Suas Altezas Reais haviam esquecido seu ouro e suas pedrarias. O magíster da aldeia, a sorrir, jogou-as por terra, olhou por um momento o rosto de Cândido com muita surpresa e continuou o seu caminho.

Os viajantes não deixaram de recolher o ouro, os rubis e as esmeraldas. “Onde estamos nós?”, gritou Cândido. “É preciso que os filhos dos reis deste país sejam muito bem-educados, visto que lhes é ensinado desprezar o ouro e as pedrarias.”⁵ Cacambo estava tão surpreso quanto Cândido. Aproximaram-se finalmente da primeira casa da aldeia; era construída como um palácio da Europa. Uma multidão acotovelava-se à porta e mais ainda na residência. Ouvia-se uma música agradabilíssima e sentia-se um odor delicioso de cozinha. Cacambo aproximou-se da porta e ouviu que se falava peruano; era a

sua língua materna; pois todos sabem que Cacambo nascera em Tucumã, numa aldeia onde só se conhecia essa língua.⁶ “Eu lhe servirei de intérprete”, disse ele a Cândido; “entremos; isto é uma taverna.”

Logo dois rapazes e duas moças da hospedaria, vestidos com tecido de ouro, e com os cabelos amarrados com fitas, os convidam a sentar-se à mesa do hóspede. Serviram-lhes quatro sopas guarnecidas cada uma com dois papagaios, um condor ensopado que pesava duzentas libras, dois macacos assados com gosto excelente, trezentos colibris numa travessa e seiscentos beija-flores em outra; ensopados de raro sabor, pastéis deliciosos; tudo em pratos de uma espécie de cristal de rocha. Os rapazes e as moças da hospedaria serviam vários licores de cana-de-açúcar.

Os convivas eram, na maioria, comerciantes ou transportadores, todos de uma civilidade extrema, que fizeram algumas perguntas a Cacambo com a mais circunspecta descrição, e que responderam às dele de maneira muito satisfatória.

Quando terminou a refeição, Cacambo acreditou, assim como Cândido, pagar a sua parte lançando sobre a mesa duas daquelas grandes moedas que havia recolhido; o hospedeiro e a hospedeira caíram na risada, e por muito tempo ficaram segurando a barriga. Finalmente se recuperaram: “Senhores”, disse o dono da casa, “bem se vê que os senhores são estrangeiros; não estamos acostumados a vê-los. Perdoem-nos se nos pusemos a rir quando nos ofereceram em pagamento os calhaus de nossas estradas. Os senhores por certo não têm a moeda do país, mas não é necessário tê-la para jantar aqui. Todas as hospedarias estabelecidas para a comodidade do comércio são pagas pelo governo.⁷ Os senhores comeram mal aqui por se tratar de uma pobre aldeia; mas em todos os outros lugares serão recebidos como merecem ser”. Cacambo ia explicando a Cândido tudo o que dizia o hospedeiro, e Cândido escutava com a mesma admiração e o mesmo espanto com que seu amigo Cacambo o exprimia. “Que país é este, pois”, diziam-se um ao outro, “desconhecido por todo o resto da terra, e onde toda a natureza é de uma espécie tão diferente da nossa? É provavelmente um país onde tudo vai bem; pois é absolutamente necessário que haja algum desta espécie. E, apesar do que dizia o

mestre Pangloss, muitas vezes me dei conta de que tudo ia bastante mal na Westfália.”

CAPÍTULO 18

O que eles viram no país de Eldorado

Cacambo testemunhou ao seu hospedeiro toda a sua curiosidade; o hospedeiro lhe disse: “Sou muito ignorante e me sinto bem com isso; mas temos aqui um ancião que se retirou da corte, que é o homem mais sábio do reino e o mais comunicativo”. Imediatamente ele leva Cacambo à casa do ancião. Cândido só representava a segunda personagem e acompanhava o servo. Entraram numa casa simplesinha, pois a porta era apenas de prata, e os lambris dos cômodos eram só de ouro, mas trabalhados com tanto gosto que os mais ricos lambris não os apagavam. A antecâmara, na verdade, só era incrustada de rubis e de esmeraldas; mas a ordem em que tudo estava arranjado remediava bem essa extrema simplicidade.

O ancião recebeu os dois estrangeiros num sofá estofado com plumas de colibri e mandou servir-lhes licores em vasos de diamante, depois do que satisfez a sua curiosidade nos seguintes termos:

“Tenho cento e setenta e dois anos de idade e tomei conhecimento, pelo meu falecido pai, escudeiro do rei, das espantosas revoluções do Peru, de que ele fora testemunha. O reino onde estamos é a antiga pátria dos incas, que daqui saíram muito imprudentemente para ir subjugar uma parte do mundo, e que foram finalmente destruídos pelos espanhóis.¹

“Os príncipes de sua família que permaneceram em seu país natal foram mais sábios; ordenaram, com o consentimento da nação,² que nenhum habitante jamais sairia do nosso pequeno reino; e foi o que nos conservou a inocência e a felicidade. Os espanhóis tiveram daqui um conhecimento confuso; deram-lhe o nome de El Dorado, e um inglês, chamado cavaleiro Raleigh,³ até se aproximou dele há aproximadamente cem anos; mas, como estamos cercados de rochedos inabordáveis e precipícios, sempre estivemos, até o presente, ao abrigo da rapacidade das nações da Europa, que têm um furor inconcebível por esses calhaus, e pela lama da nossa terra, e que, para tê-los, nos matariam a todos, até o último.”

A conversa foi longa: versou sobre a fortuna do governador, sobre os costumes, sobre as mulheres, sobre os espetáculos públicos, sobre as artes. Finalmente, Cândido, que tinha sempre gosto pela metafísica, mandou perguntar por Cacambo se no país havia uma religião.

O ancião corou um pouco. “Como podeis duvidar? Acaso nos tomais por ingratos?!” Cacambo perguntou humildemente qual era a religião de Eldorado. O velho corou ainda. “Acaso pode haver duas religiões?”, disse ele. “Nós temos, creio, a religião de todo mundo; adoramos a Deus da noite até o amanhecer.”⁴ “Adorais somente um único Deus?”, disse Cacambo, que continuava servindo de intérprete para as dúvidas de Cândido. “Aparentemente”, disse o ancião, “não há nem dois, nem três, nem quatro.”⁵ Confesso que as pessoas do vosso mundo fazem perguntas bem singulares.” Cândido não se cansava de mandar interrogar o bom ancião; quis saber como se rogava a Deus em Eldorado. “Nós não Lhe rogamos nada”, disse o bom e respeitável sábio; “não temos nada a Lhe pedir; ele nos deu tudo o que nos é necessário; agradecemos-Lhe sem cessar.” Cândido teve a curiosidade de ver alguns sacerdotes; mandou perguntar onde eles estavam. O bom velho sorriu. “Meus amigos”, disse ele, “nós somos todos sacerdotes; o rei e todos os chefes de família entoam cânticos de ação de graças solenemente todas as manhãs; e cinco ou seis mil músicos os acompanham.”

“Quê? Não tendes monges que ensinam, que disputam, que governam, que intrigam e que mandam queimar as pessoas que não compartilham as suas opiniões?” “Era preciso que fôssemos loucos”, disse o ancião. “Aqui somos todos da mesma opinião, e não entendemos o que nos dizeis com os vossos monges.” Cândido, com todos esses discursos, permanecia em êxtase, e dizia consigo mesmo: “Isto aqui é bem diferente da Westfália e do castelo do senhor barão: se o nosso amigo Pangloss tivesse visto o Eldorado, nunca mais teria dito que o castelo de Thunder-ten-tronckh era o que havia de melhor sobre a terra; é certo que é preciso viajar”.

Depois dessa longa conversa, o bom velhinho mandou atrelar uma carruagem a seis carneiros e deu doze de seus empregados aos dois viajantes, para conduzi-los à corte: “Desculpai-me”, disse ele, “se a minha idade me priva da honra de acompanhar-vos. O rei vos

receberá de maneira que não ficareis descontentes, e perdoareis, sem dúvida, aos usos do país se houver alguns que vos desagradem”.

Cândido e Cacambo sobem na carruagem; os seis carneiros voavam, e em menos de quatro horas chegaram ao palácio do rei, situado numa extremidade da capital. O portal tinha duzentos e vinte pés de altura e cem de largura; é impossível exprimir qual era o seu material. Vê-se bem que superioridade prodigiosa devia ter em relação aos calhaus e à areia a que chamamos ouro e pedrarias.

Vinte belas moças da guarda receberam Cândido e Cacambo ao descerem da carruagem, conduziram-nos aos banhos, vestiram-nos com roupas de um tecido feito de plumagem de colibri; depois disso os grandes oficiais e as grandes oficiais da Coroa os conduziram aos aposentos de Sua Majestade, no meio de duas fileiras, cada uma de mil músicos, segundo o costume ordinário. Quando se aproximaram da sala do trono, Cacambo perguntou a um oficial maior como era preciso proceder para saudar Sua Majestade; se devia ajoelhar-se ou pôr-se de bruços no chão; se se punham as mãos sobre a cabeça ou no traseiro; se se lambia a poeira da sala;⁶ numa palavra, qual era a cerimônia. “O costume”, disse o oficial maior, “é abraçar o rei e beijá-lo nas duas faces.” Cândido e Cacambo saltaram ao pescoço de Sua Majestade, que os recebeu com toda a graça imaginável e os convidou gentilmente para jantar.

Enquanto esperavam, mostraram-lhes a cidade, os edifícios públicos erguidos até as nuvens, os mercados ornados de mil colunas, os chafarizes de água pura, os chafarizes de água rósea, os de licores de cana-de-açúcar, que jorravam continuamente em grandes praças,⁷ pavimentadas com uma espécie de pedraria que espargia um perfume semelhante ao do cravo e da canela. Cândido pediu para ver o Palácio da Justiça, o Parlamento;⁸ disseram-lhe que não havia, e que nunca havia disputas judiciais. Ele informou-se se não havia prisões, e lhe disseram que não. O que mais o surpreendeu e que lhe deu maior prazer foi o palácio das ciências, no qual viu uma galeria de dois mil passos, toda cheia de instrumentos de matemática e de física.

Depois de ter percorrido, durante toda a tarde, cerca da milésima parte da cidade, foram levados de volta ao palácio do rei. Cândido sentou-se à mesa entre Sua Majestade, o criado Cacambo e várias

damas. Nunca se viu um banquete melhor, e nunca se teve mais espírito ao jantar do que Sua Majestade. Cacambo explicava os chistes do rei a Cândido, e, embora traduzidos, eles pareciam sempre jocosos. De tudo que pasmava Cândido, isso não era o que lhe causava menor espanto.

Passaram um mês hospedados ali. Cândido não parava de repetir a Cacambo: “É verdade, meu amigo, uma vez mais, que o castelo onde nasci não se compara ao lugar onde estamos; mas, afinal, a senhorita Cunegunda não está aqui, e deves ter, por certo, uma amante na Europa. Se permanecermos aqui, não seremos senão como os outros; ao passo que, se voltarmos ao nosso mundo com apenas doze carneiros carregados de calhaus, do Eldorado, seremos mais ricos do que todos os reis juntos, não teremos mais inquisidores a temer, e podemos facilmente recuperar a senhorita Cunegunda”.

Essa fala agradou a Cacambo: gosta-se tanto de correr, de se valorizar na própria terra, de fazer alarde do que se viu nas viagens, que os dois felizes resolveram não mais sê-lo e se despedir de Sua Majestade.

“Fazeis uma tolice”, disse o rei. “Bem sei que o meu país é pouca coisa; mas, quando se está razoavelmente bem em algum lugar, é preciso ficar; não tenho, seguramente, o direito de reter estrangeiros; é uma tirania que não está nem nos nossos costumes nem nas nossas leis:⁹ todos os homens são livres. Parti quando quisesdes, mas a saída é bem difícil. É impossível subir de volta o rio rápido pelo qual chegastes por milagre e que corre sob abóbadas de rochedos. As montanhas que envolvem todo o meu reino têm dez mil pés de altura, e são íngremes como muralhas; cada uma delas ocupa em largura o espaço de mais de dez léguas; só se pode descer por precipícios. Entretanto, como quereis absolutamente ir-vos embora, vou dar ordem aos meus intendentos das máquinas para fazer uma que possa vos transportar comodamente. Quando vos tiverem conduzido para o outro lado das montanhas, ninguém poderá vos acompanhar, pois meus súditos fizeram voto de nunca sair de seu interior e são ajuizados demais para rompê-lo. Pedi-me, aliás, tudo que vos agradar.” “Não pedimos nada a Vossa Majestade”, disse Cacambo, “a não ser alguns carneiros carregados de víveres, de calhaus e da lama deste país.” O

rei deu uma risada. “Não concebo”, disse ele, “que gosto a vossa gente da Europa tem pela nossa lama amarela; mas levai dela quanto quiserdes, e que grande bem vos faça.”

Deu ordem imediatamente a seus engenheiros que fizessem uma máquina para guindar aqueles dois homens extraordinários para fora do reino. Três mil bons físicos trabalharam nela; ficou pronta ao cabo de quinze dias e custou mais de vinte milhões de libras esterlinas, moeda do país.¹⁰ Foram postos sobre a máquina Cândido e Cacambo; havia dois grandes carneiros vermelhos selados e com rédeas para lhes servir de montaria quando tivessem ultrapassado as montanhas, vinte carneiros de carga com víveres, trinta que carregavam presentes do que o país possuía de mais curioso, e cinquenta carregados de ouro, pedrarias e diamantes; o rei abraçou ternamente os dois andarilhos.

Foi um belo espetáculo a partida deles, e a maneira engenhosa como foram içados, eles próprios e seus carneiros, no alto das montanhas. Os físicos despediram-se deles depois de tê-los posto em segurança, e Cândido não teve outro desejo nem outro objetivo a não ser apresentar os seus carneiros à srta. Cunegunda. “Temos”, disse ele, “com que pagar ao governador de Buenos Aires, se a senhorita Cunegunda pode ser posta a preço. Caminhemos rumo a Caiena, embarquemos, e veremos em seguida que reino poderemos comprar.”

CAPÍTULO 19

O que lhes aconteceu em Suriname,¹ e como Cândido conheceu Martinho

A primeira jornada de nossos dois viajantes foi bastante agradável. Estavam animados com a ideia de se verem possuidores de tesouros maiores do que a Ásia, a Europa e a África podiam acumular. Cândido, entusiasmado, escrevia o nome de Cunegunda nas árvores. No segundo dia, dois de seus carneiros afundaram em pântanos e desapareceram com sua carga; dois outros carneiros morreram de fadiga alguns dias depois; sete ou oito pereceram em seguida, de fome e sede, num deserto; outros caíram, ao cabo de alguns dias, em precipícios. Enfim, depois de cem dias de marcha, só lhes restaram dois carneiros. Disse Cândido a Cacambo: “Meu amigo, estais vendo como as riquezas deste mundo são perecíveis; nada há de sólido senão a virtude e a felicidade de rever Cunegunda”. “Concordo”, disse

Cacambo, “mas ainda nos restam dois carneiros com mais tesouros do que jamais terá o rei da Espanha, e vejo de longe uma cidade que desconfio ser Suriname, pertencente aos holandeses. Estamos no fim de nossos infortúnios e no começo de nossa felicidade.”

Ao se aproximarem da cidade, viram um negro estendido no chão, tendo apenas a metade da roupa, isto é, um calção de pano azul; faltavam a esse pobre homem a perna esquerda e a mão direita. “Eh, meu Deus!”, disse-lhe Cândido em holandês.² “O que fazes aí, amigo, no estado horrível em que estás?” “Estou esperando o meu patrão, o senhor Vanderdendur, o famoso negociante”, respondeu o negro. “Acaso foi o senhor Vanderdendur que o deixaste nesse estado?” “Sim, senhor”, disse o negro, “é o costume. Dão-nos um calção de pano azul como única roupa, duas vezes por ano. Quando trabalhamos nos engenhos de açúcar e a mó nos pega o dedo, cortam-nos a mão; quando queremos fugir, cortam-nos a perna: eu me encontrei nos dois casos. É a esse preço que vós comeis açúcar na Europa.³ Entretanto, quando minha mãe me vendeu por dois escudos patagões⁴ na costa da Guiné, ela me dizia: ‘Meu filho, abençoa os nossos fetiches, adora-os sempre, eles te farão viver feliz, tens a honra de ser escravo de nossos senhores brancos, e faz com isso a fortuna do teu pai e da tua mãe’. Lamentável! Não sei se fiz a fortuna deles, mas eles não fizeram a minha. Os cães, os macacos e os papagaios são mil vezes menos infelizes que nós. Os fetiches holandeses⁵ que me converteram me dizem todos os domingos que somos todos filhos de Adão, brancos e negros. Eu não sou genealogista; mas, se esses pregadores estão dizendo a verdade, somos todos primos provindos de germanos. Ora, haveis de concordar que não se pode tratar os parentes de maneira mais horrível.”

“Ó Pangloss!”, exclamou Cândido, “não tinhas adivinhado esta abominação; acabou-se, será preciso que afinal eu renuncie ao teu otimismo.” “O que é otimismo?”,⁶ dizia Cacambo. “Lamentável!”, disse Cândido, “é a fúria de sustentar que tudo está bem quando se está mal.” E derramava lágrimas olhando para o seu negro, e chorando entrou no Suriname.

A primeira coisa de que se informam foi se não havia no porto algum barco que se pudesse enviar a Buenos Aires. A pessoa a quem se

dirigiram era justamente um patrão espanhol, que se ofereceu a fechar com eles um negócio honesto. Marcou encontro com eles numa taverna. Cândido e o fiel Cacambo foram esperá-lo lá com os dois carneiros.

Cândido, que tinha o coração na boca, contou ao espanhol todas as suas aventuras e confessou-lhe que queria raptar a srta. Cunegunda. “Eu não vou, de forma alguma, levar-vos a Buenos Aires”, disse o patrão. “Eu estaria perdido e vós também. A bela Cunegunda é a amante favorita de Sua Eminência.” Foi como um raio para Cândido; ele chorou por longo tempo; e por fim chamou Cacambo de lado: “Eis, meu caro amigo, o que é preciso que faças. Temos, cada um, nos bolsos algo em torno de cinco ou seis milhões em diamantes; és mais esperto que eu; vai pegar a senhorita Cunegunda em Buenos Aires. Se o governador opuser alguma dificuldade, dá-lhe um milhão; se ele não se render, dá-lhe dois; tu não mataste o inquisidor; ninguém desconfiará de ti. Equiparei outro barco; irei esperar-te em Veneza; é um país livre,⁷ onde não se precisa temer nada, nem dos búlgaros, nem dos abares, nem dos judeus, nem dos inquisidores”. Cacambo aplaudiu essa sábia resolução. Estava desesperado por separar-se de um bom patrão, que se tornara seu amigo íntimo; mas o prazer de ser-lhe útil superou a dor de afastar-se dele. Embarcaram derramando lágrimas. Cândido recomendou-lhe que não esquecesse a boa velhinha. Cacambo partiu já no mesmo dia: era um homem muito bom esse Cacambo.

Cândido ficou ainda alguns dias em Suriname e esperou que outro patrão quisesse levá-lo para a Itália, a ele e aos dois carneiros que lhe restavam. Contratou empregados e comprou tudo o que lhe era preciso para uma longa viagem; enfim o sr. Vanderdendur,⁸ dono de um grande barco, veio apresentar-se a ele. “Quanto quereis”, perguntou-lhe, “para me levar diretamente a Veneza, a mim, a minha gente, a minha bagagem e aos dois carneiros que aí estão?” O patrão combinou dez mil piastras.⁹ Cândido não hesitou.

“Oh! oh!”, disse para si mesmo o prudente Vanderdendur. “Esse estrangeiro dá dez mil piastras todas de uma vez só! É preciso que seja bem rico.” Em seguida, voltando após um momento, assinalou que

não podia partir por menos de vinte mil. “Pois bem! Vós as tereis”, disse Cândido.

“Oh!”, disse ainda baixinho o mercador, “esse homem dá vinte mil piastras com a mesma facilidade com que dá dez mil.” Ele voltou ainda à baila e disse que não podia conduzi-lo a Veneza por menos de trinta mil piastras. “Tereis então trinta mil”, disse Cândido.

“Oh! oh!”, disse ainda consigo o mercador holandês, “trinta mil piastras não custam nada a esse homem; por certo os dois carneiros estão carregando tesouros imensos; não vamos insistir mais; cobremos primeiro trinta mil piastras e depois veremos.” Cândido vendeu dois diamantezinhos, o menor dos quais valia mais do que todo o dinheiro que o patrão estava pedindo. Pagou adiantado. Os dois carneiros foram embarcados. Cândido seguia num pequeno bote para juntar-se ao barco na baía; o patrão não se apressa, iça a vela, solta as amarras; o vento o favorece. Cândido, desorientado e estupefato, logo o perde de vista. “Ai de mim!”, gritou, “eis aí um golpe digno do Velho Mundo.” Volta para a praia, mergulhado em dor; pois, enfim, ele havia perdido algo com que se faria a fortuna de vinte monarcas.

Ele se transporta à casa do juiz holandês; e como estava um pouco comovido, bate rudemente à porta; entra, expõe a sua aventura e grita um pouco mais forte do que convinha. O juiz começa por fazê-lo pagar dez mil piastras pelo barulho que fizera. Em seguida, escutou-o pacientemente, prometeu examinar o caso logo que o mercador estivesse de volta, e pagasse outras dez mil piastras pelos custos da audiência.

Esse procedimento acabou por desesperar Cândido; ele tinha, na verdade, passado por desgraças mil vezes mais dolorosas; mas o sangue-frio do juiz, e do mercador por quem tinha sido roubado, esquentou a sua bÍlis e mergulhou-o numa espécie de negra melancolia. A maldade dos homens apresentava-se ao seu espírito em toda a sua feiura; ele só se nutria de ideias tristes. Enfim, estando um navio francês prestes a partir para Bordeaux, como ele não tinha mais carneiros carregados de diamantes para embarcar, alugou uma cabine do navio a justo preço e mandou informar na cidade que pagaria a passagem, a alimentação e daria duas mil piastras a um homem de

bem que quisesse fazer a viagem com ele, com a condição de que fosse o mais desgostoso de seu estado e o mais infeliz da província.

Apresentou-se uma multidão de pretendentes que não poderia caber em toda uma frota. Cândido, querendo escolher os de aparência mais distinta, percebeu umas vinte pessoas que lhe pareciam bastante sociáveis e pretendiam merecer a preferência. Reuniu-as em seu apartamento e ofereceu-lhes um jantar, com a condição de que cada um jurasse contar fielmente a sua história, prometendo escolher aquele que fosse mais de lamentar e o mais descontente com o seu estado pelo mais justo título, e dar aos outros algumas gratificações.

A reunião durou até as quatro horas da madrugada. Cândido, escutando todas as aventuras, relembra o que lhe dissera a velha ao ir para Buenos Aires e da aposta que ela tinha feito de que não havia ninguém no navio a quem não tivessem ocorrido grandes desgraças. Pensava em Pangloss a cada aventura que lhe contavam: “Esse Pangloss ficaria bem embaraçado”, dizia ele, “para demonstrar seu sistema. Gostaria que ele estivesse aqui. Certamente, se tudo vai bem, é no Eldorado, e não no resto da terra”. Finalmente ele se determinou a favor de um pobre sábio que tinha trabalhado durante dez anos para os livreiros de Amsterdã. Achou que não havia profissão no mundo de que se pudesse ficar mais desgostoso.¹⁰

Esse sábio, que era aliás um bom homem, tinha sido roubado por sua mulher, espancado pelo filho e abandonado pela filha, que se fizera raptar por um português. Ele acabara de ser privado de um empreguinte que lhe provia a subsistência; e os pregadores de Suriname o perseguiram porque o tomavam por um sociniano.¹¹ Há que confessar que os outros eram pelo menos tão infelizes quanto ele; mas Cândido esperava que o sábio o desentendiasse durante a viagem. Todos os seus outros rivais acharam que Cândido lhes fazia uma grande injustiça; mas ele os tranquilizou dando a cada um cem piastras.

CAPÍTULO 20

O que aconteceu no mar a Cândido e a Martinho

O velho sábio, que se chamava Martinho, embarcou, pois, para Bordeaux com Cândido. Ambos tinham visto muito e sofrido muito; e, como o navio deveria fazer-se à vela de Suriname para o Japão pelo

cabo da Boa Esperança, eles teriam tido com que conversar sobre o mal moral e sobre o mal físico durante toda a viagem.

Entretanto, Cândido tinha uma grande vantagem sobre Martinho; é que ele continuava esperando ver a srta. Cunegunda, e Martinho não tinha nada a esperar; além disso, possuía ouro e diamantes; e, embora tivesse perdido cem grandes carneiros vermelhos carregados dos maiores tesouros da terra, embora tivesse sempre pressionado seu coração a trapaçaria do patrão holandês, entretanto, quando pensava no que lhe restava nos bolsos e quando falava de Cunegunda, principalmente no fim da refeição, inclinava-se então para o sistema de Pangloss.

“Mas vós, senhor Martinho”, dizia ele ao sábio, “o que pensais de tudo isso? Qual é a vossa ideia sobre o mal moral e o mal físico?”¹ “Meu senhor”, respondeu Martinho, “os meus padres acusaram-me de ser sociniano; mas a verdade dos fatos é que sou maniqueu.”² “Estais zombando de mim”, disse Cândido, “não existem mais maniqueus no mundo.” “Existo eu”, disse Martinho; “não sei o que fazer com isso, mas não posso pensar de outro jeito.” “É preciso que tenhais o diabo no corpo”, disse Cândido. “Ele se imiscui muito nos negócios deste mundo”, disse Martinho, “tanto que ele bem poderia estar no meu corpo, como em todos os outros lugares; mas confesso-vos que, lançando um olhar pelo globo, ou melhor, pelo glóbulo,³ penso que Deus o abandonou a algum ser malfeitor; disso excetuo sempre o Eldorado. Quase não vi cidade que não desejasse a ruína da cidade vizinha, nenhuma família que não quisesse exterminar alguma outra família. Por toda parte, os fracos execram os poderosos perante os quais rastejam, e os poderosos os tratam como rebanhos de que se vendem a lã e a carne. Um milhão de assassinos arregimentados,⁴ correndo de uma borda à outra da Europa, exercem o assassínio e o banditismo com disciplina para ganhar o pão, porque não têm ofício mais honesto; e nas cidades que parecem desfrutar da paz e onde florescem as artes, os homens são devorados por mais cobiça, cuidados e inquietações do que, numa cidade sitiada, experimentam-se flagelos. As mágoas secretas são ainda mais cruéis do que as misérias públicas. Numa palavra, vi tanto e tanto provei que sou maniqueu.”

“Talvez haja nisso algo de bom”, replicava Cândido. “Pode ser”, dizia Martinho, “mas não o conheço.”

Em meio a essa disputa, ouviu-se um barulho de canhão. O barulho redobra a todo momento. Cada um pega a sua luneta. Avistam-se dois navios de guerra que combatiam a uma distância de cerca de três milhas; o vento os trouxe um e outro tão perto do navio francês que se teve o prazer de ver o combate bem à vontade. Finalmente uma das duas embarcações lançou sobre a outra uma descarga de artilharia tão baixa e tão certa que a pôs a pique. Cândido e Martinho distinguiram perfeitamente uma centena de homens no convés do barco que estava afundando; todos levantavam as mãos ao céu e lançavam clamores espantosos: em um triz tudo foi engolido.

“Pois bem”, disse Martinho, “aí está como os homens se tratam uns aos outros.” “É verdade”, disse Cândido, “que existe algo de diabólico nesse fato.” Enquanto assim falava, avistou não sei quê de um vermelho brilhante, que nadava junto do navio. Desamarrou-se a chalupa para ver o que podia ser; era um de seus carneiros. Cândido sentiu mais alegria em recuperar esse carneiro do que tinha ficado aflito ao perder cem, todos carregados de grandes diamantes do Eldorado.

O capitão francês logo percebeu que o capitão do barco que submergia era um pirata holandês; era aquele mesmo que tinha roubado Cândido. As riquezas imensas de que aquele celerado se havia apossado foram sepultadas com ele no mar, e só houve um carneiro salvo. “Estais vendo”, disse Cândido a Martinho, “que o crime às vezes é punido; esse malandro de patrão holandês teve a sorte que merecia.” “Sim”, disse Martinho, “mas acaso era preciso que os passageiros que estavam em seu barco pudessem também? Deus puniu esse ladrão, o diabo afogou os outros.”

Nesse meio-tempo o navio francês e o espanhol prosseguiram a sua rota, e Cândido continuou suas conversas com Martinho. Eles discutiram quinze dias consecutivos e, ao cabo desses quinze dias, estavam tão avançados quanto no primeiro. Mas, enfim, eles falavam, comunicavam ideias entre si, consolavam-se. Cândido acariciava o carneiro. “Já que eu o reencontrei”, dizia, “bem poderei reencontrar Cunegunda.”

*Cândido e Martinho aproximam-se
da costa da França e arrazoam*

Avista-se finalmente a costa da França. “Algum dia estivestes na França, senhor Martinho?”, disse Cândido. “Sim”, disse Martinho, “percorri várias províncias. Há algumas em que a metade dos habitantes é louca, algumas onde se é esperto demais, outras em que geralmente se é bastante cordato e bastante tolo, outras em que se banca o homem de espírito refinado, e, em todas, a principal ocupação é o amor, a segunda é a maledicência e a terceira é dizer bobagens.”¹ “Mas, senhor Martinho, vistes Paris?”² “Sim, vi Paris; tem algo de todas as espécies citadas; é um caos, é um corre-corre, em que todo mundo procura o prazer e onde ninguém o encontra, pelo menos foi o que me pareceu. Permaneci pouco tempo lá; fui roubado, ao chegar, de tudo que tinha, por gatunos, na feira de Saint-Germain;³ acharam que eu próprio era um ladrão e fiquei oito dias na cadeia; depois do que me tornei revisor de imprensa para ter com que retornar a pé para a Holanda. Conheci a canalha escrevente, a canalha cabalante e a canalha convulsionária.⁴ Dizem que há pessoas muito bem-educadas nessa cidade; quero acreditar.”

“Quanto a mim, não tenho nenhuma curiosidade de ver a França”, disse Cândido. “Adivinhais facilmente que, quando se passou um mês em Eldorado, a gente não se preocupa mais com ver nada na terra, a não ser a senhorita Cunegunda; vou esperá-la em Veneza; atravessaremos a França para ir à Itália; não me acompanhareis?” “Com muito gosto”, disse Martinho; “dizem que Veneza só é boa para os nobres venezianos, mas que, entretanto, lá se recebem muito bem os estrangeiros quando estes têm muito dinheiro; eu não tenho, vós tendes; vos seguirei por toda parte.” “A propósito”, disse Cândido, “acreditais que a terra tenha sido originariamente um mar, como garante este grosso livro que pertence ao capitão do barco?”⁵ “Não creio absolutamente nisso”, disse Martinho, “nem tampouco em todas essas fantasias que nos contam há algum tempo.” “Mas com que fim então este mundo foi formado?”, disse Cândido. “Para nos deixar com raiva”, respondeu Martinho. “Não ficais admirado”, continuou Cândido, “com o amor que as duas garotas do país dos

Oreillon tinham por aqueles dois macacos e de que vos contei a aventura?” “Não mesmo”, disse Martinho, “não vejo o que essa paixão tem de estranho; vi tantas coisas extraordinárias que nada mais há de extraordinário.” “Acreditais”, disse Cândido, “que os homens tenham sempre se massacrado naturalmente, como fazem hoje? Que tenham sido sempre mentirosos, enganadores, pérfidos, ingratos, bandidos, fracos, volúveis, covardes, enfadonhos, gulosos, beberões, avaros, ambiciosos, sanguinários, caluniadores, debochados, fanáticos, hipócritas e tolos?” “Acreditais”, disse Martinho, “que os gaviões sempre comeram pombas quando as encontraram?” “Acredito, sem dúvida”, disse Cândido. “Pois bem”, disse Martinho, “os gaviões sempre tiveram a mesma índole, por que quereis que os homens tenham mudado a deles?”⁶ “Oh!”, disse Cândido, “existe muita diferença, pois o livre-arbítrio...” Arrazoando assim, eles chegaram a Bordeaux.

CAPÍTULO 22

O que aconteceu na França a Cândido e a Martinho

Cândido só ficou em Bordeaux o tempo necessário para vender alguns calhaus do Eldorado e para conseguir uma boa charrete de dois lugares, pois ele não podia mais ficar sem o seu filósofo Martinho. Ele só ficou muito vexado por ter de separar-se do carneiro, que deixou na Academia de Ciências de Bordeaux, a qual propôs como tema do prêmio daquele ano descobrir por que a lã daquele carneiro era vermelha; e o prêmio foi atribuído a um sábio do Norte, que demonstrou por $A \text{ mais } B, \text{ menos } C, \text{ dividido por } Z$,¹ que o carneiro tinha de ser vermelho e morrer de morrinha.

Nesse ínterim todos os viajantes que Cândido encontrou nos cabarés da estrada lhe diziam: “Nós vamos a Paris”. Essa pressa geral deu-lhe finalmente vontade de ver essa capital; não era desviar muito do caminho de Veneza.

Entrou pelo subúrbio de Saint-Marceau² e acreditou estar na aldeia mais feia da Westfália.

Mal Cândido chegou à hospedaria, foi atacado por uma doença leve causada por suas canseiras. Como ele tivesse no dedo um diamante enorme e como houvessem notado em sua equipagem uma caixa

prodigiosamente pesada, logo teve à sua volta médicos que não havia chamado, alguns amigos íntimos que não saíram de perto dele e duas devotas que esquentavam caldos. Martinho dizia: “Lembro-me de também ter estado doente em Paris, por ocasião de minha primeira viagem; eu era muito pobre; assim, não tive nem amigos, nem devotas, nem médicos, e sarei”.

Entrementes, à força de medicamentos e sangrias, a doença de Cândido tornou-se séria. Um padre do bairro veio com suavidade pedir-lhe uma nota promissória³ ao portador para o outro mundo. Cândido não quis fazer nada. As devotas lhe asseguraram que era uma nova moda; Cândido respondeu que não era um homem na moda. Martinho quis jogar o padre pela janela. O clérigo jurou que ninguém enterraria Cândido. Martinho jurou que enterraria o clérigo se ele continuasse a importuná-los. A discussão esquentou: Martinho pegou-o pelos ombros e o expulsou violentamente, o que causou um grande escândalo, que resultou num processo.

Cândido sarou; e durante a sua convalescência teve muito boa companhia para jantar em sua casa. Jogava-se jogo pesado. Cândido estava admirado de que os ases vinham para ele, e Martinho não se admirava com isso.

Entre aqueles que lhe faziam as honras da cidade, havia um abadezinho do Périgord,⁴ uma dessas pessoas solícitas, sempre alertas, sempre serviçais, descaradas, afáveis, acomodadoras, que espreitam os estrangeiros em sua passagem, contam-lhes histórias escandalosas da cidade e lhes oferecem prazeres a qualquer preço. Este levou Cândido e Martinho ao teatro. Encenava-se uma tragédia nova. Cândido se viu colocado junto de alguns intelectuais. Isso não o impediu de chorar nas cenas representadas com perfeição. Um dos arrazoadores que estavam ao seu lado disse-lhe num intervalo: “O senhor está muito errado chorando: essa atriz é muito ruim; o ator que representa com ela é ainda pior; a peça é ainda pior que os atores; o autor não sabe uma palavra de árabe e, no entanto, a cena é na Arábia;⁵ e, além disso, é um homem que não acredita nas ideias inatas;⁶ eu lhe indicarei amanhã vinte brochuras contra ele”.⁷ “Meu senhor, quantas peças de teatro tendes na França?”, disse Cândido ao abade, o qual respondeu: “Cinco ou seis mil.” “É muito”, disse Cândido. “Quantas

delas são boas?” “Quinze ou dezesseis”, replicou o outro. “É muito”, disse Martinho.

Cândido ficou muito encantado com uma atriz que fazia a rainha Elisabeth na tragédia bastante insossa⁸ que às vezes é representada. “Essa atriz”, disse ele a Martinho, “me agrada bastante, ela tem um falso jeito da senhorita Cunegunda; eu teria imenso prazer em cumprimentá-la.” O abade perigordino ofereceu-se para apresentá-lo a ela. Cândido, educado na Alemanha, perguntou qual era a etiqueta e como se tratavam na França as rainhas da Inglaterra.⁹ “É preciso distinguir”, disse o padre: “na província, as levamos à taverna; em Paris, as respeitamos quando são belas e as lançamos na sarjeta quando morrem.” “Rainhas na sarjeta!”, disse Cândido. “Sim, realmente”, disse Martinho, “o senhor abade tem razão: eu estava em Paris quando a senhorita Monime passou, como se diz, desta vida à outra: foi-lhe recusado o que esta gente chama de honras *da sepultura*, isto é, de apodrecer, com todos os mendigos do bairro, num feio cemitério; ela foi enterrada sozinha, isolada de seu grupo, na esquina da rue de Bourgogne,¹⁰ o que deve ter lhe causado uma pena extrema, pois ela pensava muito nobremente.” “Isso é bem descortês”, disse Cândido. “Que quereis?”, disse Martinho. “Essas pessoas são assim feitas. Imaginai todas as contradições, todas as incompatibilidades possíveis, vós as vereis no governo, nos tribunais, nas igrejas, nos espetáculos desta estranha nação.” “É verdade que sempre se ri em Paris?”, disse Cândido. “Sim”, disse o abade, “mas é de raiva; pois lá as pessoas se queixam de tudo com grandes gargalhadas, e até se fazem rindo as ações mais detestáveis.”

“Quem é”, disse Cândido, “esse porcão que me falou tão mal da peça em que chorei tanto e dos atores que me deram tanto prazer?” “É alguém que vive mal”, respondeu o abade, “que ganha a vida falando mal de todas as peças e de todos os livros; ele odeia quem quer que tenha sucesso, como os eunucos odeiam os que gozam; é uma dessas serpentes da literatura que se alimentam de lama e de veneno; é um foliculário.” “O que chamais de foliculário?”, disse Cândido. “É”, disse o abade, “um fazedor de páginas, um Fréron.”¹¹

Era assim que Cândido, Martinho e o perigordino discutiam na escadaria, vendo desfilar as pessoas à saída do teatro. “Embora eu

esteja com muita pressa de ver Cunegunda”, disse Cândido, “gostaria de poder jantar com a senhorita Clairon,¹² pois ela me pareceu admirável.”

O abade não era homem de se aproximar da srta. Clairon, que só andava em boa companhia. “Ela está comprometida esta noite”, disse ele, “mas terei a honra de levar-vos até uma dama de alta estirpe e lá conhecereis Paris como se aí estivésseis há quatro anos.”

Cândido, que era naturalmente curioso, deixou-se levar à casa da senhora, no fundo do Faubourg Saint-Honoré;¹³ as pessoas estavam ocupadas num faraó;¹⁴ doze jogadores tristes seguravam na mão, cada um, um livrinho de cartas, registro esquisito de seus infortúnios. Reinava um profundo silêncio, a palidez estava nas fronteiras, a inquietação na do banqueiro, e a dona da casa, sentada perto desse banqueiro impiedoso, observava com olhos de lince todos esses parolões, todos os *sept-et-le-va de campagne*, de que cada jogador contava as suas cartas; ela os fazia *décorner*, com uma atenção severa mas polida, e não se zangava, com medo de perder sua clientela: a senhora fazia-se chamar de marquesa de Parolignac.¹⁵ Sua filha, de quinze anos, estava entre os jogadores e avisava com uma piscadela quando havia alguma trapaça daqueles pobres coitados, que tentavam remediar a crueldade da sorte. O abade perigordino, Cândido e Martinho entraram; todos estavam profundamente ocupados com suas cartas. “A senhora baronesa de Thunder-ten-tronckh era mais cortês”, disse Cândido.

Nesse ínterim o abade aproximou-se do ouvido da marquesa, que se ergueu um pouco, homenageou Cândido com um suspiro gracioso e a Martinho com um meneio de cabeça totalmente nobre; mandou que dessem uma cadeira e um baralho para Cândido, que perdeu cinquenta mil francos em duas rodadas; depois disso, juntou-se muito alegremente, e todos estavam admirados de que Cândido não tivesse ficado comovido com a sua perda; os criados diziam entre si, em sua linguagem de criados: “É preciso que ele seja algum lorde inglês”.

O jantar foi como a maioria dos jantares de Paris: primeiro silêncio, em seguida um barulho de palavras que não se distinguem, depois gracejos que na maioria são insípidos, notícias falsas, maus arrazoados, um pouco de política e muita maledicência; falou-se até

de livros novos. “Já lestes”, disse o abade perigordino, “o romance do senhor Gauchat, doutor em teologia?”¹⁶ “Já”, respondeu um dos convivas, “porém não pude terminá-lo. Temos uma multidão de escritos impertinentes, mas todos somados não atingem a impertinência de Gauchat, doutor em teologia; estou tão enfiado com essa imensidade de livros detestáveis que nos inundam que comecei a frequentar o faraó.” “E as *Miscelâneas* do arcediogo T...,¹⁷ que achais delas?”, disse o abade. “Ah!”, disse madame de Parolignac, “que enfadonho mortal! Como ele vos diz curiosamente tudo aquilo que todo mundo sabe! Como discute pesadamente o que não vale a pena ser notado ligeiramente! Como se apropria sem graça da graça dos outros! Como ele estraga o que pilha! Como me dá náuseas! Mas não me dará mais náuseas: já basta ter lido algumas páginas do arcediogo.”

Havia à mesa um homem erudito e de bom gosto que apoiou o que dizia a marquesa. Falou-se em seguida de tragédias; a senhora perguntou por que havia tragédias que se encenavam algumas vezes e que não se podia ler. O homem de bom gosto explicou muito bem como uma peça podia ter algum interesse e não ter quase nenhum mérito; provou em poucas palavras que não era suficiente levar uma ou duas dessas situações que se encontram em todos os romances e que seduzem sempre os espectadores, mas que é preciso ser novo sem ser bizarro, muitas vezes sublime, e sempre natural; conhecer o coração humano e fazê-lo falar; ser grande poeta sem que jamais a rima custe o sentido.¹⁸ “Qualquer pessoa”, acrescentou, “que não observe todas essas regras pode fazer uma ou duas tragédias aplaudidas no teatro, mas nunca estará no rol dos bons escritores; existem muito poucas boas tragédias; algumas são idílios em diálogos bem escritos e bem rimados;¹⁹ outras, arrazoados políticos que dão sono, ou amplificações que enfadam;²⁰ outras, sonhos de energúmeno, em estilo bárbaro, falas que não se podem dirigir aos homens, máximas falsas, lugares-comuns empolados.”²¹

Cândido escutou essa fala com atenção e concebeu uma grande ideia de quem discorria; e, como a marquesa tivera o cuidado de colocá-lo ao lado dela, ele aproximou-se de seu ouvido e tomou a liberdade de perguntar-lhe quem era aquele homem que falava tão bem. “É um

sábio”, disse a dama, “que não aposta e que o abade me traz às vezes para o jantar; ele é muito entendido em tragédias e em livros, e fez uma tragédia vaiada e um livro de que nunca se viu fora da loja de seu livreiro senão um exemplar que ele me dedicou.” “Que grande homem!”, disse Cândido. “É um segundo Pangloss.”

Então, voltando-se para ele, disse-lhe: “Meu senhor, pensais, por certo, que tudo é o melhor no mundo físico e no moral, e que nada podia ser de outro jeito?”. “Eu, meu senhor”, respondeu-lhe o sábio, “não penso nada disso: acho que tudo vai de atravessado entre nós; que ninguém sabe nem qual é a sua posição social, nem qual é o seu cargo, nem o que faz, nem o que deve fazer, e a não ser aceitar um convite para jantar, que é bastante alegre e onde aparece muita união, todo o resto do tempo se passa em querelas impertinentes: jansenistas contra molinistas, parlamentares contra eclesiásticos,²² literatos contra literatos, cortesãos contra cortesãos, financistas contra o povo, mulheres contra maridos, parentes contra parentes; é uma guerra eterna.”

Cândido replicou-lhe: “Já vi pior. Mas um sábio, que depois teve a desgraça de ser enforcado, me ensinou que tudo isso está às mil maravilhas; são sombras num belo quadro”. “Vosso enforcado zombava do mundo”, disse Martinho, “as vossas sombras são manchas horríveis.”²³ “São os homens que fazem as manchas”, disse Cândido, “e não conseguem ficar sem fazê-lo.” “Então não é culpa deles”, disse Martinho. A maioria dos jogadores, que não entendem nada dessa linguagem, bebia; e Martinho argumentou com o sábio, e Cândido contou uma parte de suas aventuras à dona da casa.

Depois do jantar, a marquesa levou Cândido ao seu escritório e fê-lo sentar-se num sofá. “Pois bem!”, disse-lhe ela, “então continuais amando apaixonadamente a senhorita Cunegunda de Thunder-ten-tronckh?” “Sim, minha senhora”, respondeu Cândido. A marquesa lhe replicou com um sorriso terno: “Vós me respondeis como um rapaz da Westfália; um francês me teria dito: ‘É verdade que amei a senhorita Cunegunda, mas, ao ver-vos, minha senhora, temo não mais a amar’”. “Pena! minha senhora”, disse Cândido, “responderei como quiserdes.” “A vossa paixão por ela”, disse a marquesa, “começou ao recolher seu lenço; eu queria que recolhêsseis a minha liga.” “Com

todo o meu coração”, disse Cândido; e ele a recolheu. “Mas eu queria que a colocásseis de volta em mim”, disse a dama; e Cândido a recolocou. “Estais vendo”, disse a dama, “vós sois estrangeiro; às vezes faço enlanguescer os meus amantes de Paris por quinze dias, mas a vós me rendo logo na primeira noite, porque é preciso fazer as honras da sua terra a um jovem da Westfália.” A bela, tendo notado dois enormes diamantes nas duas mãos de seu jovem estrangeiro, louvou-os com tanta boa-fé que dos dedos de Cândido eles passaram para os dedos da marquesa.²⁴

Cândido, voltando para casa com o abade perigordino, sentiu alguns remorsos por ter cometido uma infidelidade para com a srta. Cunegunda; o senhor abade se compadece de sua mágoa; ele só tinha uma pequena parte nas cinquenta mil libras perdidas no jogo por Cândido, e no valor dos dois brilhantes meio dados, meio extorquidos. Seu desejo era aproveitar, tanto quanto pudesse, das vantagens que o conhecimento de Cândido podia lhe proporcionar. Falou-lhe muito de Cunegunda; e Cândido lhe disse que pediria perdão à bela por sua infidelidade, quando a visse em Veneza.

O perigordino redobrava as gentilezas e as atenções, e demonstrava um interesse carinhoso em tudo que Cândido dizia, em tudo que fazia, em tudo que queria fazer.²⁵

“Tendes, pois, meu senhor”, disse-lhe ele, “um encontro em Veneza?” “Sim, senhor abade”, disse Cândido, “é absolutamente necessário que eu vá me encontrar com a senhorita Cunegunda.” Então, envolvido pelo prazer de falar daquilo que amava, contou, segundo o seu costume, uma parte de suas aventuras com essa ilustre westfaliana.

“Acredito”, disse o abade, “que a senhorita Cunegunda tem muito espírito e que ela escreveu cartas encantadoras.” “Eu nunca recebi cartas dela”, disse Cândido, “pois imaginei que, tendo sido expulso do castelo por amor a ela, não pude escrever-lhe; que logo depois soube que ela tinha morrido, que em seguida a reencontrei e a perdi, e que lhe mandei a duas mil e quinhentas léguas daqui uma carta por mensageiro, de que espero resposta.”

Meu senhor e caro amado, há oito dias que estou doente nesta cidade; fiquei sabendo que estais nela. Voaria para vossos braços se

pudesse me mexer. Soube de vossa passagem por Bordeaux; deixei lá o fiel Cacambo e a velha, que logo devem me seguir. O governador de Buenos Aires tomou tudo, mas resta-me o vosso coração. Vinde, vossa presença me devolverá a vida, ou me fará morrer de prazer.

Essa carta encantadora, essa carta inesperada transportou Cândido numa alegria inexprimível; e a doença de sua querida Cunegunda o arrasou de dor. Dividido entre esses dois sentimentos, ele pega seu ouro e seus diamantes e faz-se conduzir com Martinho ao hotel onde a srta. Cunegunda se hospedava. Entra tremendo de emoção, o coração palpita, a voz soluça; quer abrir as cortinas da cama, quer mandar buscar luz. “Não faça isso”, disse a acompanhante, “a luz a mata”; e de repente ela fecha as cortinas. “Minha querida Cunegunda”, disse Cândido a chorar, “como estás se sentindo? Se não podes me ver, fala comigo ao menos.” “Ela não pode falar”, disse a acompanhante. A senhora, então, puxa da cama uma mão roliça que Cândido rega longamente com suas lágrimas e que enche em seguida de diamantes, deixando um saco cheio de ouro sobre a poltrona.

No meio de seus arroubos, chega um oficial de polícia seguido do abade perigordino e de uma escolta. “Aí estão, pois”, disse ele, “os dois estrangeiros suspeitos?” Ele os prende imediatamente e ordena aos seus valentes que os conduzam à prisão. “Não é assim que tratam os viajantes no Eldorado”, disse Cândido. “Eu estou mais maniqueu do que nunca”, disse Martinho. “Mas, meu senhor, aonde nos estais levando?”, disse Cândido. “A um calabouço”, disse o oficial.

Martinho, tendo retomado o sangue-frio, achou que a dama que se fazia passar por Cunegunda era uma gatuna, o abade perigordino, um gatuno, que tinha abusado da inocência de Cândido, e o oficial, outro gatuno de que podia se livrar facilmente.

Em vez de se expor aos procedimentos da justiça, Cândido, esclarecido por seu conselho e, aliás, sempre impaciente por ver a verdadeira Cunegunda, propõe ao oficial três pequenos diamantes de cerca de três mil pistolas cada um. “Ah! Senhor”, diz-lhe o homem de bastão de marfim, “tivésseis vós cometido todos os crimes imagináveis, sois o homem mais honesto do mundo; três diamantes! Cada um de três mil pistolas! Meu senhor!, eu me deixaria matar por vós, em vez de conduzir-vos ao calabouço. Prendem todos os

estrangeiros, mas deixai-me agir; tenho um irmão em Dieppe, na Normandia, vou levar-vos até lá; e se tiverdes algum diamante para lhe dar, ele cuidará de vós como eu mesmo.”

“E por que prendem todos os estrangeiros?”, disse Cândido. O abade perigordino tomou então a palavra e disse: “É porque um mendigo da região de Atrebatia ouviu dizer bobagens: só isso o fez cometer um parricídio, não como aquele de 1610, no mês de maio, mas como o de 1594, no mês de dezembro, e tal como vários outros cometidos em outros anos e em outros meses por outros mendigos que tinham ouvido dizer bobagens”.

O oficial, então, explicou de que se tratava.²⁶ “Ah! esses monstros!”, exclamou Cândido. “Quê! Tais horrores num povo que dança e canta! Não poderia eu sair o mais depressa possível deste país onde macacos provocam tigres?²⁷ Vi ursos em minha terra; só vi homens no Eldorado. Em nome de Deus, senhor oficial, levai-me para Veneza, onde devo esperar a senhorita Cunegunda.” “Só posso levá-lo à Baixa Normandia”, disse o chefe de polícia. Logo manda tirar dele as algemas, disse que se enganara, despede o seu pessoal e leva, a Dieppe, Cândido e Martinho, e os deixa aos cuidados do irmão. Havia um pequeno barco holandês na baía. O normando, com a ajuda de três outros diamantes, transformado no mais serviçal dos homens, embarca Cândido e seus homens no navio, que ia fazer vela rumo a Portsmouth, na Inglaterra. Não era o caminho para Veneza; mas Cândido achava estar libertado do inferno, e contava retomar a rota para Veneza na primeira ocasião.

CAPÍTULO 23

Cândido e Martinho vão para a costa da Inglaterra; o que eles veem ali

“Ah, Pangloss! Pangloss! Ah, Martinho! Martinho! Ah, minha querida Cunegunda! Que mundo é este?”, dizia Cândido no barco holandês. “Algo de bem louco e de bem abominável”, respondia Martinho. “Conheceis a Inglaterra; as pessoas aí são tão loucas como na França?” “É outra espécie de loucura”, disse Martinho. “Sabeis que essas duas nações estão em guerra por alguns palmos de neve lá pelos lados do Canadá, e gastam para essa bela guerra mais do que vale todo o Canadá.¹ Dizer-vos precisamente se há mais pessoas para

prender num país que no outro é o que as minhas fracas luzes não me permitem. Somente sei que, em geral, as pessoas que vamos ver são bastante atrabiliárias.”

Conversando assim, aportaram em Portsmouth; uma multidão cobria a praia e olhava atentamente um homem bastante grande que estava de joelhos, com os olhos vendados, no convés de um dos barcos da frota; quatro soldados, postados à frente do homem, deram-lhe cada um três tiros no crânio com a maior calma do mundo, e toda a assembleia se retirou extremamente satisfeita.² “O que é tudo isso?”, disse Cândido. “E que demônio exerce por toda parte o seu império?” Ele perguntou quem era aquele homem grande que acabavam de matar cerimoniosamente. “Era um almirante”, responderam-lhe. “E por que matar um almirante?” “Porque”, dizem-lhe, “ele não mandou matar gente suficiente; travou combate com um almirante francês e acharam que não estava bastante perto dele.” “Mas”, disse Cândido, “o almirante francês estava tão longe do almirante inglês quanto este do outro!” “Isso é incontestável”, replicaram-lhe; “mas neste país é bom matar de vez em quando um almirante para encorajar os outros.”³

Cândido ficou tão estupefato e tão chocado com o que via e com o que ouvia que não só não quis pôr o pé em terra, como negociou com o patrão holandês (devera ele roubá-lo como aquele de Suriname) para conduzi-lo sem demora a Veneza.

O patrão ficou pronto ao cabo de dois dias. Costeou-se a França, passou-se à vista de Lisboa, e Cândido estremeceu. Penetrou-se no estreito e no Mediterrâneo; finalmente aportou-se em Veneza. “Deus seja louvado!”, disse Cândido abraçando Martinho. “É aqui que vou rever a bela Cunegunda. Conto com Cacambo como comigo mesmo. Tudo está bem, tudo vai bem, tudo vai o melhor que é possível.”

CAPÍTULO 24

De Paquette e do irmão Giroflée

Logo que chegou a Veneza, ele mandou procurar Cacambo em todos os cabarés, em todos os cafés, entre as prostitutas, e não o encontrou. Enviava alguém todos os dias à procura dele em todos os navios e em todas as barcas: nenhuma notícia de Cacambo. “Quê!”, dizia ele a Martinho, “tive tempo de passar do Suriname a Bordeaux, de ir de

Bordeaux a Paris, de Paris a Dieppe, de Dieppe a Portsmouth, de costear Portugal e a Espanha, de atravessar todo o Mediterrâneo, de passar alguns meses em Veneza, e a bela Cunegunda não veio! Só encontrei em vez dela uma esquisita e um abade perigordino! Cunegunda morreu por certo, e só me resta morrer. Ah! teria sido melhor ter ficado no paraíso do Eldorado que voltar a esta maldita Europa. Como tendes razão, meu caro Martinho! Tudo não é senão ilusão e calamidade.”

Ele caiu numa melancolia negra e não tomou parte na ópera *alla moda*, nem nas demais diversões do carnaval; nenhuma mulher lhe causou a menor tentação. Martinho disse-lhe: “Sois bem simplório, na verdade, imaginando que um criado mestiço que tem cinco ou seis milhões nos bolsos irá procurar a vossa amada nos quatro cantos do mundo e trazê-la a Veneza para vós. Ele a tomará para si, se a encontrar. Se não, tomará outra; aconselho-vos a esquecer o vosso valete Cacambo e a vossa amada Cunegunda”. Martinho não estava sendo consolador. A tristeza de Cândido aumentou, e Martinho não cessava de lhe provar que havia pouca virtude e pouca felicidade na terra, exceto, talvez, no Eldorado, aonde ninguém podia ir.

Discutindo sobre essa matéria importante e esperando Cunegunda, Cândido avistou um jovem teatino¹ na praça São Marcos, que estava de braço dado com uma moça. O teatino parecia bem-disposto, roliço, vigoroso; os olhos eram brilhantes, o jeito seguro, as feições ativas, o andar digno. A moça era muito bonita e cantava; olhava amorosamente para o seu teatino e de vez em quando beliscava suas grandes bochechas. “Vós me confessareis, pelo menos”, disse Cândido a Martinho, “que essas pessoas são felizes. Não encontrei até agora na terra habitável, exceto no Eldorado, senão infortunados; mas, quanto a essa moça e a esse teatino, aposto que são criaturas muito felizes.” “Aposto que não”, disse Martinho. “É só convidá-los para jantar”, disse Cândido, “e vereis se estou enganado.”

Logo ele os aborda, faz-lhes um cumprimento e os convida para virem à sua hospedagem comer macarrão, perdizes da Lombardia, ovos de esturjão e tomar vinho de Montepulciano, Lacryma Christi, de Chipre e de Samos. A senhorita enrubesceu, o teatino aceitou a proposta, a moça o seguiu olhando para Cândido com olhos de

surpresa e confusão, que foram obscurecidos por algumas lágrimas. Mal ela entrou no quarto de Cândido, disse-lhe: “Ora, senhor Cândido, não está reconhecendo Paquette?!”. A essas palavras, Cândido, que até então não a tinha considerado com atenção, porque só estava ocupado com Cunegunda, disse-lhe: “Oh, minha pobre menina, fostes vós que colocastes o doutor Pangloss no belo estado em que o vi?”.

“Lamento, meu senhor, fui eu mesma”, disse Paquette; “vejo que o senhor está sabendo de tudo. Eu soube das desgraças espantosas acontecidas a toda a casa da senhora baronesa e à bela Cunegunda; juro que o meu destino não foi menos triste. Eu era muito inocente quando o senhor me viu. Um padre franciscano, que era meu confessor,² me seduziu facilmente. As consequências disso foram pavorosas; fui obrigada a sair do castelo algum tempo depois que o senhor barão expulsou o senhor com grandes pontapés no traseiro. Se um famoso médico não se tivesse apiedado de mim, estaria morta. Fui, durante algum tempo, por gratidão, amante do médico. A mulher dele, que era ciumenta de enlouquecer, batia em mim todos os dias impiedosamente; era uma fúria. Esse médico era o mais feio de todos os homens, e eu a mais infeliz de todas as criaturas por ser espancada continuamente por causa de um homem que não amava. Sabeis, meu senhor, quanto é perigoso para uma mulher impertinente ser esposa de um médico. Este, exacerbado com os procedimentos da mulher, deu-lhe um dia, para curá-la de um resfriadinho, um medicamento tão eficaz que ela morreu daí a duas horas, em convulsões horríveis. Os parentes da senhora intentaram um processo criminal contra o senhor médico; ele fugiu, e eu fui encarcerada. Minha inocência não teria me salvado se eu não fosse um pouco bonita. O juiz me liberou sob a condição de ele suceder ao médico. Fui logo suplantada por uma rival, expulsa sem recompensa e obrigada a continuar esse ofício abominável que parece tão prazeroso a vós homens, e que não é para nós senão um abismo de misérias. Fui exercer a profissão em Veneza. Ah, meu senhor, se pudésseis imaginar o que é ser obrigada a acariciar indiferentemente um velho comerciante, um advogado, um monge, um gondoleiro, um padre; ser exposta a todos os insultos, a todas as avanias; ser com frequência reduzida a colocar uma saia para ir fazê-la

levantar por um homem nojento; ser roubada por um daquilo que ganhou com o outro; ser extorquida por oficiais de justiça e ter como perspectiva apenas uma velhice medonha, um hospital e um monturo;³ o senhor concluirá que sou uma das mais infelizes criaturas do mundo.”

Paquette abria assim o coração para o bom Cândido, num escritório, na presença de Martinho, que dizia a Cândido: “Estais vendo que já ganhei a metade da aposta”.

O irmão Giroflée tinha ficado na sala de refeições, e estava bebendo algo enquanto esperava o jantar. “Mas”, disse Cândido a Paquette, “a senhora estava com um jeito tão alegre, tão contente quando a encontrei; estava cantando, acariciava o teatino com uma complacência natural; parecia tão feliz quanto quer mostrar-se desditosa.” “Ah, meu senhor”, respondeu Paquette, “aí está mais uma das misérias do ofício. Ontem fui roubada e espancada por um oficial, e tenho de parecer hoje de bom humor para agradar a um monge.”

Cândido não quis saber mais daquilo; admitiu que Martinho tinha razão. Puseram-se à mesa com Paquette e o teatino; a refeição foi bastante divertida e no final se falaram com alguma confiança. “Padre”, disse Cândido ao monge, “vós pareceis desfrutar de um destino que toda gente deve invejar; a flor da saúde brilha no vosso rosto, a vossa fisionomia anuncia a felicidade; tendes uma moça muito bonita para vossa recreação e pareceis muito contente com o vosso estado de teatino.”

“Por minha fé, meu senhor”, disse o irmão Giroflée, “eu queria que todos os teatinos estivessem no fundo do mar. Tenho sido tentado cem vezes a atear fogo ao convento e ir fazer-me turco.⁴ Meus pais me forçaram, na idade de quinze anos, a vestir esta detestável saia, para deixar mais fortuna para um maldito irmão mais velho, que Deus confunda! O ciúme, a discórdia, a raiva, habitam o convento. É verdade que preguei alguns maus sermões que me renderam algum dinheiro, de que o prior me rouba a metade; o resto me serve para manter mulheres; mas, quando volto à noite para o mosteiro, estou prestes a arrebentar a cabeça nas paredes do dormitório; e todos os meus confrades estão no mesmo.”

Martinho, voltando-se para Cândido com o seu sangue-frio costumeiro: “Pois bem”, disse-lhe, “não ganhei a aposta inteira?”. Cândido deu duas mil piastras a Paquette e mil piastras ao irmão Giroflée. “Respondo-vos”, disse, “que com isso serão felizes.” “Não acredito, absolutamente”, disse Martinho; “talvez os torneis, com essas piastras, muito mais infelizes ainda.” “Será o que puder ser”, disse Cândido; “mas uma coisa me consola: vejo que muitas vezes a gente reencontra pessoas que não se acreditava reencontrar nunca; será bem possível que, tendo encontrado o meu carneiro vermelho e Paquette, eu reencontre também Cunegunda.” “Assim desejo”, disse Martinho, “que ela faça um dia a vossa felicidade; mas é algo de que duvido muito.” “Sois bem duro”, disse Cândido. “É o que eu vivi”, disse Martinho.

“Mas olhai para esses gondoleiros”, disse Cândido; “não cantam sem parar?” “Vós não os vedes em suas casas, com a mulher e os fedelhos dos filhos”, disse Martinho. “O doge⁵ tem as suas mágoas, os gondoleiros têm as deles. É verdade que, afinal de contas, a sorte de um gondoleiro é preferível à de um doge; mas acho que a diferença é tão medíocre que isso não merece ser examinado.”

“Fala-se”, disse Cândido, “do senador Pococuranté,⁶ que mora neste belo palácio no Brenta,⁷ e que recebe bastante bem os estrangeiros. Dizem que é um homem que nunca teve mágoas.” “Gostaria de ver uma espécie tão rara”, disse Martinho. Cândido logo pediu ao sr. Pococuranté permissão para ir vê-lo no dia seguinte.

CAPÍTULO 25

Visita ao sr. Pococuranté, nobre veneziano

Cândido e Martinho foram de gôndola pelo Brenta e chegaram ao palácio do nobre Pococuranté. Os jardins eram bem tratados e adornados com belas estátuas de mármore; o palácio, de uma linda arquitetura. O dono da residência, homem de sessenta anos, bastante rico, recebeu muito cortesmente os dois curiosos, mas com bem pouco entusiasmo, o que desconcertou Cândido e não desagradou a Martinho.

Primeiro duas moças bonitas e bem vestidas serviram chocolate, que elas fizeram espumar bastante. Cândido não pôde evitar elogiá-las pela beleza, pela graça e por sua destreza. “São muito boas criaturas”,

disse o senador Pococuranté; “às vezes faço-as dormir em minha cama, pois estou bem cansado das senhoras da cidade, de suas coqueterias, de seus ciúmes, de suas brigas, de seus humores, de suas pequenezas, de seu orgulho, de suas tolices e dos sonetos que é preciso fazer ou encomendar para elas; mas, depois de tudo, essas duas moças começam a me entediar bastante.”

Cândido, depois do almoço, passeando por uma longa galeria, ficou surpreso com a beleza dos quadros. Perguntou de que mestre eram os dois primeiros. “São de Rafael”, disse o senador; “comprei-os muito caro, por vaidade, faz alguns anos; dizem que é o que há de mais belo na Itália, mas eles não me agradam nem um pouco; a cor está muito escurecida; as figuras não são bastante arredondadas e não se salientam suficientemente; os drapejados não se parecem nada com um tecido; numa palavra, apesar do que possam dizer, não vejo nelas uma imitação verdadeira da natureza.¹ Só gostarei de um quadro quando acreditar estar vendo a própria natureza: não existem dessa espécie. Tenho muitos quadros, mas não olho mais para eles.”

Pococuranté, enquanto esperavam o jantar, mandou que lhe dessem um concerto.² Cândido achou a música deliciosa. “Esse barulho”, disse Pococuranté, “pode agradar durante meia hora; mas, se durar mais do que isso, cansa toda gente, embora ninguém ouse confessá-lo. A música hoje não passa da arte de executar coisas difíceis, e aquilo que é somente difícil não agrada ao longo do tempo.

“Talvez eu gostasse mais de ópera, se não tivessem encontrado um jeito de fazer dela um monstro que me revolta. Quem quiser que vá ver más tragédias em música, em que as cenas só são feitas para levar, muito desajeitadamente, duas ou três canções ridículas que valorizam a garganta de uma atriz; ficará pasmado de prazer quem quiser, ou quem puder, ver um castrado cantarolar o papel de César e de Catão e passear com um ar desajeitado sobre o tablado; para mim, faz muito tempo que renunciei a essas pobrezaas, que fazem hoje a glória da Itália.” Cândido discutiu um pouco, mas com discrição. Martinho concordou inteiramente com o senador.³

Puseram-se à mesa, e, depois de um excelente jantar, entraram na biblioteca. Cândido, ao ver um Homero magnificamente encadernado, louvou o ilustríssimo por seu bom gosto. “Aí está um livro”, disse ele,

“que fazia as delícias do grande Pangloss, o melhor filósofo da Alemanha.” “Não faz as minhas”, disse friamente Pococuranté; “fizeram-me acreditar outrora que eu teria prazer em lê-lo; mas essa repetição contínua de combates que são todos parecidos, esses dois que agem sempre para nada fazer de decisivo, essa Helena que é um motivo de guerra e que é apenas uma atriz da peça; essa Troia que se assedia e que não se toma, tudo isso me causava o mais mortal dos tédios. Perguntei algumas vezes a eruditos se eles se aborreciam tanto quanto eu com essa leitura. Todas as pessoas sinceras me confessaram que o livro lhes caía das mãos, mas que era sempre preciso tê-lo na biblioteca, como um monumento da Antiguidade e como essas medalhas enferrujadas que não podem estar no comércio.”

“Vossa Excelência pensa assim de Virgílio?”, disse Cândido. “Concordo”, disse Pococuranté, “que o segundo, o quarto e o sétimo livro de sua *Eneida* são excelentes; mas quanto ao seu piedoso Eneias, e o forte Cloanto, e o amigo Acestes, e o pequeno Ascânio, e o imbecil Latino, e a burguesa Amata, e a insípida Lavínia, não acredito que haja nada de tão frio e de mais desagradável. Prefiro o Tasso e os contos de fazer dormir em pé de Ariosto.”⁴

“Ousaria eu perguntar-vos, meu senhor”, disse Cândido, “se não tendes grande prazer em ler Horácio?”⁵ “Há máximas”, disse Pococuranté, “de que um homem mundano pode tirar proveito, e que, estando inseridas em versos enérgicos, se gravam mais facilmente na memória. Mas me interessa muito pouco por sua viagem a Brindes, e por sua descrição de um mau jantar, e pela briga dos carregadores entre não sei qual Pupilus, cujas palavras, disse ele, *eram vinagre*. Só li com extremo desprazer aqueles versos grosseiros contra velhas e contra feiticeiras; não vejo que mérito pode haver em dizer ao seu amigo Mecenas que, se for colocado por ele no rol dos poetas líricos, ele baterá nos astros com sua fronte sublime. Os tolos admiram tudo num autor estimado. Eu só leio para mim; só gosto daquilo que serve ao meu uso.” Cândido, que tinha sido educado para nunca julgar nada por si mesmo, estava bastante espantado com o que ouvia; e Martinho achava a maneira de pensar de Pococuranté bastante razoável.

“Oh, aqui está um exemplar de Cícero”,⁶ disse Cândido. “Quanto a esse grande homem, acredito que não vos cansais de lê-lo?” “Não o

leio nunca”, respondeu o veneziano. “Que me importa que ele tenha defendido em juízo Rabirius ou Cluentius? Tenho suficientes processos que eu julgo; coaduno-me melhor com suas obras filosóficas; mas, quando vi que ele duvidava de tudo, concluí que eu sabia das coisas tanto quanto ele, e que não precisava de ninguém para ser ignorante.”

“Ah! Aqui estão oitenta volumes de coletâneas de uma academia de ciências”, exclamou Martinho. “É possível que haja boas coisas aí.” “Haveria”, disse Pococuranté, “se um só desses autores e dessas mixórdias tivesse apenas inventado a arte de fazer alfinetes;⁷ mas só há em todos esses livros vãos sistemas e nenhuma coisa útil.”

“Quantas peças de teatro estou vendo aqui!”, disse Cândido. “Em italiano, em espanhol, em francês!” “Sim”, disse o senador, “são três mil, e não há três dúzias que sejam boas. Quanto a essas coletâneas de sermões, que todos juntos não valem uma página de Sêneca,⁸ e todos esses grossos volumes de teologia, bem sabeis que nunca os abro, nem eu nem ninguém.”

Martinho viu uma prateleira cheia de livros ingleses. “Acredito”, disse ele, “que um republicano⁹ deve comprazer-se com a maioria destas obras, escritas tão livremente.” “Sim”, respondeu Pococuranté, “é belo escrever o que se pensa; é o privilégio do homem. Em toda a nossa Itália, só se escreve o que não se pensa; os que habitam a pátria dos Césares e dos Antoninos não ousam ter uma ideia sem a permissão de um jacobino.¹⁰ Eu ficaria contente com a liberdade inspirada pelos gênios ingleses se a paixão e o espírito de partido não corrompessem tudo o que essa preciosa liberdade tem de estimável.”

Cândido, encontrando um Milton, perguntou se ele não via esse autor como um grande homem. “Quem?”, perguntou Pococuranté, “o bárbaro que faz um longo comentário do primeiro capítulo do Gênesis em dez livros de versos duros?¹¹ Esse grosseiro imitador dos gregos, que desfigura a criação e que, enquanto Moisés representa o Ser eterno produzindo o mundo pela palavra, faz o Messias pegar um grande compasso num armário do céu para traçar a sua obra? Eu estimaria aquele que estragou o inferno e o diabo de Tasso; que disfarça Lúcifer ora em sapo, ora em pigmeu; que faz discutir sobre a teologia; que, imitando seriamente a invenção das armas de fogo de Ariosto, faz disparar pelos diabos os canhões do céu? Nem eu nem

ninguém na Itália pode se comprazer com todas essas tristes extravagâncias. O casamento do pecado com a morte e as cobras de que o pecado é parido fazem vomitar qualquer homem que tem o gosto um pouco delicado, e sua longa descrição de um hospital só é boa para um coveiro.¹² Esse poema obscuro, bizarro e repugnante foi desprezado em seu nascimento; eu o trato hoje como foi tratado em sua pátria pelos contemporâneos. Além disso, digo o que penso e ligo muito pouco que os outros pensem como eu.” Cândido estava aflito com esses discursos; respeitava Homero, gostava um pouco de Milton. “Que pena!”, disse ele baixinho a Martinho, “temo que este homem tenha um soberano desprezo por nossos poetas alemães.” “Não haveria grande mal nisso”, disse Martinho. “Oh! Que homem superior”, dizia Cândido entre os dentes, “que grande gênio esse Pococuranté! Nada pode lhe agradar!”¹³

Depois de passar assim em revista todos os livros, desceram para o jardim. Cândido louvou todas as belezas. “Não conheço nada de tão mau gosto”, disse o mestre: “só temos aqui ninharias; mas vou, a partir de amanhã, mandar plantar um com desenho nobre.”

Quando os dois curiosos se despediram de Sua Excelência: “Ora”, disse Cândido a Martinho, “haveis de convir que é o mais feliz de todos os homens, pois que está acima de tudo que possui”. “Não estais vendo”, disse Martinho, “que ele está enfarado com tudo que possui? Platão disse, há muito tempo, que os melhores estômagos não são os que rejeitam os alimentos.”¹⁴ “Mas”, disse Cândido, “não existe prazer em criticar tudo, em sentir defeitos onde os outros homens acreditam ver belezas?” “Isto é”, retomou Martinho, “há prazer em não ter prazer?” “Ora pois!”, disse Cândido. “Então só existo eu de feliz, quando revir a senhorita Cunegunda.” “É sempre bom esperar”, disse Martinho.

Nesse ínterim, os dias, as semanas iam passando; Cacambo não voltava, e Cândido estava tão abismado em sua dor que não refletiu que Paquette e o irmão Giroflée não tinham vindo somente para agradecer-lhe.

CAPÍTULO 26

*De um jantar que Cândido e Martinho fizeram
com seis estrangeiros e quem eram eles*

Um dia em que Cândido, acompanhado de Martinho, ia pôr-se à mesa com os estrangeiros que estavam hospedados na mesma pousada, um homem de rosto cor de sebo abordou-o por trás e, tomando-o pelo braço, disse-lhe: “Ficai pronto para partir conosco. Não falheis”. Volta-se e vê Cacambo. Só mesmo a visão de Cunegunda poderia espantá-lo e agradar-lhe mais. Esteve a ponto de ficar louco de alegria. Abraça o caro amigo. “Cunegunda está aqui. Sem dúvida, onde está ela? Leve-me até ela, que eu morra de alegria com ela.” “Cunegunda não está aqui”, disse Cacambo, “ela está em Constantinopla.” “Ah! Céus! Em Constantinopla! Mas estivesse ela na China, eu voo para lá, partamos.” “Partiremos depois do jantar”, retomou Cacambo, “não posso dizer-vos mais a respeito; sou escravo, meu senhor está me esperando; tenho de ir servi-lo à mesa: não dizeis nenhuma palavra; jantai e ficai pronto.”

Cândido, dividido entre a alegria e a dor, encantado por ter revisto o seu agente fiel, admirado por vê-lo de coração agitado, de espírito transtornado, pôs-se à mesa com Martinho, que via com sangue-frio todas aquelas aventuras, e com seis estrangeiros que tinham vindo passar o carnaval em Veneza.

Cacambo, que dava de beber a um daqueles seis estrangeiros, aproximou-se do ouvido de seu dono, no final da refeição, e disse-lhe: “Senhor, Vossa Majestade partirá quando quiser, o navio está pronto”. Ditas essas palavras, saiu. Os convivas, admirados, entreolhavam-se sem dizer palavra, quando outro empregado, aproximando-se do seu amo, disse-lhe: “Senhor, a cadeira de Vossa Majestade está em Pádua, e o barco está pronto”.¹ O homem fez um sinal e o empregado saiu. Todos os convivas se entreolharam novamente, e a surpresa comum redobrou. Um terceiro empregado, aproximando-se de um terceiro estrangeiro, disse-lhe: “Senhor, acreditei-me, Vossa Majestade não deve ficar aqui por mais tempo: vou preparar tudo”; e logo desapareceu.

Cândido e Martinho não duvidaram então de que fora uma mascarada do carnaval. Um quarto empregado disse ao quarto senhor: “Vossa Majestade partirá quando quiser”, e saiu como os demais. O quinto empregado disse a mesma coisa ao quinto senhor. Mas o sexto empregado falou diferentemente ao sexto estrangeiro,

que estava ao lado de Cândido; disse-lhe: “Por minha fé, Senhor, não querem mais dar crédito a Vossa Majestade, nem tampouco a mim: vou cuidar dos meus negócios; adeus”.

Tendo todos os empregados desaparecido, os seis estrangeiros, Cândido e Martinho ficaram num silêncio profundo. Finalmente Cândido o rompeu. “Meus senhores”, disse, “aí está uma singular brincadeira: por que sois todos reis?² Quanto a mim, confesso-vos que nem Martinho nem eu o somos.”

O senhor de Cacambo tomou então solenemente a palavra e disse em italiano: “Não estou sendo engraçado, chamo-me Ahmed III. Fui grande sultão por vários anos; destronei meu irmão; meu sobrinho me destronou; cortaram o pescoço de meus vizires; termino a minha carreira num velho serralho; meu sobrinho, o grande sultão Mahmud, permite-me viajar às vezes por causa da minha saúde, e vim passar o carnaval em Veneza”.

Um jovem que estava ao lado de Ahmed falou depois dele e disse: “Eu me chamo Ivan; fui imperador de todas as Rússias; fui destronado ainda no berço; meu pai e minha mãe foram presos; criaram-me na prisão; tenho às vezes a permissão de viajar, acompanhado daqueles que me guardam, e vim passar o carnaval em Veneza”.

O terceiro disse: “Sou Carlos Eduardo, rei da Inglaterra; o meu pai cedeu-me seus direitos ao reino; combati para garanti-los; arrancaram o coração de oitocentos dos meus partidários e bateram-lhes no rosto. Fui posto na prisão; vou a Roma fazer uma visita ao rei, meu pai, destronado assim como eu e o meu avô, e vim passar o carnaval em Veneza”.

O quarto tomou então a palavra e disse: “Sou o rei dos polacos; a sorte da guerra privou-me dos meus Estados hereditários; meu pai experimentou os mesmos reveses; resigno-me à Providência como o sultão Ahmed, o imperador Ivan e o rei Carlos Eduardo, a quem Deus dê uma longa vida, e vim passar o carnaval em Veneza”.

O quinto disse: “Sou também rei dos polacos; perdi o meu reino duas vezes; mas a Providência deu-me outro Estado, no qual fiz mais bem do que todos os reis dos sarmatas³ juntos nunca puderam fazer às margens do Vístula; resigno-me também à Providência e vim passar o carnaval em Veneza”.

Restava falar o sexto monarca. “Senhores”, disse ele, “não sou tão grande senhor quanto vós; mas, enfim, fui rei como qualquer outro. Sou Teodoro; elegeram-me rei da Córsega; chamaram-me de *Vossa Majestade*, e atualmente mal me chamam de *meu senhor*. Mandeï cunhar moeda e não possuo um tostão; tive dois secretários de Estado e apenas tenho um criado; eu me vi sobre um trono e fiquei longo tempo em Londres, na prisão, sobre a palha. Tenho bastante medo de ser tratado da mesma forma aqui, embora tenha vindo, como Vossas Majestades, passar o carnaval em Veneza.”

Os cinco outros reis escutaram esse discurso com nobre compaixão. Cada um deles deu vinte cequins⁴ ao rei Teodoro para comprar ternos e camisas; e Cândido deu-lhe de presente um diamante de dois mil cequins. “Quem é, pois”, diziam os cinco reis, “esse simples particular que está em condição de dar cem vezes tanto quanto cada um de nós e que o dá?”⁵

No instante em que se saía da mesa, chegaram à mesma hospedaria quatro altezas sereníssimas, que tinham perdido os seus Estados pela sina da guerra e que vinham passar o resto do carnaval em Veneza. Mas Cândido não tomou nenhum cuidado com esses recém-chegados. Só estava ocupado com ir ao encontro de sua querida Cunegunda em Constantinopla.

CAPÍTULO 27

Viagem de Cândido a Constantinopla

O fiel Cacambo já obtivera permissão do patrão turco que ia reconduzir o sultão Ahmed a Constantinopla que receberia Cândido e Martinho a bordo de sua embarcação. Um e outro foram para lá depois de terem se prosternado diante de Sua miserável Alteza. Cândido, durante o trajeto, dizia a Martinho: “Aí estão, entretanto, seis reis destronados, com os quais jantamos, e ainda entre esses seis reis há um a quem dei esmola. Talvez haja muitos outros príncipes mais desafortunados. Quanto a mim, só perdi cem carneiros e estou voando para os braços de Cunegunda. Meu caro Martinho, mais uma vez, Pangloss tinha razão: tudo está bem”. “Assim desejo”, disse Martinho. “Mas”, disse Cândido, “aí está uma aventura pouco verossímil que tivemos em Veneza. Nunca se viu nem ouviu contar que seis reis destronados jantassem na pousada.” “Isso não é mais

extraordinário”, disse Martinho, “do que a maioria das coisas que nos aconteceram. É muito comum reis serem destronados; e, com relação à honra que tivemos de jantar com eles, é uma ninharia que não merece a vossa atenção.”¹

Logo que Cândido subiu ao barco, saltou ao pescoço de seu antigo criado, de seu amigo Cacambo. “Pois bem!”, disse ele, “o que faz Cunegunda? Continua sendo um prodígio de beleza? Continua me amando? Como está ela? Por certo compraste para ela um palácio em Constantinopla?”

“Meu caro mestre”, respondeu Cacambo, “Cunegunda está lavando tigelas à beira do Propôntide,² na casa de um príncipe que tem muito poucas tigelas; ela é escrava na casa de um antigo soberano chamado Ragotski,³ a quem o Grande Turco⁴ dá três escudos por dia em seu asilo; mas o que é bem mais triste é que ela perdeu a beleza e se tornou horivelmente feia.” “Ah! Bela ou feia”, disse Cândido, “sou um homem de bem, e meu dever é amá-la sempre. Mas como ela pode estar reduzida a um estado tão abjeto com os cinco ou seis milhões que tinhas trazido?” “Bom”, disse Cacambo, “não foi preciso tirar dois milhões para dar ao senhor dom Fernando de Ibaraa y Figueora y Mascarenes y Lampourdos y Souza, governador de Buenos Aires, para ter a permissão de recuperar a senhorita Cunegunda? E um pirata não nos despojou bravamente de todo o resto? Esse pirata não nos levou ao cabo de Matapan, a Milo, a Nicária, a Samos, a Petra, aos Dardanelos, a Mármara, a Scutari?⁵ Cunegunda e a velha servem na casa desse príncipe de que vos falei, e eu sou escravo do sultão destronado.” “Quantas espantosas calamidades concatenadas umas com as outras!”, disse Cândido. “Mas, depois de tudo, tenho ainda alguns diamantes; libertarei facilmente Cunegunda. É mesmo pena que ela tenha se tornado tão feia.”

Em seguida, voltando-se para Martinho: “Quem pensas que é mais de se lamentar, o imperador Ahmed, o imperador Ivan, o rei Carlos Eduardo ou eu?”. “Não sei”, disse Martinho; “seria preciso que eu estivesse em vossos corações para sabê-lo.” “Ah!”, disse Cândido, “se Pangloss estivesse aqui, ele o saberia e nos informaria.” “Não sei”, disse Martinho, “com que balanças o vosso Pangloss teria podido pesar os infortúnios dos homens e apreciar as suas dores. Tudo que

presumo é que existem milhões de homens na terra cem vezes mais de se lamentar do que o rei Carlos Eduardo, o imperador Ivan e o sultão Ahmed.” “Pode bem ser”, disse Cândido.

Chegou-se em poucos dias ao canal do mar Negro. Cândido começou por resgatar bem caro Cacambo, e, sem perda de tempo, lançou-se numa galera, com os companheiros, para ir à beira do Propôntide buscar Cunegunda, por mais feia que ela pudesse estar.

Havia entre os galés dois que remavam muito mal e em cujas costas nuas o patrão levantino⁶ aplicava de vez em quando umas chicotadas com nervo de boi; Cândido, por um movimento natural, olhou para eles mais atentamente do que para os outros galés e aproximou-se com piedade. Alguns traços dos rostos desfigurados pareceram-lhe ter alguma semelhança com Pangloss e com aquele jesuíta, aquele barão, aquele irmão da srta. Cunegunda. Essa ideia o comoveu e entristeceu. Fixou-os com maior atenção ainda. “Na verdade”, disse ele a Cacambo, “se eu não tivesse visto enforcar o mestre Pangloss, e se não tivesse tido a desgraça de matar o barão, acreditaria que são eles que estão remando nesta galera.”

Ao ouvir o nome do barão e de Pangloss, os dois galés lançaram um grande grito, pararam em seus bancos e deixaram cair os remos. O patrão levantino correu em sua direção, e os golpes de nervo de boi redobram. “Parai! Parai, senhor!”, bradou Cândido, “darei tanto dinheiro quanto quiserdes.” “Quê?! É Cândido”, dizia um dos galés. “Quê?! É Cândido”, dizia o outro. “Será que é um sonho?”, disse Cândido. “Eu acordei? Estou mesmo nesta galera? Será que está ali o senhor barão a quem matei? Será que está ali o mestre Pangloss que eu vi enforcarem?”

“Somos nós mesmos, somos nós mesmos”, responderam eles. “Quê! Está ali aquele grande filósofo?”, disse Martinho.

“Eh! Senhor patrão levantino”, disse Cândido, “quanto dinheiro quereis pelo resgate do senhor de Thunder-ten-tronckh, um dos primeiros barões do império, e do senhor Pangloss, o mais profundo metafísico da Alemanha?” “Cachorro de cristão”, respondeu o patrão levantino, “uma vez que esses dois cachorros de condenados cristãos são barões e metafísicos, o que é sem dúvida grande dignidade em seus países, me darás cinquenta mil cequins.” “Vós os tereis, meu senhor;

levai-me como um relâmpago a Constantinopla e recebereis imediatamente. Ou antes, levai-me à casa da senhorita Cunegunda.” O patrão levantino, à primeira oferta de Cândido, já tinha virado a proa rumo à cidade e fazia remar mais rápido do que um pássaro fende os ares.

Cândido abraçou cem vezes o barão e Pangloss. “E como não vos matei, meu caro barão? E, meu caro Pangloss, como estais vivo depois de ter sido enforcado? E por que estais ambos nas galeras na Turquia?” “É mesmo verdade que minha querida irmã está neste país?”, dizia o barão. “Sim”, respondeu Cacambo. “Estou revendo, pois, o meu caro Cândido!”, exclamava Pangloss. Cândido apresentava-lhes Martinho e Cacambo. Todos se abraçavam, falavam ao mesmo tempo. A galera voava, eles já estavam no porto. Mandaram vir um judeu, a quem Cândido vendeu por cinquenta mil cequins um diamante do valor de cem mil, e que lhe jurou por Abraão que não podia dar mais do que isso. Ele pagou incontinentemente o resgate do barão e de Pangloss. Este se lançou aos pés de seu libertador e os banharam de lágrimas; o outro agradeceu-lhe com um sinal de cabeça e prometeu lhe devolver esse dinheiro na primeira ocasião. “Mas será mesmo possível que minha irmã esteja na Turquia?”, dizia ele. “Nada é tão possível”, retomou Cacambo, “visto que ela lava a louça na casa de um príncipe da Transilvânia.” Logo mandaram vir dois judeus; Cândido vendeu mais dois dos diamantes; e partiram todos em outra galera para ir libertar Cunegunda.

CAPÍTULO 28

O que aconteceu a Cândido, a Cunegunda, a Pangloss, a Martinho etc.

“Perdão, uma vez mais”, disse Cândido ao barão, “perdão, reverendo padre, por vos ter dado um grande golpe de espada através do corpo.” “Não falemos mais nisso”, disse o barão; “eu fui um pouco rude demais, confesso; mas, já que quereis saber por que sina me vistes nas galeras, eu vos direi que, depois de ter sido curado do meu ferimento pelo irmão farmacêutico do colégio, fui atacado e sequestrado por um partido espanhol; puseram-me numa prisão em Buenos Aires no momento em que minha irmã acabava de partir de lá. Pedi para voltar a Roma junto do padre superior geral. Fui nomeado para servir de

capelão em Constantinopla, junto do senhor embaixador da França. Não fazia oito dias que eu assumira as minhas funções, quando encontrei, ao cair da tarde, um jovem icoglã¹ de muito boa aparência. Estava fazendo muito calor; o jovem quis tomar banho; aproveitei a ocasião para tomar banho também. Não sabia que era um crime capital para um cristão ficar inteiramente nu com um jovem muçulmano. Um cadi² mandou aplicar-me cem bastonadas na planta dos pés e enviou-me para as galeras. Não acredito que se tenha feito uma injustiça mais horrível. Mas eu quisera mesmo saber por que a minha irmã está na cozinha de um soberano da Transilvânia refugiado entre os turcos.”

“Mas vós, meu caro Pangloss”, disse Cândido, “como acontece que eu vos reveja?” “É verdade”, disse Pangloss, “que me vistes ser enforcado; eu deveria naturalmente ser queimado; mas vos lembrais que choveu a cântaros quando iam me cozer: a chuvarada foi tão violenta que perderam a esperança de acender a fogueira; fui enforcado, porque não se pôde fazer melhor: um cirurgião comprou o meu corpo, levou-me para a sua casa e me dissecou. Primeiro fez-me uma incisão crucial do umbigo até a clavícula. Não se podia estar mais mal enforcado do que eu havia sido. O executor das sentenças capitais da Santa Inquisição, que era um subdiácono, na verdade queimava muitíssimo bem as pessoas, mas não estava acostumado a enforcar: a corda estava molhada e escorregou mal, formando um nó; enfim, eu ainda respirava: a incisão crucial fez-me lançar um grito tão alto que meu cirurgião caiu para trás e, acreditando que estava dissecando o diabo,³ fugiu morrendo de medo e ainda caiu da escada, ao fugir. Sua mulher correu com o barulho, de um gabinete vizinho; ela me viu estendido sobre a mesa com a incisão crucial: teve mais medo ainda que o marido, fugiu e caiu em cima dele. Quando voltaram um pouco a si, ouvi a cirurgiã dizer ao cirurgião: ‘Meu amigo, de onde te veio a ideia de dissecar um herege? Não sabes que o diabo está sempre no corpo dessa gente? Vou depressa buscar um padre para exorcizá-lo’. Estremeci ao ouvir isso e juntei as poucas forças que me restavam, para gritar: ‘Tende piedade de mim!’. Enfim o barbeiro português⁴ arriscou: costurou a minha pele; sua mulher cuidou de mim; pus-me de pé ao cabo de quinze dias. O barbeiro

arranjou-me uma ocupação e me fez laçao de um cavaleiro de Malta que estava indo para Veneza; mas, não tendo o meu senhor com quem me pagar, pus-me a serviço de um mercador veneziano e o segui para Constantinopla.

“Um dia fui tomado pela fantasia de entrar numa mesquita: só havia lá um velho imã e uma jovem devota muito linda, que recitava os seus pais-nossos; seu colo estava todo descoberto; tinha entre os seios um belo buquê de tulipas, rosas, anêmonas, ranúnculos, jacintos, orelhas-de-urso; ela derrubou o buquê: eu o recolhi e entreguei a ela com um zelo muito respeitoso. Demorei tanto para entregá-lo que o imã se encolerizou e, vendo que eu era cristão, gritou por ajuda.⁵ Levaram-me para junto do cadí, que mandou aplicar-me cem golpes de ripa na planta dos pés e me mandou para as galeras. Fui acorrentado exatamente na mesma galera e no mesmo banco que o senhor barão. Havia nessa galera quatro jovens de Marselha, cinco padres napolitanos e dois monges de Corfu, que nos disseram que semelhantes aventuras aconteciam todos os dias. O senhor barão achava que eles tinham sido vítimas de uma injustiça maior que a minha; quanto a mim, eu pretendia que era mais permitido recolocar um buquê no pescoço de uma mulher do que ficar nu com um icoglã. Discutíamos sem parar e recebíamos vinte golpes de nervo de boi por dia, quando o encadeamento dos fatos desse universo vos conduziu à nossa galera e vós nos resgatastes.”

“Pois bem, meu caro Pangloss”, disse-lhe Cândido, “quando fostes enforcado, dissecado, moído de pancadas, e remastes nas galeras, continuastes pensando que tudo ia o melhor possível do mundo?”

“Continuo sendo da minha primeira opinião”, respondeu Pangloss, “pois afinal sou filósofo: não me convém desdizer-me, Leibniz não podendo não ter razão, e sendo, aliás, a harmonia preestabelecida⁶ a mais bela coisa do mundo, assim como o pleno e a matéria sutil.”⁷

CAPÍTULO 29

Como Cândido reencontrou Cunegunda e a velha

Enquanto Cândido, o barão, Pangloss, Martinho e Cacambo contavam as suas aventuras, arrazoavam sobre os acontecimentos contingentes ou não contingentes deste universo,¹ discutiam sobre os efeitos e as causas, sobre o mal moral e sobre o mal físico, sobre a

liberdade e a necessidade, sobre as consolações que se podem experimentar quando se está nas galeras na Turquia, aportaram na praia do Propôntide, na casa do príncipe da Transilvânia. A primeira coisa que viram foi Cunegunda e a velha, que estendiam toalhas em varais para fazê-las secar.

O barão empalideceu diante do que via. O terno amante Cândido, ao ver a sua bela Cunegunda amorenada, de olhos rajados, com o colo ressecado, as faces enrugadas, os braços vermelhos e escamados, recuou três passos tomado de horror e avançou em seguida, por bom procedimento. Ela abraçou Cândido e o irmão; abraçaram a velha; Cândido resgatou a ambas.

Havia uma pequena fazenda arrendada na vizinhança; a velha propôs a Cândido acomodar-se nela enquanto esperava que todo o grupo tivesse melhor destino. Cunegunda não sabia que tinha ficado feia, pois ninguém lhe avisara; ela lembrou a Cândido as suas promessas num tom tão absoluto que o bom Cândido não ousou recusar. Informou, pois, ao barão que ia casar-se com sua irmã. “Nunca aceitarei”, disse o barão, “tal baixeza da parte dela e tal insolência da vossa parte; essa infâmia nunca me será imputada: os filhos de minha irmã não poderiam entrar nos capítulos da Alemanha.² Não, jamais, minha irmã desposará somente um barão do Império.” Cunegunda atirou-se aos pés dele e os banhou de lágrimas; ele foi inflexível. “Senhor louco”, disse-lhe Cândido, “eu te resgatei das galeras, paguei o teu resgate, paguei o da tua irmã; ela aqui lavava louças, ela está feia, eu tenho a bondade de fazer dela a minha mulher, e pretendes ainda opor-te a isso! Eu te mataria de novo se desse fé à minha cólera.” “Podes ainda me matar”, disse o barão, “mas não desposarás a minha irmã enquanto eu estiver vivo.”

CAPÍTULO 30

Conclusão

Cândido, no fundo do coração, não tinha nenhuma vontade de desposar Cunegunda. Mas a impertinência extrema determinava-o a concluir o casamento, e Cunegunda o pressionava tão insistentemente que ele não podia desdizer-se sobre isso. Consultou Pangloss, Martinho e o fiel Cacambo. Pangloss fez um belo relatório pelo qual provava que o barão não tinha nenhum direito sobre a irmã e que ela

podia, segundo todas as leis do Império, desposar Cândido com a mão esquerda.¹ Martinho concluiu que ia jogar o barão no mar. Cacambo decidiu que se devia entregá-lo ao patrão levantino e enviá-lo às galeras; depois disso o enviariam a Roma, ao superior geral, pelo primeiro barco. A opinião foi julgada muito boa; a velha aprovou-a; não se disse nada à sua irmã; a coisa foi executada mediante algum dinheiro e teve-se o prazer de agarrar um jesuíta e de punir o orgulho do barão alemão.

Era muito natural imaginar que, depois de tantos desastres, Cândido, casado com sua amante e vivendo com o filósofo Pangloss, o filósofo Martinho, o prudente Cacambo e a velha, tendo, aliás, trazido tantos diamantes da pátria dos antigos incas, levaria a vida mais agradável do mundo; mas foi tão larapiado pelos judeus que não lhe restou mais nada a não ser a pequena chácara; sua mulher, a cada dia mais feia, tornou-se rabugenta e insuportável; a velha estava enferma e com um mau humor ainda maior que o de Cunegunda. Cacambo, que trabalhava na horta e ia vender legumes em Constantinopla, estava com excesso de trabalho e maldizia o destino. Pangloss estava desesperado por não brilhar em alguma universidade da Alemanha. Quanto a Martinho, estava firmemente persuadido de que se estava igualmente mal por toda parte; tinha paciência com as coisas. Cândido, Martinho e Pangloss discutiam às vezes sobre metafísica e moral. Via-se com frequência passar sob a janela da casa da chácara barcos carregados de efêndis, de paxás, de cadis,² que eram enviados para o exílio em Lemnos, em Mitileno, em Erzerum. Viam-se chegar outros cadis, outros paxás, outros efêndis, que assumiam o lugar dos expulsos e que eram expulsos por sua vez. Viam-se cabeças limpamente empalhadas que iam ser apresentadas à Sublime Porta.³ Esses espetáculos faziam redobrar as dissertações; e, quando não se discutia, o tédio era tão excessivo que a velha ousou um dia dizer-lhes: “Eu gostaria de saber o que é pior, ser violada cem vezes por piratas negros, ter uma nádega cortada, passar por açoite de varas na terra dos búlgaros, ser chicoteado e enforcado num auto de fé, ser dissecado, remar nas galeras, experimentar enfim todas as misérias pelas quais todos nós passamos, ou ficar sem fazer nada?”. “É uma boa pergunta”, disse Cândido.

Esse discurso fez surgirem novas reflexões, e Martinho principalmente concluiu que o homem tinha nascido para viver nas convulsões da inquietude ou na letargia do tédio. Cândido não concordava, mas não garantia nada. Pangloss confessava que sempre tinha sofrido horivelmente; porém tendo sustentado uma vez que tudo ia às mil maravilhas, continuava sustentando-o, e não acreditava em nada disso.

Uma coisa acabou por confirmar Martinho em seus detestáveis princípios, de fazer com que Cândido hesitasse mais do que nunca e que Pangloss ficasse embaraçado. É que um dia viram chegar à chácara Paquette e o irmão Giroflée, que estavam na mais extrema miséria; tinham comido bem depressa as suas três mil piastras; tinham se separado, feito depois as pazes, tinham se desentendido, tinham sido postos na prisão, fugido, e finalmente Giroflée fizera-se turco. Paquette continuava o seu ofício por toda parte e com isso não ganhava mais nada. “Eu bem que tinha previsto isso”, disse Martinho a Cândido, “que os vossos presentes logo seriam dissipados e só os tornariam mais miseráveis. Despejastes milhões de piastras, vós e Cacambo, e não estais mais felizes do que o irmão Giroflée e Paquette.” “Ah, ah!”, disse Pangloss a Paquette, “o céu vos traz de volta aqui entre nós, minha pobre menina! Sabeis muito bem que me custastes a ponta do nariz, um olho e uma orelha? Como estais aí feita! E que mundo é este!” Essa nova aventura levou-os a filosofar mais do que nunca.

Havia nas vizinhanças um dervixe⁴ famosíssimo, que passava por ser o melhor filósofo da Turquia; foram consultá-lo; Pangloss tomou a palavra e disse-lhe: “Mestre, viemos rogar-vos que nos diga por que um animal tão estranho quanto o homem foi formado”.

“Com que queres me envolver?”, disse o dervixe, “Isso é problema teu?” “Mas, meu reverendo padre”, disse Cândido, “existe um horror de males sobre a terra.” “Que importa”, disse o dervixe, “que haja mal ou bem? Quando Sua Alteza manda um navio ao Egito, acaso se interessa se os ratos estão bem acomodados ou não?”⁵ “Que é preciso fazer então?”, disse Pangloss. “Tu te calares”,⁶ disse o dervixe. “Eu me sentia honrado”, disse Pangloss, “de discutir um pouco convosco sobre os efeitos e as causas, sobre o melhor dos mundos possíveis,

sobre a origem do mal, sobre a natureza da alma e da harmonia prévia.” O dervixe, a essas palavras, fechou-lhe a porta na cara.

Durante essa conversa, espalhou-se a notícia de que tinham acabado de estrangular, em Constantinopla, dois vizires do banco e o mufti,⁷ e que se tinham empalado vários de seus amigos. Essa catástrofe fazia por toda parte grande alarido durante algumas horas. Pangloss, Cândido e Martinho, voltando à pequena chácara, encontraram um bom velhinho que tomava a fresca diante da porta, sob um dossel de laranjeiras. Pangloss, que era tão curioso quanto arrazoador, perguntou-lhe como se chamava o mufti que acabavam de estrangular. “Não sei de nada”, respondeu o homem, “e nunca soube o nome de nenhum mufti, nem de nenhum vizir. Ignoro absolutamente a aventura de que me falais; presumo que, em geral, aqueles que se imiscuem com problemas políticos perecem às vezes miseravelmente, e que eles o merecem; mas nunca me informo sobre o que se faz em Constantinopla; contento-me com mandar vender lá os frutos do pomar que cultivo.” Uma vez ditas essas palavras, mandou entrar os estrangeiros em sua casa: suas duas filhas e seus dois filhos lhes ofereceram várias espécies de sorvetes que eles mesmos faziam, de *kaimac* puxado com cascas de cidra confeitada, de laranja, de limão, de abacaxi, de pistache, de café de Moca, que não era misturado com o café ruim da Batávia e das ilhas.⁸ Depois disso, duas filhas daquele bom muçulmano perfumaram as barbas de Cândido, de Pangloss e de Martinho.

“Deveis ter”, disse Cândido ao turco, “uma vasta e magnífica terra?” “Tenho apenas uns vinte alqueires”, respondeu o turco; “eu os cultivo com meus filhos; o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade.”

Cândido, ao voltar para a chácara, fez profundas reflexões sobre o discurso do turco. Disse a Pangloss e a Martinho: “Esse bom ancião me parece ter preparado para si uma sorte bem preferível àquela dos seis reis com quem tivemos a honra de jantar”. “As grandezas”, disse Pangloss, “são muito perigosas, segundo o relato de todos os filósofos; pois enfim Eglom, rei dos moabitas, foi assassinado por Aod; Absalão foi pendurado pelos cabelos e perfurado com três dardos; o rei Nadab, filho de Jeroboão, foi morto por Baasa; o rei Ela, por Zambri;

Ocozias, por Jeú; Atalia, por Joiada; os reis Joaquim, Jeconias, Sedecias foram escravizados.⁹ Sabeis como pereceram Creso, Astíage, Dario, Dionísio de Siracusa, Pirro, Perseu, Aníbal, Jugurta, Ariovisto, César, Pompeu, Nero, Óton, Vitélio, Domiciano,¹⁰ Ricardo II da Inglaterra, Eduardo II, Henrique VI, Ricardo III, Maria Stuart, Carlos I,¹¹ os três Henriques da França, o imperador Henrique IV?¹² Vós sabeis...” “Sei também”, disse Cândido, “que é preciso cultivar o nosso jardim.” “Tendes razão”, disse Pangloss: “pois quando o homem foi posto no Jardim do Éden, foi ali colocado *ut operaretur eum*,¹³ para que nele trabalhasse, o que prova que o homem não nasceu para o repouso.” “Trabalhemos sem arrazoar”, disse Martinho; “é o único meio de tornar a vida suportável.”

Toda a pequena sociedade entrou nesse louvável desígnio: cada um se pôs a exercer os seus talentos. A pequena terra rendeu muito. Cunegunda estava na verdade bem feia, mas se tornou uma excelente cozinheira; Paquette bordava; a velha cuidou da roupa. Até mesmo o irmão Giroflée prestou serviço: foi um marceneiro muito bom¹⁴ e tornou-se mesmo um homem de bem; e Pangloss dizia às vezes a Cândido: “Todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, afinal, se não tivésseis sido expulso de um lindo castelo a grandes pontapés no traseiro pelo amor da senhorita Cunegunda, se não tivésseis sido submetido à Inquisição, se não tivésseis percorrido a América a pé, se não tivésseis dado um bom golpe de espada no barão, se não tivésseis perdido todos os vossos carneiros do bom país de Eldorado, não comeríeis aqui cidras recheadas de pistaches”. “Isso está bem falado”, respondeu Cândido, “mas é preciso cultivar o nosso jardim.”¹⁵

Notas

FOLHA DE ROSTO

- 1 *Otimismo*: De uso recente e especializado na França de então (apenas um uso registrado anteriormente ao *Cândido*, datado de 1737), o termo aparece apenas duas vezes no texto (ver a “Introdução”), em passagem que constitui acréscimo posterior. A palavra não é empregada por Voltaire na acepção moderna de disposição psicológica, denotando antes uma opinião filosófica, exposta notavelmente por Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1715), a saber, que este mundo é o melhor dos mundos possíveis, porque Deus, sendo onisciente, deve conhecer todos os mundos possíveis; sendo onipotente, deve ser capaz de criar tudo o que quiser; e, sendo magnificante, deve escolher o melhor. O otimismo busca reconciliar a bondade e a perfeição divinas com a existência do mal. No entanto, ao asseverar a necessidade de as coisas permanecerem tais quais são, a palavra evoca o fatalismo. Em fevereiro de 1756, escreveu Voltaire a Élie Bertrand: “Necessitamos de um Deus que fale ao gênero humano. O otimismo é desesperador. É uma filosofia cruel com um nome reconfortante”.
- 2 *Ralph*: O subtítulo foi acrescentado na edição de 1761 (daqui em diante, 1761); “Monsieur le Docteur Ralph” é um fictício acadêmico alemão (não um médico) com um mistificador nome anglo-saxão, inspirado talvez por um personagem do *Hudibras* (1663), poema satírico de Samuel Butler (1612-80), ou por James Ralph, poeta menor escarnecido por Alexander Pope (1688-1744) em *The Dunciad* (1728).
- 3 *adições*: A referência aqui é especificamente à longa passagem adicionada ao capítulo 22 na 1761.
- 4 *Minden*: A batalha de Minden, travada em agosto de 1759 na província alemã da Westfália, resultou em pesada derrota para o exército francês (“um vigoroso exército conduzido ao abate”, comentou Voltaire à época). Os acontecimentos históricos reais posteriores à primeira edição do *Cândido* acrescentaram maior impulso satírico à opção de Voltaire por essa empobrecida e rústica província como o cenário para o seu paraíso terrestre. Em carta de 1750 à sobrinha, a srta. Denis, ele já havia descrito com minúcias a “vasta, triste, estéril, detestável região da Westfália” que atravessava, então, em viagem.

CAPÍTULO I

COMO CÂNDIDO FOI CRIADO NUM LINDO CASTELO, E COMO FOI EXPULSO DELE

- 1 *setenta e um quartos*: Divisões da heráldica, aplicadas sobre um escudo: os quartos de um nobre guardam relação com o número de seus ancestrais paternos e maternos pertencentes à nobreza. Para se alçar à cavalaria, eram necessários sessenta quartos. Estar em posse de setenta e um é estar em posse de uma impossibilidade absurda; Cunegunda possui setenta e dois — daí o orgulho intransigente da princesinha alemã.
- 2 *Pangloss*: Ao compor o personagem Pangloss, Voltaire devia estar pensando em Christian Wolff (1679-1754), discípulo de Leibniz, e talvez também no filósofo e escritor francês Jean-Jacques Rousseau (1712-78). Em 1756 Voltaire redigiu um ataque a Rousseau intitulado “Lettre au docteur Jean-Jacques Pansophe” [“Carta ao doutor Jean-Jacques Pansophe” (“*pansophe*” quer dizer “sabichão”)].
- 3 *metafísico-teológico-cosmolonigologia*: O ataque de Voltaire ao otimismo cósmico é um compósito caricatural de Leibniz, Pope e Wolff, este um pensador rigidamente sistemático, responsável pela introdução da palavra “cosmologia” entre um público mais amplo; “nigologia” deriva de “*nigaud*” (“bobão”).
- 4 *efeito sem causa*: Leibniz: “Nada jamais acontece sem uma causa ou pelo menos sem uma razão suficiente [determinante]” (*Théodicée* [1710], p. 44, v. 1; traduzido para o inglês como *Theodicy on the goodness of God, the liberty of man, and the origin of evil* [Teodiceia sobre a bondade de Deus, a

liberdade do homem e a origem do mal]), o que Voltaire reduz aqui a uma tautologia. A comédia de Voltaire separa com habilidade causa e efeito.

- 5 *tudo está o melhor*: A passagem é uma *reductio* burlesca do princípio das causas últimas, ou o argumento do desígnio. Voltaire aceitou uma forma moderada desse princípio, mas atacou suas extremadas versões materialistas. Conforme seu verbete sobre as “Causas finais” no *Dicionário filosófico* (trad. em inglês de Theodore Besterman, Londres, 1972, pp. 205-7). Filosoficamente, “tudo está o melhor” implica estar cada coisa justificada por seu objetivo no plano da Criação, mas a linguagem popular transforma a expressão em abjeta declaração de entusiasmo pelo mundo como se apresenta.
- 6 *razão suficiente*: Termo leibniziano (refere-se àquela qualidade, presente em todas as coisas, que explica e justifica a sua existência) transportado aqui, com propósito satírico, do campo metafísico para o físico. As volições de Deus são “razões suficientes” determinadas por nossa percepção do bom. Leibniz pretendia que seu princípio fosse um critério de verdade na esfera do contingente, a saber, da experiência. O termo sugere um universo construído racionalmente, conectado assim a seu otimismo. Voltaire julgou o princípio um caso de obscurecimento, reduzindo-o à simples noção de causa e efeito.

CAPÍTULO 2

O QUE SE TORNOU CÂNDIDO ENTRE OS BÚLGAROS

- 1 *Valdberghoff-trarbk-dikdorff*: Nome compósito que faz mofa do idioma alemão e seus compostos: *vald* (Wald), “madeira”; *berg* (Berg), “montanha”; *hoff* (Hof), “corte”; *dorff* (Dorf), “vilarejo”. A folha de rosto do *Cândido* informa que o mesmo teria sido “traduzido do alemão”.
- 2 *dois homens vestidos de azul*: O uniforme dos temidos soldados de Frederico, o Grande.
- 3 *écus*: Em francês, no original, antiga moeda francesa.
- 4 *rei dos búlgaros*: Os abares e os búlgaros, com quem Voltaire se deparou em meio às pesquisas para o seu *Essai sur l'histoire générale et sur les mœurs et l'esprit de nations* [Ensaio de história geral e sobre os costumes e o espírito das nações, 1756], foram nações bárbaras que devastaram o Império Bizantino nos séculos VIII e XI. No cenário contemporâneo da Guerra dos Sete Anos (1756-63), as referências ao recrutamento de soldados e à altura dos recrutados sugere que os búlgaros representam os prussianos, e os abares, os franceses. Etimologicamente, “búlgaros” também pespaga a pecha de homossexualismo em Frederico e suas tropas de homens altos (“búlgaro”, *bougre*, “bugger [sodomita]”).
- 5 *vossa glória está garantida*: Ao aceitar o dinheiro do rei e brindar à sua saúde, Cândido inadvertidamente alistou-se no serviço militar.
- 6 *vareta*: Usada para socar a carga pelo cano da arma. As manobras descritas por Voltaire tinham se tornado essenciais para o sucesso no campo de batalha no século XVIII; ao acelerarem sua velocidade e sincronização, os prussianos aumentaram sua mobilidade como força de combate e diminuíram as baixas. Voltaire testemunhara a militarização do exército prussiano em Potsdam durante sua estada com Frederico (1750-53), acompanhando de perto os avanços no campo da tática militar, do que dá prova a abertura do próximo capítulo.
- 7 *as vontades são livres*: Sob a influência de Frederico, Voltaire abandonou a doutrina da liberdade da vontade, que antes defendera (em seu *Eléments de la philosophie de Newton*, 1740) e da qual posteriormente iria escarnecer.
- 8 *trinta e seis vezes*: Em suas *Mémoires pour servir à la vie de M. de Voltaire* [Memórias em torno da vida do sr. Voltaire], redigidas entre 1759 e 1760, Voltaire descreve a aplicação dessa punição aos desertores do exército prussiano, sob o olhar de Frederico, que observava de suas janelas. Recordase aqui também um nobre francês, alistado à força por oficiais prussianos, que desertou, foi recapturado e passou pelas varas “trinta e seis” vezes. Voltaire intercedeu por ele.
- 9 *louvada em todos os jornais e em todos os séculos*: Sátira sobre o dom de Frederico para a propaganda; a frase “em todos os jornais” é uma adição, não constando do manuscrito.
- 10 *Dioscórides*: Médico grego do século I, citado satiricamente por François de Rabelais (c. 1493-1553) no *Gargântua* (1534), dificilmente detinha qualquer influência médica à época (em que pese ainda

ser mencionado no século XVIII).

CAPÍTULO 3
COMO CÂNDIDO FUGIU DE ENTRE OS BÚLGAROS
E O QUE SE TORNOU

- 1 *harmonia tal como nunca houve no inferno*: Referência irônica à teoria leibniziana da harmonia preestabelecida. A Guerra dos Sete Anos campeava durante a redação e publicação do *Cândido*. Como informa a folha de rosto de 1761, o dr. Ralph, suposto autor do *Cândido*, pereceu nessa mesma guerra em 1759. Em 4 de outubro de 1759, escreve Voltaire a George Keith, um inglês com quem se correspondia: “A guerra atual é a mais infernal das que foram travadas. Antes, seu soberano costumava enfrentar no máximo uma batalha no curso de alguns anos; agora, porém, quase todo mês a terra se cobre de sangue e carcaças dilaceradas. Malditos sejam os lunáticos satisfeitos que repetem ‘Tudo está o melhor’! Isso não pode ser, de fato, com vinte províncias extenuadas e trezentos mil mortos. Que vosso soberano tenha a paz de espírito necessária para enfrentar esse interminável turbilhão de horror”.
- 2 *malandros que lhe infectavam a superfície*: Os soldados eram comumente tidos como recrutados entre a ralé.
- 3 A baioneta também foi a razão suficiente da morte de alguns milhares de homens. A descrição de Voltaire informa a disposição tradicional das batalhas do século XVIII: salvas de artilharia seguidas de cargas da infantaria, e corpo a corpo com baionetas.
- 4 *Te Deum*: Hinos de ação de graças da liturgia católica, cantados tradicionalmente após as vitórias: “cerimônia estabelecida com o fim de encorajar o povo, que é imperioso seja sempre ludibriado” (Voltaire, *Le siècle de Louis XIV* [O século de Luís XIV], 1751). O fato de o *Te Deum* ser com frequência executado simultaneamente nos dois campos adversários, para efeitos de propaganda, já havia sido criticado como engodo pelo filósofo Pierre Bayle (1647-1706) em seu *Dictionnaire historique et critique* (1695-97), sendo um dos assuntos constantes da polêmica antirreligiosa de Voltaire.
- 5 *direito público*: Teóricos do direito público, como Hugo Grotius (1583-1645), buscaram legalizar aquilo que não conseguiam proscrever: vem daí, por exemplo, a justificação teórica da pilhagem ou da escravidão que ultrajou Voltaire.
- 6 *Aqui, anciãos [...] braços e pernas amputados*: A descrição nessa passagem é fiel aos relatos contemporâneos das realidades dessa guerra: uma síntese mais que um exagero. “Nenhuma das atrocidades no *Cândido* foi inventada” (Jean Starobinski, “Voltaire’s double-barrelled musket”, in *Blessings in disguise*, Califórnia, Harvard University Press, 1993, p. 85).
- 7 *tratado da mesma forma*: Originalmente, no manuscrito, Voltaire tinha acrescentado o seguinte: “Virtualmente, a província inteira tinha sido destruída”.
- 8 *Pediu esmola [...] aprendesse a viver*: Mendigar tinha sido proibido na Holanda, medida que contava com o apoio de Voltaire.
- 9 *Esse orador*: Um pastor protestante; após a revogação do Edito de Nantes (1685), a Holanda passou a ser um dos centros de asilo para os livres-pensadores, protestantes e prosélitos contrários a Roma.
- 10 *encadeado necessariamente*: O princípio leibniziano de que todos os fenômenos estão encadeados necessariamente entre si, embora a sátira seja aqui mais antideterminista que especificamente antileibniziana.
- 11 *Anticristo*: Visão sustentada por calvinistas ortodoxos.
- 12 *anabatista*: Membro de seita protestante do século XVI, de larga difusão na Holanda e na Westfália. Os anabatistas eram contrários ao batismo infantil, afirmando que somente adultos seriam capazes de escolher o cristianismo. Não tendo sido popular em sua origem devido a seus pontos de vista sanguinários e radicais sobre a propriedade e a disciplina religiosa, estabeleceram-se no século XVIII, tornando-se pacíficos burgueses — operosos, altruístas, tolerantes em relação a outras seitas — e com isso obtendo as bênçãos de Voltaire.
- 13 *dois pés sem penas, que tinha uma alma*: O anabatista acrescenta uma alma a essa célebre definição

sintética do homem, cunhada, segundo Aristóteles, por um dos filósofos da Academia (o que levou Antístenes, o Cínico, a presentear-lo com uma galinha).

CAPÍTULO 4

COMO CÂNDIDO ENCONTROU O SEU ANTIGO MESTRE DE FILOSOFIA, O DR. PANGLOSS, E O QUE DISSO ADVEIO

- 1 *o fez recobrar os sentidos [...] no estábulo*: No manuscrito: “o fez recobrar os sentidos dando a ele uma caneca de mijo de vaca”, o que é suposto estar bem mais à mão em um estábulo que um pouco de vinagre.
- 2 *não ficou pedra sobre pedra*: Cf. Mc 13,2: “Não ficará pedra sobre pedra”.
- 3 *um franciscano muito sábio*: O epíteto é para trocar: as ordens mendicantes eram amplamente tidas como ignorantes e moralmente desleixadas, corrompidas por seu trânsito frequente em sociedade.
- 4 *jesuíta*: Havia uma piada recorrente que dizia que os jesuítas eram homossexuais por conta de sua paixão pela pedagogia. Em outra ocasião Voltaire criticou seu “orgulho” e sua “sede de poder”, mas ele também louvava sua “austeridade” e sua “virtude”.
- 5 *genealogia*: Paródia das genealogias bíblicas; o tema venéreo estava entre os preferidos de Voltaire, em parte por sua força como contraprova ao otimismo (difícilmente um Deus benévolo iria interferir no mecanismo da procriação). Suas leituras sobre o assunto foram vastas, e nessa passagem ele segue o *Treatise on venereal illnesses* (1734), do médico Jean Astruc (1684-1766), que localizou a origem da sífilis no Caribe. Acreditava-se então que a sífilis tinha sido introduzida na Europa pelos seguidores de Colombo que voltaram das Américas. “O veneno que contamina a fonte da vida se originou no Caribe; neste globo desafortunado, em que a natureza misturou um pouco de bem a uma grande porção de mal, cada clima tem seu veneno” (*Essai sur les mœurs et l'esprit des nations*).
- 6 *ingrediente necessário*: Paródia da afirmação otimista de que o mal é necessário à “harmonia universal”.
- 7 *cochonilha*: Inseto importado do México, do qual se obtém um corante vermelho.
- 8 *em nosso continente, essa doença nos é particular*: No manuscrito se lê “particular aos cristãos”.
- 9 *pois [os homens] não nasceram lobos e tornaram-se lobos*: Alusão à divisa latina da filosofia de Thomas Hobbes (1588-1619): *homo homini lupus* (“o homem é o lobo do homem”). Voltaire pode estar aludindo satiricamente a Rousseau e à visão primitivista de que o homem havia degenerado de seu original estado de bondade natural. A noção de que o homem havia corrompido a natureza era universal no século XVIII, mesmo que com diversas nuances. Voltaire não considerava o estado primitivo superior à sociedade civilizada — seu alvo era a doutrina do pecado original e sua sugestão de que os indivíduos nascem maus.
- 10 *[nem] canhões de vinte e quatro polegadas nem baionetas*: Os canhões de 24 polegadas eram os maiores canhões empregados pelos franceses, cujas bolas de canhão de onze quilos cada provocavam pesadas baixas no campo inimigo; as baionetas foram inventadas em 1670 e se difundiram amplamente pelos regimentos de infantaria durante o século XVIII, tornando o embate corpo a corpo muito mais letal.
- 11 *a justiça que se apossa dos bens [...] credores*: Em 1754, Voltaire perdeu oito mil *livres* de renda em razão da falência do filho do famoso banqueiro Samuel Bernard, a quem ele havia confiado parte de sua fortuna. Em 1758 ele tentou recuperar parte dessa perda. Os credores de um falido podem normalmente esperar ser compensados pela divisão do espólio deste, mas a lei protela o processo ao bloquear todo o espólio na primeira instância, do qual ao término deduzirá as custas processuais.
- 12 *desgraças particulares fazem o bem geral*: Concepção filosófica tributária de uma visão newtoniana do mundo e que veio a se tornar um clichê do “otimismo” leibniziano. Voltaire aderiu a esse ponto de vista, mas o rejeitou antes do *Cândido* (cf. *Zadig*, *Memnon*, “Poema sur le désastre de Lisbonne”). Na caricatura panglossiana, todos os males fazem parte do bem geral: quanto pior, por assim dizer, melhor.

CAPÍTULO 5

TEMPESTADE, NAUFRÁGIO, TERREMOTO,
E O QUE ADVEIO AO DR. PANGLOSS E A CÂNDIDO
E AO ANABATISTA TIAGO

- 1 *a baía de Lisboa tinha sido feita de propósito [...] para que [...] nela se afogasse*: Sátira ao providencialismo: os maus sobrevivem. Mas há ainda uma ironia adicional: “somente a morte por imersão involuntária e permanente servirá a um homem que acredita na necessidade da imersão adulta” (Roger Pearson, *The fables of reason: a study of Voltaire’s “Contes philosophiques”*, Oxford, 1993).
- 2 *provava a priori*: Os argumentos a partir da lógica em oposição àqueles a partir da experiência são ironizados como endêmicos à filosofia leibniziana.
- 3 *sentem a terra tremer sob os seus passos*: O terremoto que abalou Lisboa às 9h40 de 1º de novembro de 1755 matou entre 15 mil e 60 mil pessoas (à época estimou-se o número em 30 mil), gerando um tsunami que atingiu a Inglaterra às duas da tarde e as Índias Orientais por volta das seis da tarde. Lisboa foi quase totalmente destruída, e o incêndio que se seguiu foi causado pelos fogareiros acesos na hora das refeições. A catástrofe abalou o sistema de crenças europeu. Voltaire consultou vários relatos publicados e testemunhos orais sobre o assunto para a descrição que apresenta no *Cândido*. Em carta datada de 24 de novembro, ele escreve: “Esta é de fato uma cruel peça da filosofia natural! Será difícil explicar como as leis do movimento podem produzir tão terríveis desastres *no melhor de todos os mundos possíveis* — quando 100 mil formigas, nossos vizinhos, são esmagados até a morte em questão de segundos num de nossos formigueiros, a metade deles sem sombra de dúvida sofrendo agonias indescritíveis no momento da morte, soterrados por destroços de sob os quais era impossível retirá-los; por toda a Europa, famílias reduzidas à mendicância, e as fortunas de uma centena de mercadores — suíços, como sois — engolidas nas ruínas de Lisboa. Que lance do acaso é a vida humana! O que irão dizer os pregadores agora — especialmente se o Palácio da Inquisição tiver ficado de pé! Meu consolo é que esses reverendos padres, os inquisidores, tenham sido esmagados como todo mundo; o que deveria ensinar os homens a não perseguirem os homens; pois enquanto um punhado de santarrões hipócritas queima um punhado de fanáticos, a terra se abre para engolir a todos”. Em outra carta, com data de 16 de dezembro, Voltaire escreve: “Como vós, lamento pelos portugueses; mas os homens podem causar um mal maior a si próprios em seus pequenos redutos que aqueles que a natureza possa causar a eles. Mais homens tiveram suas gargantas cortadas na guerra que os que foram engolidos por terremotos. Se não houvesse neste mundo nada mais a temer que não o terremoto de Lisboa, estaríamos em situação bem melhor”.
- 4 *Batávia*: Capital da colônia holandesa de Java, atual Jacarta, capital da moderna Indonésia.
- 5 *pisei quatro vezes sobre o crucifixo*: Antes receptivo aos estrangeiros, o Japão passa a desconfiar das missões cristãs como sendo a guarda avançada do imperialismo, fechando seus portos aos estrangeiros em 1638. O comércio marítimo foi autorizado somente para os holandeses; a afirmação de Voltaire de que eles tiveram que repudiar sua religião simbolicamente pisando em um crucifixo é incorreta, embora tal fosse exigido dos japoneses que trabalhavam para os holandeses na Batávia.
- 6 *um pouco de vinho e óleo*: Utilizados para a limpeza dos ferimentos.
- 7 *uma corrente de enxofre por baixo da terra, desde Lima até Lisboa*: Essa era uma das teorias correntes à época para explicar a origem dos terremotos, adotada pelo naturalista Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-88) e popularizada pelo pastor suíço Elie Bertrand (*Mémoire sur les tremblements de terre* [Dissertação sobre os terremotos], 1756), com quem Voltaire trocou cartas sobre o assunto. Lima, no Peru, tinha sido destruída por um terremoto em 1746.
- 8 *as coisas não podiam ser de outra maneira*: O manuscrito, com as edições de 1759, apresenta um final diferente para esse parágrafo: “‘Pois’, ele disse, ‘é necessário, para que um universo possa existir, que ele seja o melhor dos universos. E no melhor dos universos, tudo é bom, tudo é bem, tudo é para o melhor. Consolai-vos, comemorai e deixai-nos beber’”.
- 9 *não podia estar noutra lugar*: Do mesmo modo, se o mundo tivesse sido feito por um Deus benévolo, vulcões só ocorreriam em regiões desabitadas.

- 10 *nem queda nem punição*: Voltaire insiste astuciosamente na dificuldade de reconciliar o providencialismo do otimismo leibniziano com a própria cristandade e o dogma ortodoxo do pecado original. O otimismo é herético até o momento em que evita a Queda: se tudo está o melhor, “segue-se disso que a natureza humana não é caída. Se a ordem das coisas exige que tudo seja como é, então a natureza humana não foi corrompida, não necessitando, conseqüentemente, de um redentor” (Prefácio ao “Poema sobre o desastre de Lisboa”). O argumento do homem negro é que o otimismo remove todas as bases para a crença na punição ou recompensa sobrenaturais, e, ao tornar Deus o responsável direto pela miséria do mundo, elimina a possibilidade da liberdade humana.
- 11 *determinada*: O argumento leibniziano utilizado aqui por Pangloss é determinista, mas ao mesmo tempo reconhecidamente escolástico em sua tentativa vã de reconciliar a providência ao livre-arbítrio. Para ser um católico ortodoxo é preciso acreditar na doutrina do livre-arbítrio.
- 12 *Porto, ou d’Oporto*: As duas formas referem-se à mesma e única cidade portuguesa — um momento de pedantismo (e uma adição posterior, não constante do manuscrito) para recordar ao leitor que se trata de uma história que está sendo contada pelo obscuro alemão de nome inglês, o dr. Ralph.

CAPÍTULO 6

COMO SE FEZ UM BELO AUTO DE FÉ PARA IMPEDIR OS TERREMOTOS, E COMO CÂNDIDO LEVOU UMA SURRA NO TRASEIRO

- 1 *um belo auto de fé*: Cerimônia em que as acusações de heresia feitas pela Inquisição eram lidas para o acusado e para a multidão, e em que o acusado era convidado a fazer um “auto de fé”; as execuções eram feitas pela autoridade secular. Voltaire tirou seus detalhes da *Relation de l’Inquisition de Goa* [Narração da Inquisição de Goa], 1688, de Charles Dellon. Na realidade, não houve nenhum auto de fé em resposta ao desastre em Lisboa. Três foram os autos de fé nessa cidade — em 8 de outubro de 1756, 28 de setembro de 1757 e 27 de agosto de 1758 —, nenhum deles relacionado ao terremoto, e todos sem execuções.
- 2 *Coimbra*: A sede da universidade de Lisboa, que, por decorrência, servia à Inquisição, de modo semelhante à maneira com que, aos olhos de Voltaire, a universidade de Sorbonne era sustentada pela religião.
- 3 *biscainho*: Um basco espanhol — outro estrangeiro, como Cândido e Pangloss.
- 4 *desposado a sua comadre* [...] *o toucinho*: A relação entre comadre e compadre era tida como um relacionamento espiritual, e um veto eclesiástico os proibia de contrair matrimônio um com o outro — uma superstição vazia, no que dizia respeito a Voltaire (e satirizada em um seu conto posterior, “L’ingénu” [O ingênuo]). Os dois conversos portugueses são judeus incógnitos, *marranos*, que traíam sua filiação ao enjeitar fatias de toucinho, alimento proscrito pelas leis dietéticas mosaicas; a Inquisição estava à caça de casos de falsa conversão. As simpatias de Voltaire pelas vítimas judias da Inquisição não eram prejudicadas por seu antissemitismo congênito.
- 5 *sambenito*: Hábito curto ou sobretudo de estopa pintado com chamas, figuras de demônios, o retrato da própria vítima etc., vestido pelos condenados enquanto eram conduzidos até o patíbulo em um auto de fé. O sambenito tornou-se o símbolo das abominações da intolerância religiosa organizada.
- 6 *as chamas eram direitas*: O crime de Pangloss, que proferiu heresia, é maior que o de Cândido, que apenas a ouviu; esta a razão de as chamas do sambenito do primeiro apontarem para cima e as do segundo apontarem para baixo. Em geral, o penitente trajava chamas invertidas, enquanto os julgados impenitentes vestiam as chamas direitas.
- 7 *falso bordão*: No original, “*faux-bourdon*”, variação da polifonia (a saber, música com mais de uma parte) peculiar ao século XIV, consistindo de uma parte improvisada antes ou depois de um cantochão original — para vozes em vez de instrumentos. No século XVIII estava de há muito extinto; a intenção dessa passagem é assim incerta, sendo talvez — aos ouvidos de Voltaire — uma irônica caracterização de música sinistra e tediosa como sendo “bela”. É o *Miserere* que está sendo cantado assim (cf. capítulo 8).
- 8 *enforcado, embora não fosse o costume*: Os condenados pela Inquisição eram invariavelmente queimados até a morte; Pangloss é enforcado (para que possa ressuscitar quando solicitado a fazê-lo).

- 9 *No mesmo dia a terra tremeu com um estrépito espantoso*: Esse segundo e menor tremor ocorreu na verdade dois meses após o terremoto, em 21 de dezembro de 1755, como Voltaire assinalou em sua correspondência.

CAPÍTULO 7

COMO UMA VELHA CUIDOU DE CÂNDIDO, E COMO ELE REENCONTROU AQUILO DE QUE GOSTAVA

- 1 *que Nossa Senhora de Atocha [...] cuidem de vós*: Uma estátua em Madri, local do culto da virgem grávida: “Essa Senhora é feita de madeira; todo ano ela chora em seu dia santo, e o povo chora também. Certa vez, numa dessas ocasiões, o pregador, ao ver um carpinteiro com os olhos secos, perguntou-lhe como é que ele não conseguia se debulhar em lágrimas quando a Virgem Sagrada chorava. ‘Ah, reverendo padre’, ele respondeu, ‘fui eu quem a recolocou em seu nicho ontem; enfiei três pregos enormes nas costas dela: se fosse mesmo capaz de chorar, ela teria chorado então” (Voltaire, anotação ao *Journal* [Diário] do marquês de Dangeau, 1769). Santo Antônio, o padroeiro de Portugal (não obstante a referência aqui ser a Pádua, na Itália), era o santo a se invocar para ajudar a encontrar coisas perdidas — neste caso, Cunegunda; são Tiago é o santo padroeiro da Espanha.

CAPÍTULO 8

HISTÓRIA DE CUNEGUNDA

- 1 *à antiga ou à nova lei*: A antiga lei é a de Moisés, a nova lei, a de Cristo; a incerteza é quanto a noite em questão pertencer ao sábado (judeu) ou ao domingo (cristão).
- 2 *miserere*: Salmo 50, um dos salmos penitenciais.

CAPÍTULO 9

O QUE ACONTECEU COM CUNEGUNDA, COM CÂNDIDO, COM O GRANDE INQUISIDOR E COM UM JUDEU

- 1 *o cativoiro da Babilônia*: Jerusalém foi tomada em 596 a.C. por Nabucodonosor, rei da Babilônia; o rei judeu e sua corte foram levados em cativoiro para a Babilônia.
- 2 *moidores*: Antiga moeda de ouro portuguesa; os moidores serão substituídos pelas *pistoles* [pistolas] (termo francês para o espanhol *escudo*) nos capítulos 10 e 22.
- 3 *a Santa Irmandade*: Ordem semirreligiosa da Inquisição com poderes de polícia, ativa no século XVIII espanhol.
- 4 *Abaura*: Nome inventado.

CAPÍTULO 10

EM QUE PENÚRIA CÂNDIDO, CUNEGUNDA E A VELHA CHEGAM A CÁDIZ E DE SEU EMBARQUE

- 1 *cada um tem sobre eles igual direito*: Aqui e depois (capítulos 15 e 16), o socialismo utópico de Pangloss arremeda os argumentos do *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de Rousseau, cuja proposição de que todos os homens são iguais no estado de natureza e que as desigualdades sociais são artificiais foi ironizada por Voltaire: “Recebi, senhor, sua nova obra sobre a espécie humana. [...] Nunca se despendeu tanto intelecto para tentar fazer brutos de todos nós. A leitura do seu livro faz a gente querer andar de quatro” (“Carta a Rousseau”, 30 de agosto de 1755).
- 2 *maravedi*: Moeda de cobre espanhola de baixo valor.
- 3 *prior beneditino*: Dizia-se que os beneditinos eram muito ricos.
- 4 *Lucena [...] Chillas [...] Lebrija [...] Cádiz*: Os nomes são reais, mas o itinerário é fantástico. Cádiz era o centro do comércio com a América espanhola. Voltaire investiu pesadamente nesse comércio. Em 1756 colocou parte do seu capital na preparação de um barco para o transporte de tropas espanholas de Cádiz, para sufocar um levante indígena no Paraguai, supostamente apoiado pelos jesuítas (o barco foi batizado *Pascal*, nome de seu inimigo jansenista). Cândido, Cunegunda e a velha embarcam em um navio que pertencia de fato a Voltaire.

- 5 *Santo Sacramento*: O Paraguai do século XVIII ocupava uma área bem maior que hoje, grande parte dela controlada pelas missões jesuítas. Em 1750 o governo espanhol cedeu a cidade de San Sacramento — situada no interior dos assentamentos missionários — a Portugal; os índios se rebelaram contra a perspectiva de passar a viver sob jugo português, e os jesuítas foram considerados responsáveis (no manuscrito de Voltaire, em lugar de “que eram acusados de insuflar”, lia-se: “que insuflaram”). Em 1755, Espanha e Portugal enviaram uma expedição para reprimir o levante, e a atividade guerrilheira continuou ainda por muitos anos; Cândido se torna, por pouco tempo, oficial comandante em uma dessas expedições.
- 6 *outro universo*: “Se tudo está o melhor, como é possível que os seguidores de Leibniz aceitem que um mundo possa ser melhor que outro? Essa concepção de um mundo melhor não é por si só a prova de que tudo não está o melhor?” (Voltaire, carta a Élie Bertrand, 18 de fevereiro de 1756).
- 7 *setenta e dois quartos*: Voltaire escrevera inicialmente “setenta e um”, mas esse número de quartos heráldicos em um brasão de armas era considerado insuficiente na Westfália (capítulo 1, nota 1).

CAPÍTULO 11

HISTÓRIA DA VELHA

- 1 *filha do papa Urbano X e da princesa de Palestrina*: Um papa fictício. Voltaire tinha escrito originalmente “Clemente XII”, um papa verdadeiro e então recente. Segundo Wagnière, secretário de Voltaire, ele pretendia acrescentar a seguinte nota de rodapé, que apareceu apenas nas edições póstumas do *Cândido*: “Reparem na extrema discricção de nosso autor aqui! Até esta data, jamais houve um papa Urbano X. O autor teme atribuir uma filha bastarda a um papa existente. Quanta circunspecção! Quanta delicadeza de consciência!”. Palestrina era um principado italiano, perto de Roma, que produziu um papa chamado... Urbano VIII.
- 2 *Massa-Carrara*: Pequeno ducado italiano na Toscana.
- 3 *Gaeta*: Porto italiano no norte de Nápoles.
- 4 *Salé*: Porto marroquino, próximo a Rabat, conhecido no século XVIII por ser um centro de pirataria voltado às embarcações cristãs. É também de Salé um corsário que ataca no *Robinson Crusoe* (1719) de Daniel Defoe (1660-1731).
- 5 *in articulo mortis*: “Na hora da morte”. Só os padres tinham autorização para conceder a absolvição, mas em seu desespero os soldados perderam todo o senso de proporção e exigem absolvições cristãs de um pirata muçulmano.
- 6 *Cavaleiros de Malta*: Ordem de soldados monges baseada em Malta, cuja missão era defender os peregrinos cristãos contra o infiel.
- 7 *Muley-Ismael*: Imperador do Marrocos, que governou com mão de ferro durante mais de cinquenta anos, cujos filhos (dois, não cinquenta), após sua morte, em 1727, deram início a uma adiada disputa pelo poder.
- 8 *sem que se faltasse [...] ordenadas por Maomé*: Voltaire, como Bayle antes dele, rejeita qualquer conexão entre o protocolo religioso e a conduta ética.
- 9 *O che sciagura d'essere senza coglioni!*: “Oh, que azar não ter colhões”.

CAPÍTULO 12

CONTINUAÇÃO DAS DESGRAÇAS DA VELHA

- 1 *outros vão governar os Estados*: Alusão ao castrado napolitano Farinelli (1705-82), celebrado por sua voz e depois por seu papel como conselheiro dos reis espanhóis Filipe V e Fernando VI. Paul Valéry (1871-1945) chamou a atenção para a frequência dos jesuítas e dos eunucos na sátira do século XVIII — os jesuítas como castigo por terem educado a maior parte desses autores. Mas por que tantos eunucos? “Pergunto-me se há uma razão secreta e profunda para a quase obrigatória presença dessas figuras, tão cruelmente separadas de tantas coisas, e, em certo sentido, cortadas delas mesmas?” (Prefácio às *Cartas persas* (1926), do barão de Montesquieu [1689-1755]).
- 2 *para concluir [...] um tratado [...] outros cristãos*: Referência às negociações entre certos inimigos da França, como Portugal, para se aliarem com o Muley-Ismael ao término da Guerra de Sucessão Espanhola (1701-13). O alvo de Voltaire são os cristãos fornecendo armas para os mouros.

combaterem outros cristãos, e, mais genericamente, os fundamentos econômicos das guerras modernas. Cf. *Le siècle de Louis XIV*, capítulo 18.

- 3 *Ceuta*: Porto africano oposto a Gibraltar.
- 4 *dei daquela província*: A Argélia era uma dependência do sultão de Constantinopla, cujo representante era o dei, ou governador.
- 5 *Ela é muito comum na África*: Epidemias da “morte negra” (a peste bubônica) continuaram a assolar o Mediterrâneo durante o século XVIII, notadamente em Marselha, em 1720, e em Messina, em 1743.
- 6 *janízaros*: Escravos, prisioneiros, ou cristãos capturados que serviam como mercenários da infantaria sob o comando do agá.
- 7 *os russos que a sediavam*: Pedro, o Grande, tomara o porto de Azov dos turcos após prolongado cerco (1695--97), ação que deu à Rússia uma saída para o mar Negro.
- 8 *Paúis Meótidos*: Nome romano para o mar de Azov, um pântano fora da cidade.
- 9 *imame*: Um clérigo muçulmano.
- 10 *Cortai [...] uma nádega [...] e sereis socorridos*: Voltaire tomou conhecimento de referências a comedores de nádegas em uma história sobre os povos celtas publicada em 1741, que, a seu turno, faz menção a São Jerônimo, segundo quem os escoceses, quando rareava a caça, devoravam as nádegas de garotos e os seios de meninas. (Cf. o verbete “Antropófagos”, *Dicionário filosófico*.)
- 11 *boiardo*: Pequena nobreza russa, reprimida e abolida por Pedro, o Grande, em 1698, após a descoberta de uma conspiração (“a insignificante intriga na Corte”, mencionada abaixo). Os líderes foram torturados, sendo quebrados na roda. (Cf. Voltaire, *Histoire de la Russie sous Pierre le Grand* [História da Rússia sob Pedro, o Grande], 1759, caps. 8, 10.)
- 12 *carregar [...] um fardo*: A velha parece estar repetindo o solilóquio de Hamlet sobre o suicídio (“Who would these fardels bear?”, III, 1, 75).
- 13 *três negros, quatro ingleses, quatro genebreses e um professor alemão chamado Robeck*: Negros: alusão à alta taxa de suicídios entre os escravos negros. Ingleses: o inglês era tido no século XVIII como especialmente inclinado à melancolia e ao suicídio. Genebreses: acrescentados à lista na 1761, provavelmente como uma provocação a Rousseau, de quem *A nova Heloísa* (1761), com suas duas cartas sobre o suicídio (nos 21-2), Voltaire lera no ínterim. Robeck: Johann Robeck, sueco, escreveu um tratado defendendo o suicídio, em 1736, antes de seguir seu próprio exemplo e afogar-se no rio Weser, em Bremen, em 1739. O debate sobre o suicídio teve lugar de destaque na filosofia e nas obras do século XVIII, por abordar com agudeza questões de moralidade cristã e contradição humana; Voltaire não fazia objeções doutrinárias ao suicídio, tendo debatido a questão em várias ocasiões.

CAPÍTULO 13

COMO CÂNDIDO FOI OBRIGADO A SEPARAR-SE DA BELA CUNEGUNDA E DA VELHA

- 1 *e embora essa mentira ofícosa [...] aos modernos*: Alusão bíblica inserida na 1761. Abraão e Isaac, tendo menos escrúpulos que Cândido, mendazmente passaram as esposas por irmãs (Gênesis 12,11; 20; 26), este o exemplo favorito na voltairiana e deísta polêmica sobre a moralidade da Bíblia; foi também o tema de um celebrado verbete no *Dictionary* de Bayle (“Sara”), sendo discutido também no *Dicionário filosófico*, de Voltaire.
- 2 *Fostes violada [...] vossas boas graças*: A velha fala com mais franqueza dos sofrimentos de Cunegunda que a própria, na versão de sua história oferecida a Cândido no capítulo 8.
- 3 *um alcaide e alguns aguazis*: Um magistrado e sua escolta.

CAPÍTULO 14

COMO CÂNDIDO E CACAMBO FORAM RECEBIDOS PELOS JESUÍTAS DO PARAGUAI

- 1 *um quarto espanhol*: Isto é, de pai mestiço e mãe índia.

- 2 *Tucumã*: Província no século XVIII; hoje, cidade argentina no sopé dos Andes.
- 3 *seu reino*: Uso deliberadamente incorreto, a sugerir uma autocracia jesuíta; dizia-se, em 1755-56, que os índios haviam coroado Jesus como seu rei. “No que diz respeito ao suposto reino dos jesuítas no Paraguai, digo-vos, tendo toda a Europa como minha testemunha, que nada é mais certo. [...] Sei muito bem, cavalheiros, que eles não possuem o título de rei, e portanto, poderíeis dizer tratar-se de fábula desprezível falar em um reino do Paraguai. Mas mesmo que o deus da Argélia não seja um rei, ele não deixa por isso de ser o senhor daquele país” (carta de Voltaire encaminhada sob pseudônimo ao *Journal encyclopédique*, em 15 de julho de 1762, em resposta a uma resenha do *Cândido* publicada em 15 de março de 1759).
- 4 *Assunção*: Capital do território sob administração dos jesuítas no Paraguai. O Colegio de la Asunción era a sede administrativa dos jesuítas na América do Sul.
- 5 *de Los Padres*: Um não muito afetivo termo espanhol para os padres jesuítas, pelos quais o próprio Voltaire fora educado.
- 6 *léguas*: Uma légua vale aproximadamente 6,6 quilômetros.
- 7 *da razão e da justiça*: Neste capítulo Voltaire se mostra francamente cético quanto ao suposto comunismo introduzido pelos jesuítas no Paraguai, que haviam transformado suas paróquias em vilarejos autônomos. Mas ele preferia o comportamento das missões jesuítas aos “horrores” que acompanharam a conquista do México e do Peru. (Cf. *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, capítulo 154.)
- 8 *espontão*: Um tipo de lança; arma carregada pelos oficiais da infantaria utilizada para transmitir ordens ao regimento. (Na verdade, era contrário à lei canônica que um padre portasse armas ou se alistasse.)
- 9 *três horas*: O texto grafa “três horas”, mas “horas” é ou um exagero ou uma corruptela de “dias”: segundo a carta de Voltaire ao *Journal encyclopédique* de 15 de julho de 1762, “Eles não permitem que nenhum espanhol permaneça em seus territórios por mais de três dias”. Nessa mesma carta (e segundo o *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, capítulo 154) os jesuítas são acusados de proibir os visitantes espanhóis de conversar com os nativos, temendo sua influência negativa sobre a população indígena.
- 10 *beijar as suas esporas*: Variação paródica sobre costume ridicularizado em outros lugares por Voltaire, segundo o qual se demonstraria respeito pelo papa ao beijar a sua mula.
- 11 *ao meu caramanchão*: Não se trata de um casebre rústico, mas de uma residência deslumbrantemente mobiliada. Apesar da blague, a austeridade da vida levada pelos jesuítas era universalmente reconhecida, não menos por Voltaire.
- 12 *vasos de ouro*: No sistema comunitário introduzido pelos jesuítas, o ouro fora banido como moeda, tendo perdido assim seu costumeiro valor; no tendencioso universo da história, ele é transformado em um material reservado para uso exclusivo dos jesuítas.
- 13 *escravos negros*: Os jesuítas eram autorizados a ter escravos negros, assim como todo mundo.

CAPÍTULO 15

COMO CÂNDIDO MATOU O IRMÃO DE SUA QUERIDA CUNEGUNDA

- 1 *violarem a minha irmã*: O barão prefere não mencionar o que Pangloss já havia nos dito: que ele recebeu “exatamente o mesmo tratamento” que sua irmã.
- 2 *padre Croust*: Reitor do colégio jesuíta em Colmar e inimigo dos *philosophes* (grupo de livres-pensadores — escritores, cientistas e filósofos — associados à *Encyclopédie* (1751-72), o grande projeto coletivo do Iluminismo francês de uma enciclopédia ilustrada em vários volumes, que sumaria o estado atual do conhecimento humano no campo das artes e das ciências), Croust tratou Voltaire com hostilidade quando este tentou se estabelecer em Colmar em 1754, após seu retorno da Prússia. Croust é aqui homossexualizado e em outros lugares referido por Voltaire como “o mais brutal membro da sociedade”.
- 3 *coronel e padre*: Para Voltaire, uma conjunção ofensiva; a ordem jesuíta fora fundada sobre os

princípios da disciplina militar, com títulos militares.

- 4 *que os homens são iguais*: Outra referência ao socialismo rousseauiano de Pangloss.

CAPÍTULO 16

O QUE ACONTECE COM OS DOIS VIAJANTES,

COM DUAS MOÇAS, DOIS MACACOS

E OS SELVAGENS CHAMADOS OREILLON

- 1 *jornal de Trévoux*: Um periódico crítico, mas escrupulosamente informativo, publicado pelos jesuítas de Trévoux sob o título *Mémoires pour servir à l'histoire des sciences et des beaux-arts* [Memorial em serviço da história das ciências e das artes]. Circulou de 1701 a 1767, trazendo um ataque constante aos *philosophes* e à *Encyclopédie*. Voltaire contra-atacou a partir de 1759 (cf. “Um relato sobre o mal do jesuíta Berthier”, em *Micromégas and other short fictions*, ed. de Haydn Mason, Londres, 2002).
- 2 *eles são quartos humanos [...] quarto espanhol*: O *Discurso sobre as origens da desigualdade* de Rousseau, com sua ênfase na proximidade dos grandes macacos ao homem, pode ter sido o ponto de partida satírico para este capítulo, apesar de a ideia de os macacos serem próximos aos homens — ou de que talvez fossem humanos — ser então corriqueira.
- 3 *egipãs*: Uma das formas de Pã, com os pés de bode e corpo hirsuto.
- 4 *fábulas*: Uma obra bem difundida, *La mythologie et les fables* (1740), do abade Antoine Banier, argumentava que os seres mitológicos, como os sátiros e os faunos, eram de enormes chimpanzés, refratados pelo imaginário dos antigos. A visão de Voltaire — corroborada por vários naturalistas e filósofos do século XVIII — era que tais criaturas eram híbridos produzidos pelo cruzamento de homens e outras espécies, noção que punha em dúvida a distinção metafísica radical entre o homem (beneficiário da salvação) e o restante da criação.
- 5 *os oreillon*: Ou *orejones*; segundo a *Historia general del Perú* (1704), de Garcilaso de la Veja, trata-se do nome de uma tribo indígena do alto Amazonas, com grandes orelhas (*oreilles*), devido aos pesados brincos que usavam.
- 6 *cordas de cascas de árvore*: Passagem inegavelmente inspirada pelo conhecimento das táticas liliputianas. Em sua estada na Inglaterra, Voltaire lera com grande deleite as *Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift (1667-1745).
- 7 *Comemos jesuíta!*: Poucas semanas após a publicação do *Cândido*, a expressão “Mangeons du Jésuite!” tornou-se proverbial entre um público cada vez mais hostil aos jesuítas; a ordem seria expulsa da França em 1764.
- 8 *pura natureza*: A doutrina rousseauiana segundo a qual os homens em um estado natural são livres do mal é atacada por todo o *Cândido*. Voltaire não fora convencido das supostas vantagens da vida primitiva sobre a sociedade civil: “Boas casas, boas roupas, um bom padrão de vida, com boas leis e liberdade são melhores que penúria, anarquia e escravidão. Aos que estejam infelizes em Londres, que se dirijam às Orkneys; lá poderão viver como era costume viver-se na Londres dos tempos de César; comerão pão de aveia e cortarão as gargantas uns dos outros por um peixe defumado e uma casa de palha. Os que assim aconselham devem firmar o exemplo” (“The ABC: Seventh conversation: That modern Europe is better than ancient Europe”, in *Voltaire's political writings*, ed. de David Williams, Cambridge, 1994, p. 131).
- 9 *se [nós, europeus] não nos servimos [...] corvos e aos gaviões*: A defesa do primitivo na comparação com os costumes “civilizados” remonta ao ensaio “Sobre os canibais”, de Michel de Montaigne (1533-92), em seu *Ensaio* (1580-88), livro I, ensaio 31. A eloquência de Cacambo aqui bebe no verbete “Antropófagos”, de Voltaire, no *Dicionário filosófico*, que afirma que comer seu inimigo não é pior do que matá-lo, para começar. (Cf. também a discussão do canibalismo no *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, capítulo 146.)
- 10 *o inimigo de vossos inimigos*: Uma peça de sofística da parte de Cacambo; nada até então sugere que os Orelhinhas ou *Oreillons* sejam inimigos dos jesuítas (que no Paraguai levantaram as vozes em

defesa dos povos indígenas contra os saques do colonialismo) — eles foram apenas vingar o assassinato dos dois macacos por Cândido.

CAPÍTULO 17

CHEGADA DE CÂNDIDO E DE SEU CRIADO AO PAÍS DO ELDORADO E O QUE ELES AÍ VIRAM

- 1 *Eldorado*: A partir do século xv, os conquistadores espanhóis especulavam sobre uma região com ouro e pedras preciosas em abundância, para a qual se pensava que os últimos incas haviam recuado. Foram feitas várias tentativas para descobrir essa terra fabulosa, mas literal, entre o Orinoco e o Amazonas. Já no século xviii ela havia se tornado amplamente um sinônimo de utopia. A principal fonte de Voltaire para a ambientação do episódio do Eldorado foi a *História dos incas*, de Garcilaso de la Vega. Voltaire zombava amiúde da obstinação com que os viajantes espanhóis buscavam essa terra imaginária; sua síntese dos relatos sobre o Eldorado está no *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, capítulo 151.
- 2 *Caïena*: Capital da Guiana Francesa, a uma distância considerável do Paraguai.
- 3 *por toda parte o útil era agradável*: Horácio (65-8 a.C.): “*omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*” (“aquele que conseguiu unir o útil ao agradável conquistou todos os votos”), *Ars Poetica* (*The art of poetry*, II, pp. 343-4). Cf. também o jardim de Julie na *Nova Heloísa* de Rousseau, livro 4, carta 11.
- 4 *grandes carneiros vermelhos*: Lhamas: ruminante sul-americano, parente do camelo; por vezes descritos por viajantes como sendo da cor vermelha, eram utilizados como animais de carga e destacavam-se por sua velocidade.
- 5 *desprezar o ouro e as pedrarias*: Desprezo pelo ouro era parte do regime na *Utopia* (1517) de sir Thomas More (1478-1535).
- 6 *se falava peruano [...] onde só se conhecia essa língua*: Não há idioma peruano como esse; ou a piada é sobre Cacambo como um autodeclarado linguista, ou Voltaire está pensando nas linguagens perdidas dos incas.
- 7 *Todas as hospedarias [...] são pagas pelo governo*: Antes da conquista espanhola, segundo Garcilaso, hospedarias gratuitas “com um bom estoque de provisões” eram mantidas pelo governo inca em benefício dos trabalhadores.

CAPÍTULO 18

O QUE ELES VIRAM NO PAÍS DE ELDORADO

- 1 *destruídos pelos espanhóis*: “Conta-se que a família dos incas recuou para aquele vasto país cujas fronteiras se estendiam até o Peru, onde a maioria dos peruanos escapara à avareza e à crueldade dos cristãos do Velho Mundo, que ali viviam próximos a um lago cujas areias eram feitas de ouro e onde havia uma cidade cujos telhados eram banhados de ouro; os espanhóis chamavam a essa cidade El Dorado”. (*Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, capítulo 151, composto ao mesmo tempo que *Cândido*.)
- 2 *consentimento da nação*: Esse detalhamento foi considerado uma sugestão de que, à diferença da maioria das utopias, Eldorado é governado por uma monarquia constitucional (cf. J. H. Brumfitt, *Candide*, Londres, 1968, p. 178); em outra parte do capítulo fica também esclarecido que Eldorado é uma utopia repleta de servos.
- 3 *Raleigh*: Alusão à exploração da Guiana por sir Walter Raleigh (1554-1618), que para ali foi enviado pela rainha Elizabeth. Voltaire conhecia o relato de sir Raleigh sobre o Eldorado, que este localizou próximo da Guiana, em seu *The discovery of Guiana* (1591).
- 4 *da noite até o amanhecer*: O deísmo que caracteriza os crentes no Eldorado, além de ser uma convicção do próprio Voltaire, é baseado nos relatos de Garcilaso e nos romances utópicos inspirados pela obra deste. A curiosa expressão “da noite até o amanhecer”, contudo, é sugestiva de alguma ironia cifrada.
- 5 *nem dois, nem três, nem quatro [deuses]*: Uma afirmação da aversão racional de Voltaire à doutrina cristã da Trindade. Por contraste, a confiança deísta em um desígnio providencial alimenta toda a passagem: existe um único Deus todo-poderoso e todo-virtuoso, criador do universo, que governa

por inalteráveis leis universais; que não pune nem recompensa, mas concede ao homem a razão com a qual apreender a lei moral. Este capítulo se alimenta também da admiração de Voltaire pelos hábitos dos quakers da Pensilvânia (cf. *Lettres anglaises ou philosophiques*, 1734, caps. 1 e 4). Como deísta, Voltaire acreditava que a existência de um ser supremo podia ser inferida pela razão natural a partir das evidências do desígnio no mundo.

- 6 *lambia a poeira da sala*: Antes de ser admitido a uma audiência na corte de Luggnag, Gulliver devia primeiro “varrer o chão com a própria língua”.
- 7 *grandes praças*: Os incas eram conhecidos por seus feitos de engenharia e exuberantes obras públicas.
- 8 *o Palácio da Justiça, o Parlamento*: No tempo de Voltaire havia dezenas de *parlements* na França, o principal deles em Paris. Além de combinar as funções da Corte Suprema e do Tribunal de Apelações, os *parlements* arrogavam-se o direito de participar da legislação registrando os editos reais e representando contra aqueles que desaprovava. Voltaire considerava que essas alegações não tinham validade legal e eram politicamente reacionárias, o que o levou a apoiar o partido real durante toda a sua carreira; sua versão do Eldorado tem assim um iluminado monarca constitucional cujos poderes não foram minados pelo Judiciário.
- 9 *é uma tirania [...] nossos costumes [...] nossas leis*: Alusão à “tirania” de Frederico II, que em 1753 havia tentado inutilmente impedir Voltaire de deixar a Prússia.
- 10 *vinde milhões de libras esterlinas, moeda do país*: A moeda do Eldorado é a libra esterlina inglesa, ou, mais provavelmente, uma moeda cujo lastro — à semelhança da libra esterlina — é a prata pura em vez do (valioso) ouro.

CAPÍTULO 19

O QUE LHES ACONTECEU NO SURINAME, E COMO CÂNDIDO CONHECEU MARTINHO

- 1 *Suriname*: Cândido e Cacambo dirigiam-se para a Caiena, capital da Guiana Francesa, mas acabaram no Suriname, uma colônia holandesa vizinha.
- 2 *em holandês*: Como não podia deixar de ser em um herói picaresco, Cândido é poliglota. Sua língua materna é o alemão; possivelmente, ele aprendeu seu holandês na residência do anabatista; ele conversa naturalmente com a velha (em português, ou talvez italiano), com o governador de Buenos Aires (em espanhol), com os parisienses, com o inglês, com os venezianos — e chega mesmo a entender o capitão levantino e o dervixe turco. Tropeça apenas nas línguas nativas dos oreillons e dos eldoradinos, mas aí Cacambo está por perto para socorrê-lo. (Cf. *Candide*, ed. de René Pomeau, Oxford, 1980, p. 195.)
- 3 *É a esse preço que vós comeis açúcar na Europa*: O tratamento desumano dos escravos levados das colônias europeias para as Américas (em quantidades que excediam os 100 mil por ano na metade do século XVIII) foi condenado por Montesquieu em *O espírito das leis* (1748, livro 15, capítulo 5), assim como por Claude Adrien Helvétius (1715-71). Voltaire, um grande consumidor de açúcar, abalou-se particularmente com uma nota de rodapé do segundo, em seu *De l'esprit* (1758), que leu quando de sua publicação, no outono de 1758, denunciando a conexão entre o escravismo e o açúcar: “É de conhecimento geral que não há um só barril de açúcar que chegue à Europa sem estar manchado com sangue humano”. Voltaire parece ter interpolado o episódio do escravo surinamês (no segundo e terceiro parágrafos deste capítulo) posteriormente, após a leitura de Helvétius, já que o episódio não aparece no manuscrito. Os detalhes referentes a roupas e amputações são adaptações do *code noir* para escravos, um edito de Luís XIV (resumido na *Encyclopédie*, no verbete “Escravidão”).
- 4 *escudos patagões*: moedas de prata espanholas e holandesas.
- 5 *fetiches holandeses*: A palavra “fetiche” é de origem portuguesa, designando um objeto sagrado cultuado por povos primitivos; empregada aqui para se referir aos pastores protestantes holandeses, tidos como feiticeiros ou curandeiros.
- 6 *renuncie ao teu otimismo [...] O que é otimismo?*: São estas as únicas ocorrências da palavra no texto do *Cândido*.

- 7 *um país livre*: Cândido pensa aqui na reputação de Veneza quanto ao prazer. Até as campanhas de Napoleão contra a Áustria em 1797, Veneza era uma república livre e independente, porém com um governo aristocrático que se notabilizou por tolerar as liberdades política e de pensamento.
- 8 *sr. Vanderdendur [...] veio apresentar-se*: O trecho a seguir alude às rugas de Voltaire com o editor holandês Van Duren, que não parava de solicitar uma quantia maior do que a contratada para a publicação do *Anti-Machiavel*, tratado de Frederico II que Voltaire tinha supervisionado.
- 9 *piastras*: Moeda de prata espanhola.
- 10 *livreiros de Amsterdã [...] ficar mais desgostoso*: Amsterdã era um grande centro europeu para o comércio livreiro. Autores migravam para lá de todos os pontos do globo, com frequência refugiados ou fugitivos, e escreviam sob a encomenda de — na opinião deles — editores exploradores (também conhecidos como “livreiros” ou “impressores”), opinião compartilhada por Voltaire, que tinha atritos perenes com editores, dado que a pirataria floresce em épocas de censura e porque a lei de direitos autorais ainda estava por ser estabelecida.
- 11 *pregadores [que] o tomavam por um sociniano*: Como os mercadores e os livreiros, os pregadores (a saber, os pastores protestantes) eram esteios da sociedade holandesa, gozando de status oficial e considerável influência. Os socinianos formavam uma seita que propunha uma forma de cristianismo “racional”, exaltando a consciência individual e minimizando ou negando mistérios como a divindade de Cristo, a Trindade, o pecado original, a pessoa do diabo e a eternidade do inferno. Eram tidos como totalmente heréticos em muitos países europeus durante o século XVIII, mesmo por aqueles protestantes com uma ligação bem mais próxima aos *philosophes*. Voltaire atacou seu otimismo incorrigível, mas aprovou sua racionalidade; seu sábio empobrecido é remanescente de Pierre Bayle, prolongando seu exílio em Roterdã, caçando editores e sob suspeita por suas crenças religiosas.

CAPÍTULO 20

O QUE ACONTECEU NO MAR A CÂNDIDO

E A MARTINHO

- 1 *o mal moral e o mal físico*: Questões filosóficas de grande circulação no rescaldo do terremoto de Lisboa, e não apenas por Rousseau, que discute a origem do mal em sua *Lettre sur la providence* [Carta sobre a providência], 1756, e professava uma versão modificada do providencialismo cristão em resposta ao poema de Voltaire sobre o desastre.
- 2 *maniqueu*: O verbete de Bayle simpático aos “maniqueus” em seu *Dicionário* reavivara o interesse por essa heresia do século III, segundo a qual o mundo criado era a obra de duas igualmente poderosas deidades ou princípios, que deviam estar em equilíbrio: Deus governa apenas metade do universo e é incapaz de controlar as operações do diabo, que governa a outra metade. Os maniqueus lidavam com o problema do mal afirmando que este não tinha tido uma origem propriamente dita, mas que estava presente na constituição mesma do universo. Absolviam assim Deus da responsabilidade, mas ao custo de reduzir sua onipotência. O fascínio de Voltaire pelo dualismo maniqueísta era temperado por sua crença em que um eterno conflito entre bem e mal levaria somente ao caos, em lugar da autoevidente harmonia newtoniana que vemos à nossa volta (*Dicionário filosófico*, verbete “Bien (Tout est)”).
- 3 *glóbulo*: O termo havia sido empregado pelo filósofo e físico Blaise Pascal (1623-62) em referência a uma “partícula de matéria”. Voltaire foi, porém, o primeiro a empregá-lo como um não muito afetivo diminutivo para o globo terrestre.
- 4 *assassinos arregimentados*: No século XVIII os mercenários estavam na folha de pagamentos de todos os exércitos europeus, e foram apresentados com destaque na crítica de Voltaire à guerra como assassinato organizado; o número “milhão” estaria razoavelmente próximo do efetivo total mobilizado pelos exércitos europeus para a Guerra dos Sete Anos de 1758.

CAPÍTULO 21

CÂNDIDO E MARTINHO APROXIMAM-SE DA COSTA

DA FRANÇA E ARRAZOAM

- 1 *dizer bobagens*: O caráter frívolo da personalidade francesa era proverbial no século XVIII.

- 2 *Mas, senhor Martinho, vistes Paris?*: “Voltaire era um parisiense de coração, e o grande drama de sua vida foi ter sido obrigado, de 1750 em diante, a viver fora da capital. Daí o rancor expressado nessas páginas: Cândido somente irá encontrar a felicidade em uma vida à margem, uma vida na *periferia*” (Frédéric Deloffre e Jacques van den Heuvel (orgs.), *Voltaire romans et contes*, Paris, 1979, p. 875). O capítulo parisiense é o mais extenso do *Cândido*, além de o mais densamente trabalhado e retrabalhado.
- 3 *feira de Saint-Germain*: A mais célebre feira parisiense, que se dá anualmente entre fevereiro e abril, sendo frequentada por muitos visitantes estrangeiros.
- 4 *canalha convulsionária*: Em sua visita a Paris, Martinho tinha visto apenas um rol de questionáveis tipos humanos; as portas da boa sociedade não estavam abertas para ele. Como de costume, Voltaire expõe suas opiniões sobre jornalistas, acadêmicos, sectários e jansenistas. Estes são caricaturizados com a recordação de um episódio (1729-32) em que seus zelotes caíam em “convulsões” ou transes milagrosos diante da tumba de um dos seus diáconos em Paris, no cemitério de Saint-Médard. Eram tamanhas as multidões, e tão violento seu entusiasmo, que em 1732 as autoridades fecharam o cemitério. Voltaire ficou profundamente afetado por esse espetáculo, o qual permaneceu como um dos seus mais destacados exemplos do fanatismo religioso. A “súcia alvoroçada” aparece no palco na versão manuscrita da abertura do capítulo 22, mas é banida para as coxias nas versões posteriores do capítulo.
- 5 *este grosso livro que pertence ao capitão do barco*: Possivelmente a Bíblia; mais provavelmente alguma história recente da navegação, a *Histoire des navigations* (1756), de Charles de Brosses (1709-77), que acompanhou o naturalista Buffon ao explicar a presença de fósseis marinhos nos topos das montanhas como a evidência de um dilúvio primevo. Voltaire não se cansava de ridicularizar essa teoria das origens, que mantinha tão incômoda semelhança com o dilúvio bíblico.
- 6 *por que quereis que os homens tenham mudado a deles?*: Voltaire ataca a ideia primitivista (seja a doutrina cristã da queda, seja a concepção clássica de uma Era de Ouro) de que o homem era inicialmente bom e, tendo sido corrompido pela liberdade, degenerou desde então para o estado de mal em que agora parece existir. Voltaire sempre insistiu que o caráter essencial dos seres humanos persistia inalterado, independente de suas histórias e culturas.

CAPÍTULO 22

O QUE ACONTECEU NA FRANÇA A CÂNDIDO

E A MARTINHO

- 1 *A mais B, menos C, dividido por Z*: O alvo de Voltaire são as academias que haviam se espalhado pelas províncias francesas, com seu entusiasmo pelo debate estéril (na verdade, ele tinha sido um membro associado da Academia de Bordeaux desde 1746). O “sábio do Norte” é provavelmente o filósofo e matemático Pierre-Louis Moreau de Maupertuis (1698-1759), diretor da Academia de Berlim, cujo *Essai de cosmologie* (1756) afirmava representar as leis da criação por uma fórmula matemática, e a quem Voltaire acusou de tentar provar a existência de Deus por meio da álgebra.
- 2 *subúrbio de Saint-Marceau*: Durante o século XVIII, a principal porta de entrada ao sul para Paris, um distrito empobrecido, “cuja rusticidade repugnante ofende a visão”, como ressaltou Voltaire em outro lugar. Rousseau descreveu em termos semelhantes sua primeira visita a Paris via esse subúrbio.
- 3 *uma nota promissória*: Referência aos notórios *billets de confession*, introduzidos em 1750, segundo os quais o moribundo devia apresentar uma prova de confissão assinada por um padre que tivesse aceitado formalmente a bula papal *Unigenitus* (1713), que condenava o jansenismo como heresia. Os sem-*billet* não podiam receber a absolvição ou receber a extrema-unção ou ser enterrados em solo consagrado — o que Voltaire considerava detestável: “Nem retornarei a Berlim para sofrer sob os cruéis caprichos de um rei e nem a Paris para me submeter a seus *billets de confession*” (carta à duquesa de Saxe-Gotha, 25 de março de 1755).
- 4 *um abadezinho do Périgord*: Um abade era um jovem de boa família que, sem ser de fato um clérigo, vestia um hábito clerical em troca de um pouco de estudo teológico, na esperança de

- adquirir uma formação e um benefício. O povo de Périgord, em particular, era objeto de zombaria por seus desejos de ascensão social e pela sua falta de dinheiro.
- 5 *a cena é na Árabia*: A peça aqui mencionada — e esnobada — é uma tragédia do próprio Voltaire, *L'orphelin de la Chine* [O órfão da China], de 1755.
 - 6 *ideias inatas*: No manuscrito, essa referência à doutrina cartesiana das ideias inatas era precedida da sentença: “Ele é um dos que apreciam Locke”. Voltaire, o autor da peça em questão, tinha de fato apreço por John Locke (1632-1704), que afirmava que as ideias eram produzidas pelas experiências sensoriais, não possuindo existência anterior a toda experiência sensorial (cf. Voltaire, *Lettres philosophiques*, capítulo 13).
 - 7 *vinte brochuras contra ele*: Começa aqui a longa passagem intercalada por Voltaire na 1761.
 - 8 *tragédia bastante insossa*: *Le comte d'Essex* (1678), de Thomas Corneille (1625-1709).
 - 9 *como se tratavam na França as rainhas da Inglaterra*: A visão apaixonada de Cândido do teatro o leva a confundir rainhas do palco com rainhas históricas.
 - 10 *na esquina da rue de Bourgogne*: Adrienne Lecouvreur (1692-1730), famosa atriz e amiga próxima de Voltaire, morreu subitamente em 1730 e foi enterrada sem permissão, à noite, em solo não consagrado, não lhe sendo concedido um enterro cristão. Atores eram automaticamente excomungados na França, com os ritos finais lhes sendo negados, a não ser que tivessem se arrependido previamente. Voltaire sempre combateu essa regra, e quando a polêmica sobre a excomunhão dos atores foi renovada em 1760, ele intercalou essa passagem no capítulo parisiense.
 - 11 *um Fréron*: Elie-Catherine Fréron (1718-76), célebre jornalista, opositor tenaz e talentoso dos *philosophes*, inimigo pessoal de Voltaire e incansável crítico de suas tragédias. Foi o autor da resenha do *Cândido* para o *Année littéraire* quando de sua primeira publicação anônima, em 1759, rejeitando a possibilidade de que pudesse ter sido escrito por Voltaire.
 - 12 *senhorita Clairon*: Atriz que vinha de uma temporada bem-sucedida do *Tancredi* (1760) de Voltaire. Aparece no *Cândido* apenas a partir da 1761.
 13. *Faubourg Saint-Honoré*: Distrito rico da cidade.
 14. *faraó*: Jogo semelhante ao bazar, com jogadores competindo contra a banca. Voltaire não jogava cartas, mas em meados dos anos 1740 costumava acompanhar sua amante, a sra. du Châtelet, a casas de jogo aristocráticas.
 15. *marquesa de Parolignac*: No faraó, *parole* é o termo usado para indicar uma aposta alta; o sufixo -*ignac* indica uma origem perigordiana (à semelhança do Rastignac de Balzac); a anfitriã podia ser tanto uma compatriota como uma cúmplice do abadezinho.
 16. *Gauchat, doutor em teologia*: O abade Gauchat tinha participado das campanhas contra os *philosophes*, tendo denunciado Helvétius como um “animal ímpio” e continuamente “refutado” Voltaire no curso da publicação de suas *Lettres critiques, ou Réfutation d'écrits modernes contre la religion*, em doze volumes, 1753-63.
 17. *arcediogo T[roublet]*: O arcediogo Trublet era outro inimigo dos *philosophes*; além disso, tinha acusado *La Henriade* (1728), o poema épico de Voltaire, de ser tedioso.
 18. *sem que jamais a rima custe o sentido*: O parágrafo como um todo é uma defesa das ideias de Voltaire sobre o teatro, em resposta às críticas ao *Tancredi*.
 19. *diálogos bem escritos e bem rimados*: Como os de Jean Racine (1639-99).
 20. *amplificações que enfadaram*: Como os de Pierre Corneille (1606-84).
 21. *máximas falsas, lugares-comuns empolados*: Tais como os de Prosper Jolyot, sr. de Crébillon (1674-1762).
 22. *jansenistas contra molinistas, parlamentares contra eclesiásticos*: Os jansenistas eram um partido de estrita reforma religiosa, que acreditavam na predestinação e na austeridade moral. Os molinistas eram jesuítas, assim chamados em homenagem a Luis Molina, um jesuíta do século xvi que teve seus pontos de vista sobre a liberdade e a vontade adotados pela ordem. A controvérsia referida aqui, entre os jesuítas e os jansenistas, dizia respeito à relativa importância concedida ao livre-

arbitrio no esquema da salvação humana. O jansenismo estava em conflito direto, e amargo, com a mais relaxada teologia dos jesuítas, e era sempre minoritário. Por vezes aceito, por vezes perseguido, o jansenismo foi finalmente condenado pela bula papal *Unigenitus*, embora tenha continuado a se manter ativo depois disso. Os *parlements*, ou Judiciário, compostos da reduzida aristocracia antipapista, eram jansenistas em suspenso que assumiram posições na controvérsia religiosa que durou todo o século, normalmente contra a Igreja e em favor de enfraquecer os laços entre o catolicismo francês e Roma.

23. *vossas sombras são manchas horríveis*: Nos seus *Ensaio sobre a Teodiceia*, Leibniz justificou a existência dos “defeitos aparentes” no tecido deste mundo, sob os argumentos de que essas “manchas” destacam a beleza do todo e buscam um bem maior.
24. *Depois do jantar [...] os dedos da marquesa*: O episódio da visita de Cândido à marquesa de Parolignac, acrescentado na 1761, é uma versão paródica da visita de Saint-Preux ao bordel na *Nova Heloísa* de Rousseau.
25. *em tudo que queria fazer*: A passagem que Voltaire encaixou em 1761 termina aqui. Pré-1761, a transição se dava do seguinte modo. Após o discurso do “arrazoador” (acima, p. 93), terminando com “lhe indicarei amanhã vinte brochuras contra ele”, o texto continua:

“Senhor”, disse o abade, “vês aquela jovem criatura ali adiante, sedutora e de traços delicados? Ela lhe custaria apenas dez mil francos por mês, e por 50 mil escudos de diamantes o senhor poderia...” [...] “Disponho apenas de um ou dois dias para gastar com ela”, respondeu Cândido, “pois tenho um encontro inadiável em Veneza.” Na noite seguinte, após o jantar, o ardiloso perigordiano ficou ainda mais ardiloso e insistente...
26. *explicou do que se tratava*: O padre estava falando com cautela sobre regicidas. Robert François Damiens (natural de Arras, 1715-57) tentou esfaquear Luís xv até a morte no palácio de Versalhes, em janeiro de 1757; François Ravaillac assassinou Henrique IV em maio de 1760, que antes, em dezembro de 1594, já sofrera um atentado contra sua vida. Voltaire enfatiza o elemento de fanatismo religioso comum aos três ataques, e, no caso de Henrique IV, a convicção de que era justo matar um rei que havia sido excomungado pelo papa.
27. *macacos provocam tigres?*: “Macacos” tratando-se aqui dos padres que incitam assassinos como Damiens e Ravaillac.

CAPÍTULO 23

CÂNDIDO E MARTINHO VÃO PARA A COSTA DA INGLATERRA; O QUE ELES VEEM ALI

1. *as duas nações [...] mais do que vale todo o Canadá*: A disputa colonial estava no seu ápice durante a Guerra dos Sete Anos. O conflito girava em torno de uma má definida região fronteira entre as colônias francesas e britânicas, e a quem caberia controlar o acesso ao Canadá (que terminaria por ficar com a Inglaterra em 1763); o interesse de Voltaire aqui está mais voltado ao que considera como a devastação prodigiosa resultante de uma prolongadíssima guerra de exaustão motivada por “uns poucos acres de neve”, que, com suas consequências, custaram à França suas províncias americanas. O bastante citado “uns poucos acres de neve” era na verdade uma região fértil; ele partilhava a indiferença geral quanto às colônias típica da França do século XVIII.
2. *uma multidão [...] se retirou extremamente satisfeita*: O almirante John Byng era o comandante da esquadra britânica na ocasião de sua derrota pelos franceses fora do litoral de Minorca, em 1756. Ele foi levado à corte marcial, acusado de não se engajar suficientemente nos combates com o inimigo, sendo executado por um pelotão de fuzilamento no seu próprio tombadilho, no cais de Portsmouth, em 14 de março de 1757, para dar uma satisfação à opinião pública e aos comerciantes londrinos. Voltaire, que conhecera Byng no tempo em que morou na Inglaterra, inflamado por essa injustiça, tentou interceder por ele.
3. *para encorajar os outros*: “Pour encourager les autres”, a segunda mais famosa e mais citada frase do *Cândido*, que adquiriu vida própria.

CAPÍTULO 24

DE PAQUETTE E DO IRMÃO GIROFLÉE

- 1 *teatino*: Ordem regular fundada em 1524, dedicada à reforma de padrões comportamentais eclesiásticos, a despeito do irmão Giroflée. Infelizmente para sua reputação no *Cândido*, um de seus membros era inimigo de Voltaire.
- 2 *um padre franciscano, que era meu confessor*: Presumivelmente o mesmo franciscano sifilítico visto no capítulo 4. “Confessor” implica que a religião praticada no castelo de Thunder-ten-tronckh seria o catolicismo (e o episódio dos “*billets de confession*” no capítulo 22 só faz sentido se Cândido for considerado um católico).
- 3 *monturo*: Onde os restos mortais das prostitutas e das atrizes eram jogados, pois não podiam ser enterrados em solo consagrado.
- 4 *fazer-me turco*: Isto é, converter-se ao islamismo.
- 5 *doge*: O líder constitucional do Estado veneziano.
- 6 *senador Pococuranté*: O Senado veneziano era todo-poderoso, seus membros sendo recrutados entre umas poucas famílias aristocráticas. “Pococuranté” significa “alguém que não dá a mínima”. Voltaire reconheceu, em carta ao amigo Thieriot, em 1759, que ele tinha algo em comum com essa figura: a mesma idade, riqueza, independência, gostos luxuriantes e uma tendência para julgar escritores e artistas com a máxima severidade.
- 7 *Brenta*: Rio que nasce em Pádua e desemboca no lago veneziano.

CAPÍTULO 25

VISITA AO SR. POCOCURANTÉ, NOBRE VENEZIANO

- 1 *imitação verdadeira da natureza*: As avaliações estéticas sobre pintura, música e literatura feitas por Pococuranté neste capítulo são em sua maioria versões das opiniões do próprio Voltaire, filtradas pela sensibilidade exagerada de um desiludido aristocrata veneziano.
- 2 *um concerto*: Possivelmente uma peça para solista e orquestra (o “concerto” estava evoluindo para o seu significado moderno nessa época); mais semelhante a um conjunto instrumental para um grupo de músicos.
- 3 *Talvez eu gostasse mais de ópera [...] concordou inteiramente com o senador*: A passagem alude a uma controvérsia musical do século XVIII entre duas escolas de música, manifestamente a francesa e a italiana: a primeira como exploradora das harmonias complexas e da polifonia (de que é exemplo Jean Philippe Rameau, 1683-1764), a segunda como cultora da linha melódica e dos refinamentos do *bel canto*. Pococuranté aparentemente rejeita as duas, a primeira por seu academicismo, a segunda por sua adição ao virtuosismo e às combinações não naturais ou “híbridas” de recital e ária.
- 4 *Tasso [...] Ariosto*: Ludovico Ariosto (1474-1533) e Torquato Tasso (1544-95), dois poetas épicos italianos que eram muito lidos na França durante o século XVIII; Voltaire preferia Ariosto a Homero; os juízos de Pococuranté sobre Homero, Virgílio, Tasso e Ariosto são tirados quase literalmente do *Essai sur la poésie épique* (1733), de Voltaire.
- 5 *Horácio*: A passagem a seguir alude a vários poemas de Horácio (*Sátiras* 1.5, 1.7 e 11.8, em que o personagem tem o nome de Rupilius, não “Pupilius”; *Epodos* V, VII, XII; *Odes* 1.1), que era bem lido e admirado por toda a Europa no século XVIII.
- 6 *Cícero*: Cícero (146-43 a.C.) era de fato o autor clássico predileto de Voltaire, que escreveu uma peça sobre ele, citou-o sem cessar, e considerou o *De divinatione* [Da adivinhação] e o *De officiis* [Dos deveres] os melhores livros da Antiguidade.
- 7 *arte de fazer alfinetes*: Possivelmente a derradeira afirmação irônica no capítulo: a metalurgia conhecia uma rápida evolução nesse período, e Voltaire era um grande admirador das invenções práticas.
- 8 *Sêneca*: (? a.C.-65 d.C.), filósofo estoico romano, dramaturgo e político. No Iluminismo era lugar-comum comparar-se desfavoravelmente o cristianismo com o estoicismo.
- 9 *um republicano*: Veneza era uma república, porém com um eficiente sistema de censura, enquanto para Voltaire os ingleses desfrutavam de uma liberdade de pensamento e expressão quase única na

Europa. “Pascal está apenas se divertindo à custa dos jesuítas; Swift nos entretém e educa à custa da raça humana! Como admiro o destemor inglês! Como admiro os que dizem o que pensam! Pessoas que pensam apenas pela metade estão apenas meio vivas.” (Cartas D5704 — *Correspondence*, ed. de Theodore Besterman, Paris, 1977-90).

- 10 *um jacobino*: Ou seja, um monge dominicano. Os dominicanos tiveram papel destacado na Inquisição.
- 11 *o bárbaro que faz [...] versos duros*: A referência é ao *Paraíso perdido*, de John Milton (1608-74), publicado primeiramente em dez livros em 1667 (depois em doze livros), do qual Voltaire tinha uma opinião consistentemente severa, e contra o qual Pococurante é severo ao ponto da caricatura.
- 12 *e sua longa descrição de um hospital só é boa para um coveiro*: Uma interpolação acrescentada na 1761.
- 13 *dizia Cândido entre os dentes [...] nada pode lhe agradar*: Uma interpolação que aparece em certas edições de 1759, e em todas as edições da 1761.
- 14 *Platão disse [...] não são os que rejeitam os alimentos*: Um resumo da *República* (475 a.C.) de Platão.

CAPÍTULO 26

DE UM JANTAR QUE CÂNDIDO E MARTINHO FIZERAM COM SEIS ESTRANGEIROS E QUEM ERAM ELES

- 1 *o barco está pronto*: A viagem entre Veneza e Pádua era pela água.
- 2 *por que sois todos reis?*: Os seis governantes depostos são, respectivamente: Ahmed III, que governou a Turquia de 1703 a 1730, sendo apeado do poder por uma revolta; Ivan VI (1740-64), da Rússia, que foi deposto ainda infante pela filha de Pedro, o Grande, Elizabeth, passou o resto dos seus dias na prisão e terminou sendo estrangulado por ordem de Catarina, a Grande, anos depois da composição do *Cândido*; Carlos Eduardo, o jovem aspirante (1720-88), neto do deposto rei James II, da casa Stuart; Augustus III, rei da Polônia e eleitor da Saxônia (1696-1763), que perdeu a Saxônia para Frederico II em 1756; Stanislaus I (1677-1766), rei da Polônia de 1704 a 1709, cuja filha desposou Luís XV em 1726 (quando da morte de Augustus II, em 1733, ele recuperou o trono por um curto período, perdendo-o porém para Augustus III no ano seguinte; recebeu como compensação o ducado de Lorraine, e foi por diversas ocasiões o anfitrião de Voltaire na sua corte em Lunéville, sendo que na última delas, a sra. Du Châtelet, que acompanhava Voltaire e havia sido sua amante, morreu ali, em 1749; Teodoro, barão von Heuhoﬀ (1670-1756), um aventureiro que ajudou os corsos em sua revolta contra seus mestres genoveses, foi proclamado rei da Córsega em várias ocasiões e posteriormente aprisionado por dívidas com a Inglaterra, onde morreu. Ressalte-se ainda que, embora fosse impossível que esses reis tivessem um dia se reunido, cinco deles poderiam tê-lo feito sem incorrer em anacronismo.
- 3 *sarmatas*: Ao pé da letra, um habitante da antiga Sarmácia, região ao norte do mar Negro; a palavra, contudo, era frequentemente empregada, como aqui, para identificar a Polônia e seus habitantes.
- 4 *cequim*: Moeda de ouro veneziana.
- 5 *e que o dá*: Segundo Wagnière, Voltaire pretendia acrescentar aqui as seguintes sentenças: “Sois rei também, senhor?” “Não, e não tenho desejo algum de o ser”. Cf. Henry James, “Desde a cena da *table d’hôte* no *Cândido*, Veneza passou a ser o refúgio de monarcas destronados — ela não se reconheceria sem os seus *rois en exil*” (“The Grand Canal”, in *Italian hours*, Londres, 1909). O abastado Voltaire — ele também um “simples particular” — estava à época emprestando dinheiro a três governantes: ao duque de Wurtenber, ao eleitor palatino e ao duque de Saxe-Gotha.

CAPÍTULO 27

VIAGEM DE CÂNDIDO A CONSTANTINOPLA

- 1 *que não merece a vossa atenção*: Informa Wagnière que Voltaire pretendia acrescentar a frase “Que importa com quem se janta, conquanto se jante bem?”, a fim de afiar a sátira sobre a realeza.
- 2 *Propôntide*: O mar de Mármara.
- 3 *um antigo soberano chamado Ragotski*: Rácózy (1676-1735), príncipe da Transilvânia; apoiado por

Luís XIV e pelos turcos, organizou um levante húngaro contra o imperador Josefo II; o levante foi sufocado e ele buscou refúgio no mar de Mármara, próximo de Constantinopla.

4 *Grande Turco*: O imperador otomano.

5 *ao cabo de Matapan [...] a Scutari*: Uma rota oriental no Mediterrâneo; Mármara é o nome da principal ilha no mar de mesmo nome, entre Dardanelos e o Bósforo. Scutari é um subúrbio de Istambul no litoral do Bósforo.

6 *patrão levantino*: Comandante dos “levantes” (soldados das galés); também: nativo dos países do Levante (*levante* — nascente), isto é, o Mediterrâneo oriental.

CAPÍTULO 28

O QUE ACONTECEU A CÂNDIDO, A CUNEGUNDA, A PANGLOSS, A MARTINHO ETC.

1 *icoglã*: Garoto educado no serralho do sultão para desempenhar altas funções no Estado turco.

2 *cadi*: Juiz muçulmano.

3 *estava dissecando o diabo*: O supersticioso barbeiro imagina que o formato da cruz despertou os demônios que possuíam o corpo desse herético.

4 *barbeiro português*: Tradicionalmente, os barbeiros também praticavam a cirurgia. No começo do século XVIII, os cirurgiões franceses puderam enfim se libertar da humilhante associação à Guilda dos Barbeiros.

5 *Um dia fui tomado pela fantasia [...] gritou por ajuda*: A cena é um artifício da imaginação: aos cristãos não era permitido entrar nas mesquitas; a lei islâmica também vetava a presença simultânea de homens e mulheres em uma mesquita (ou qualquer forma de *décolletage*).

6 *harmonia preestabelecida*: O aspecto mais difundido da filosofia de Leibniz: as mônadas que compõem o universo leibniziano são entidades espirituais; elas não podem “observar” o mundo — por serem desprovidas de janelas —, mas o “refletem”, graças à virtude de uma correspondência que Deus firmou entre eles, de onde a “preestabelecida” harmonia; a teoria de Leibniz é evocada aqui de forma explícita, pela primeira vez no *conte*, como a filosofia do Otimismo.

7 *o pleno e a matéria sutil*: Dois elementos característicos da metafísica cartesiana: o universo como um sistema de vórtices compostos de fluido etéreo (*materia subtilis*), que sustentam e transportam toda a matéria no interior de um *plenum* — um cosmos “repleto” de matéria, sem espaços vazios, dado Leibniz ter negado a possibilidade de um vácuo. Os dois conceitos são exigidos para as operações do determinismo otimista, sendo refutados por Newton (e ridicularizados por Voltaire) em favor de um vazio luminoso ordenado pelas operações da lei gravitacional.

CAPÍTULO 29

COMO CÂNDIDO REENCONTROU CUNEGUNDA E A VELHA

1 *contingentes ou não contingentes*: Distinção tradicional na lógica, em que os eventos são ou contingentes (podendo acontecer) ou não contingentes (devendo acontecer).

2 *capítulos*: Assembleias de dignitários militares e religiosos e ordens da nobreza.

CAPÍTULO 30

CONCLUSÃO

1 *com a mão esquerda*: Isto é, conclui um matrimônio morganático, em que um príncipe pode desposar alguém inferior a si sem legar seus bens ou título à parceira ou à prole.

2 *de efêndis, de paxás, de cadis*: Dignitários turcos, governantes e juizes.

3 *Sublime Porta*: O portão do palácio do sultão.

4 *dervixe*: Membro de uma irmandade religiosa; em outro lugar, Voltaire compara os dervixes aos monges mendicantes.

5 *se os ratos estão bem acomodados ou não*: Voltaire já havia empregado a mesma imagem em sua correspondência: “No que diz respeito aos eventos no Norte da Alemanha, não penso estarmos mais

- bem informados que os ratos quanto às intenções dos que conduzem o navio” (9 de novembro de 1757).
- 6 *tu te calares*: No manuscrito, o conselho do dervixe começa assim: “Cultiva tua terra, bebe, come, dorme e [cala-te]”.
- 7 *dois vizires do banco e o mufti*: Dois ministros (vizires) do Conselho de Estado turco (o divã), e também o principal dignitário religioso de Constantinopla, o mufti.
- 8 *Batávia e das ilhas*: Indonésia e Índias Orientais.
- 9 *pois enfim Eglom [...] foram escravizados*: Exemplos tirados do Antigo Testamento.
- 10 *Creso [...] Domiciano*: Exemplos tirados da história da Grécia e de Roma.
- 11 *Ricardo II [...] Carlos I*: Exemplos tirados da história inglesa: Eduardo II (1284-1327; rei de 1307 a 1327) foi apeado do trono e assassinado na prisão; Henrique IV (1421-71; rei de 1422 a 1461 e de 1470 a 1471) foi destronado por seu rival Eduardo IV e morreu, possivelmente assassinado, na prisão; Ricardo III (1452-85; rei de 1483 a 1485) foi morto na batalha de Bosworth Field; Maria Stuart, conhecida como Maria, a Rainha dos Escoceses (1542-87), foi executada por ordens de Elizabeth I; Carlos I (1600-49; rei de 1625 a 1649) foi deposto pelas forças parlamentares lideradas por Oliver Cromwell e executado em seguida.
- 12 *os três Henriques da França, o imperador Henrique IV*: Os três Henriques são os reis da França: Henrique II (1519-59; rei de 1547 a 1559), morto em um torneio; Henrique III (1551-89; rei de 1574 a 1589) e Henrique IV (1553-1610, rei de 1589 a 1610) foram assassinados. Henrique IV (1050-1106), imperador do Sacro Império Romano (1056-1106), morreu no exílio.
- 13 *ut operaretur eum*: Gênesis 2,15 (na tradução da Vulgata latina): “E o senhor pegou o homem e colocou-o no Jardim do Éden, *para vesti-lo e para mantê-lo*”.
- 14 *marceneiro muito bom*: No manuscrito, Voltaire tinha a princípio descrito Giroflée como um “tapeceiro” (*tapissier*) muito bom.
- 15 *é preciso cultivar o nosso jardim*: “jardim”: plano da terra. Gustave Flaubert comentou sobre a conclusão: “O fim do *Cândido* representa para mim prova incontestável de um gênio de primeira ordem; a marca do mestre está nessa lacônica conclusão, tão estúpida quanto a vida em si”.

Cronologia

- 1694 Nasce em 21 de novembro em Châtenay, perto de Paris (Voltaire sempre afirmou ter nascido em 20 de fevereiro), batizado François-Marie Arouet. Seu pai era um notário rico; posteriormente, Voltaire se descreveria como o resultado ilegítimo de uma ligação entre a mãe, que morreu quando ele tinha sete anos, e um funcionário-cavaleiro-poeta. O irmão viria a ser sacerdote e jansenista; a irmã ingressaria na burguesia pelo casamento e morreria jovem.
- 1697 Pierre Bayle publica o *Dictionnaire historique et critique* [Dicionário histórico e crítico].
- 1704-11 Estuda em Paris no Collège Louis-le-Grand, o mais famoso colégio jesuíta. Adquire sólida formação em literatura latina, educação religiosa e uma paixão pelo teatro. Muitos colegas seus, que seriam amigos de toda a vida, eram de família aristocrata. Frequenta o ambiente cético e libertino do Temple, orientado pelo espírito epicurista e as fábulas de La Fontaine.
- 1710 Publicação de *Essais de Théodicée* [Ensaio de Teodiceia], de Gottfried Wilhelm Leibniz.
- 1712-14 Estudante de direito; vida social ativa em Paris e em vários castelos. Enviado a Caen em 1713; a seguir, ocupa um posto na embaixada francesa na Holanda.
- 1715 Morte de Luís XIV. Filipe, duque de Orleans, assume a regência.
- 1716 Retorna a Paris e passa seis meses exilado em Sully-sur-Loire por ter escrito uma sátira poética contra o regente.
- 1717-18 Vários meses de cárcere na Bastilha em virtude de novas insolências contra o regente.
- 1718 Seis meses de banimento em Châtenay. Adota o pseudônimo “Voltaire”. Sua primeira tragédia, *Ce dipe* [Édipo], encenada com grande sucesso.
- 1722 Viaja à Holanda.
- 1725 Três peças de Voltaire são apresentadas por ocasião das bodas de Luís xv.
- 1726-28 Obrigado a sair de Paris, exila-se na Inglaterra, passando por um período de contemplação forçada depois de uma desavença com o aristocrático cavaleiro de Rohan. Apresentado a Jorge I na Court of St. James. Conhece Alexander Pope, William Congreve, Henry Viscount Bolingbroke e se corresponde com Jonathan Swift. Admira *Viagens de Gulliver* (1726) e as obras de Isaac Newton. *La Henriade* [Henriada], poema épico sobre a intolerância religiosa publicado em Londres em 1728, confirma seu prestígio. Volta a Paris em outubro de 1728.
- 1733-34 Publica *Cartas filosóficas* (1733) em Londres, cuja edição francesa (*Lettres philosophiques*) vem à luz em Paris em 1734. O editor francês é preso, o livro é queimado publicamente por ordem do *parlement* de Paris e se expede mandado de prisão contra Voltaire; ele foge para Lorraine antes de se fixar em Cirey, em Champagne, na casa da amante, sra. Du Châtelet. Passa boa parte da década seguinte em Cirey: um período de intensa atividade literária e especulação filosófica (a começar pelo *Traité de métaphysique* [Tratado de metafísica], escrito em 1734). Publicação de *Essay on man* [Ensaio sobre o homem] de Pope.
- 1736 Começa a se corresponder com Frederico, o herdeiro do trono da Prússia.
- 1738 Publica *Eléments de la philosophie de Newton* [Elementos da filosofia de Newton].
- 1740 Conhece Frederico da Prússia, agora Frederico II.
- 1741 Guerra de Sucessão Austríaca (1741-48). Enviado em missão secreta para conseguir o apoio de Frederico II à causa francesa.
- 1743-46 A partir de 1742, Voltaire começa a contar com o favor temporário da corte de Luís xv em Versalhes, com o apoio da sra. Pompadour. Em 1744, a sra. Denis, sobrinha viúva desta, torna-se sua amante. Nomeado historiógrafo real (1745). Obtém um lugar na Academia Francesa (1746).
- 1747 Publica *Zadig*, seu primeiro conto filosófico impresso.
- 1748 O barão de Montesquieu publica *De l’Esprit de lois* [O espírito das leis].

- 1749 A sra. Du Châtelet morre no parto.
- 1750-53 Aceita o convite de Frederico II para residir na corte em Potsdam.
- 1751-52 Publicação do primeiro volume da *Encyclopédie*; Voltaire contribui com vários artigos para os primeiros volumes. Publica *Le siècle de Louis XIV* [O século de Luís XIV] e *Micrômegas*.
- 1753-54 Tendo se desentendido com Frederico, deixa Potsdam e é temporariamente mantido em prisão domiciliar em Frankfurt am Main. Luís XV impede seu retorno a Paris por causa de um delito não especificado. Segue-se um período de errância (Frankfurt, Schwetzingen, Colmar, Genebra).
- 1755 Fixa residência em Las Délices, na periferia de Genebra. A ordem jesuíta é expulsa do Paraguai. Irrupção das hostilidades franco-britânicas pelo Canadá. Jean-Jacques Rousseau publica *Discours sur l'origine de l'inégalité* [Discurso sobre a origem da desigualdade]. Terremoto de Lisboa (1.º de novembro); Voltaire escreve seu poema sobre o desastre (publicado em 1756).
- 1756 Irrupção da Guerra dos Sete Anos, instigada por Frederico II. Voltaire publica a primeira edição de *Essai sur l'histoire générale et sur les mœurs e l'esprit des nations* [Ensaio sobre a história geral e sobre os costumes e o espírito das nações], um exercício de história universal, e continua trabalhando numa edição ampliada, que vem à luz em 1761; publica a *Histoire des voyages de Scarmentado* [História das viagens de Scarmentado].
- 1757 A *Encyclopédie* é proibida pelo governo depois de publicar artigos controversos. Atentado contra a vida de Luís XV por parte de Robert François Damiens. Voltaire envolvido em negociações secretas entre Frederico II e a França acerca de uma paz em separado.
- 1758 Escreve *Cândido* e adquire o Château de Ferney e suas terras, nas proximidades de Genebra, onde passaria o resto da vida.
- 1759 (JANEIRO OU INÍCIO DE FEVEREIRO) publicação de *Cândido*. A ordem jesuíta é expulsa de Portugal.
- 1762-63 Publicação de *Du Contrat social* [Do contrato social] e de *Emile* [Emílio]. Campanha, enfim bem-sucedida, de Voltaire pela reabilitação póstuma de Jean Calas, um tecelão protestante de Toulouse injustamente acusado de matar o filho alegadamente disposto a se converter ao catolicismo. Isso inaugura sua prolongada cruzada contra *l'Infâme* — a intolerância e a perseguição praticadas pela Igreja católica aliada ao repressivo Estado francês —, que o ocuparia até o fim da vida; publicação do *Traité sur la tolérance* [Tratado sobre a tolerância], em 1763.
- 1764 Publicação da primeira edição do *Dictionnaire philosophique portatif* [Dicionário filosófico]. Dissolução da ordem jesuíta na França.
- 1766 Campanha de protesto contra a execução de Jean de la Barre, acusado de blasfêmia; publica um comentário sobre *Dei delitti e delle pene* [Dos delitos e das penas] de Beccaria, publicado em 1763.
- 1767-68 Publica *L'Ingénu* [O ingênuo], um ataque à intolerância e à perseguição religiosas na França, *La Princesse de Babylone* [A princesa da Babilônia] e outros contos, diálogos e miscelâneas filosóficas. Primeira viagem do capitão Cook.
- 1769 Publicação de *Le Rêve de d'Alembert* [O sonho de d'Alembert] de Denis Diderot.
- 1770 Publicação de *Système de la nature* [O sistema da natureza] do barão d'Holbach.
- 1772 Publicação de *Supplément au voyage de Bougainville* [Suplemento à viagem de Bougainville] de Diderot.
- 1774 Morte de Luís XV. Voltaire publica *Le Taureau blanc* [O touro branco].
- 1778 Sai de Ferney e visita Paris para a produção de sua última tragédia, *Irène*, depois de uma ausência de 28 anos. Seu retorno é uma apoteose gloriosa: ele morre em Paris no dia 30 de maio. Para evitar a recusa do enterro pela Igreja parisiense, seu corpo é retirado clandestinamente da cidade à noite e sepultado em Champagne. (Os restos mortais seriam

transladados a Paris e enterrados solenemente no Panteão em 1791.) Catarina, a Grande, adquire a biblioteca de Voltaire.

1789

Queda da Bastilha.

Copyright desta edição © 2012 by Penguin-Companhia
Copyright da introdução © 2005 by Michael Wood
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*
Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.
Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Candide ou l'Optimisme

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO

Ana Maria Alvares

REVISÃO

Ana Maria Barbosa

Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-8086-504-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Capa	
Introdução	
Cândido, ou o Otimismo	
Capítulo 1	
Capítulo 2	
Capítulo 3	
Capítulo 4	
Capítulo 5	
Capítulo 6	
Capítulo 7	
Capítulo 8	
Capítulo 9	
Capítulo 10	
Capítulo 11	
Capítulo 12	
Capítulo 13	
Capítulo 14	
Capítulo 15	
Capítulo 16	
Capítulo 17	
Capítulo 18	
Capítulo 19	
Capítulo 20	
Capítulo 21	
Capítulo 22	
Capítulo 23	
Capítulo 24	
Capítulo 25	
Capítulo 26	
Capítulo 27	
Capítulo 28	
Capítulo 29	
Capítulo 30	

Notas
Cronologia